



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

WIBSSON RIBEIRO LOPES

OS PRIMEIROS ANOS DO PT EM ALAGOAS (1979/1989)

Maceió – Alagoas

2016

WIBSSON RIBEIRO LOPES

OS PRIMEIROS ANOS DO PT EM ALAGOAS (1979/1989)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dra. Michelle Reis

Maceió – Alagoas

2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Janaina Xisto de Barros Lima

L864p Lopes, Wibsson Ribeiro.
Os primeiros anos do PT em Alagoas (1979-1989) /Wibsson Ribeiro Lopes – 2016.
180 f.: il.

Orientadora: Michelle Reis.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Ciências humanas, Comunicação e Artes. Programa de
Pós-Graduação em História. Maceió, 2017.

Bibliografia: f. 177-180.

1. Brasil – Política e governo. 2. Partido dos trabalhadores. 3. História política.
4. História de Alagoas. 5. Movimentos sociais. I. Título.

CDU: 981(091):323.233 “1979/1989”

RESUMO

Este é um estudo sobre o Partido dos Trabalhadores (PT). Buscamos investigar os primeiros anos do Partido no Estado de Alagoas, a edificação da organização e os primeiros embates políticos travados na transição da Ditadura para o período conhecido como Nova República. Para isso, entrevistamos ativistas que compuseram o PT no seu início, bem como um dirigente de outra organização que enxergava no surgimento do PT no Estado a possibilidade de um novo ator político participar das cenas de luta. Também nos valem dos jornais da época e sua cobertura dos momentos políticos daquele contexto, tanto as mobilizações de rua, da qual a campanha das Diretas Já foi sua principal contribuição, quanto os períodos eleitorais, dentro deles destacando-se as eleições de 1982, da qual o PT viu-se ausente, e as eleições presidenciais de 1989, quando ocupou o centro da cena política com a candidatura de Lula enfrentando o futuro presidente eleito Fernando Collor de Mello. Buscamos com essa pesquisa identificar quem foram aqueles agentes sociais à frente da construção do PT no Estado e como o Partido pôde se desenvolver no período, avaliando suas estratégias, alicerces organizacionais e movimentação política.

Palavras-chave: Partido dos Trabalhadores, História Política, História de Alagoas.

ABSTRACT

This is a study on the Worker's Party (PT). We intended to research the first years of the party in the Alagoas Country, the building of the organization and the firsts political struggles during the transition from the dictatorship to the period known as new republic. Insofar, we interviewed activists that were part of the PT on it's beginning, so as a leadership of another organization who saw on the emergence of the PT on the state the possibility of a new political actor participating on the scenes of struggle. We also took the newspapers of the time and its covering of the political moment of the time, even the street mobilizations, like the campaign of the Diretas Já!, as the electoral races, on that higlighting the elections of 1982, on which the PT were absent in Alagoas, and the presidencial elections of 1989, on which the same occupied the center of the political scene with the candidature of Lula fighting the future elected president, Fernando Collor de Mello. We intended with that research to identify who was those social agents who became ahead of the building of the PT in Alagoas and how the Party could developed on that time, examining its strategies, organizational foundations and political movements.

Key Words: Worker's Party, Political History, Alagoas History.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| Introdução | 9 |
| I.I - Uma consideração sobre a atual conjuntura política: O ódio disseminado à presidenta Dilma Rousseff | 16 |
| 1 Capítulo 1 -- Um país em transformação: Surge o Partido dos Trabalhadores. | 19 |
| 1.1 O contexto político internacional no final dos anos 1970..... | 19 |
| 1.2 A distensão lenta, gradativa e segura..... | 22 |
| 1.3 As derrotas eleitorais da ARENA e o fim do bipartidarismo | 24 |
| 1.4 O renascimento do movimento sindical..... | 28 |
| 1.5 Surge a proposta do PT..... | 37 |
| 2 Capítulo 2 -- Os primeiros passos do PT em Alagoas | 43 |
| 2.1 A problemática das fontes orais..... | 43 |
| 2.2 O peso do presente na memória..... | 44 |
| 2.3 Breve contexto social do ocaso da Ditadura em Alagoas | 49 |
| 2.4 O primeiro contato com o Partido dos Trabalhadores..... | 52 |
| 2.5 Primeiro grupo pró-fundação do PT | 59 |
| 2.6 Campanha pela legalização do PT | 73 |
| 2.7 O papel da Igreja Católica..... | 83 |
| 2.8 Os núcleos..... | 86 |
| 2.9 A composição inicial do PT..... | 89 |
| 3 Capítulo 3 -- Das eleições de 1982 às Diretas Já!..... | 92 |
| 3.1 As eleições de 1982 | 92 |
| 3.2 A ausência nas eleições de 1982 em Alagoas | 94 |
| 3.3 Os embates na eleição de 1982 | 97 |
| 3.4 Relação com as organizações e grupos da direita tradicional..... | 100 |
| 3.5 O PT e a CUT em Alagoas | 104 |
| 3.6 As Diretas Já | 108 |
| 3.7 A campanha das <i>Diretas Já!</i> em Alagoas | 113 |
| 3.8 O balanço político da campanha das Diretas Já! | 124 |
| 4 Capítulo 4 -- As eleições de 1989..... | 130 |

| | | |
|----------|---|------------|
| 4.1 | O embate Lula X Collor e o papel da mídia | 133 |
| 4.2 | O fortalecimento do PT..... | 141 |
| 5 | Conclusão | 153 |
| | Referências | 156 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo sobre o Partido dos Trabalhadores em Alagoas no período de sua fundação, coincidente com o ocaso da ditadura nas campanhas das Diretas Já! e as eleições de 1982. Veremos como se construiu no Estado de Alagoas esse partido que assumiria papel de enorme importância ao longo dos anos em nosso país.

Nosso principal objetivo é analisar os percalços pelos quais passaram os membros fundadores do PT em Alagoas. O cenário político alagoano do início dos anos 1980 será visto sob o prisma da fundação do Partido dos Trabalhadores. Abordaremos o período de 1979, quando da eclosão das greves do ABC, e formulação da proposta de criação do PT, até 1984, com a votação da emenda Dante de Oliveira e a mobilização em torno da campanha das Diretas Já! Escolhemos este período por representar a fundação do Partido dos Trabalhadores no Estado acompanhando duas importantes provações para o partido, uma institucional, envolvendo a participação do PT alagoano nas eleições de 1982, e uma provação dentro do movimento de massas, com a já citada campanha das eleições diretas para presidente da República.

O estudo de um partido político coloca algumas necessidades. A primeira delas é analisar de que maneira determinada cultura política¹ se formou a partir da atuação política de uma organização. A segunda questão é abordar a própria noção de político à luz dos problemas colocados pelo estudo de um partido político de esquerda tão polêmico quanto era o PT em seu surgimento. Cabe recordar que o PT foi responsável por, se não inaugurar, visto que durante anos o PCB construiu uma concepção parecida, resgatar a noção de classismo, construindo um partido de e para os trabalhadores ainda dentro do regime militar.

¹ "O objetivo era mostrar que a cultura política constituía um conjunto coerente em que todos os elementos estão em estreita relação uns com os outros, permitindo definir uma forma de identidade do indivíduo que dela se reclama. Se o conjunto é homogêneo, as componentes são diversas e levam a uma visão dividida do mundo, em que entram em simbiose uma base filosófica ou doutrinária, a maior parte das vezes expressa sob a forma de uma vulgata acessível ao maior número, uma leitura comum e normativa do passado histórico com conotação positiva ou negativa com os grandes períodos do passado, uma visão institucional que traduz no plano da organização política do Estado os dados filosóficos ou históricos precedentes, uma concepção da sociedade ideal tal como a veem os detentores dessa cultura e, para exprimir o todo, um discurso codificado em que o vocabulário utilizado, as palavras-chave, as fórmulas repetitivas, são portadoras de significação, enquanto ritos e símbolos desempenham, ao nível do gesto e da representação visual, o mesmo papel significante." BERSTEIN, Serge. "A cultura política". IN: RIOUX & SIRINELLI (org.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 350-351.

Escolhemos, portanto, pesquisar a história do surgimento do Partido dos Trabalhadores em Alagoas e a influência política que este exerceu no desenvolvimento dos movimentos sociais e na construção do cenário político Alagoano pós ditadura militar nos primeiros anos de sua trajetória. Optamos pelo período de sua constituição em Alagoas até o final dos anos 1980, com a eleição que levou o presidente Fernando Collor ao poder. Grande momento de lutas políticas e de provações que submeteram o PT a um teste que iria marcar sua identidade por décadas. São grandes momentos da história política brasileira que colocarão o Partido dos Trabalhadores, sua militância e seus parlamentares à prova perante toda a sociedade.

Alagoas foi um dos nove Estados escolhidos para a coleta de assinaturas e fundação de diretórios municipais visando a fundação do Partido dos Trabalhadores em 1981. Porém, o número mínimo de filiados só viria a ser atingido em 1983, após a primeira atuação nacional do Partido em um processo eleitoral, durante o ano de 1982:

Em Alagoas, alunos da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e do centro de Ensino Superior (CESMAC), além de rodoviários, integrantes do sindicato dos urbanitários, trabalhadores da construção civil e professores, entre outros, se mobilizavam para contribuir com a legalização do PT. Viagens ao interior eram comuns entre 1980 e 1981. Apesar do esforço, Alagoas só consegue oficializar a sigla em 1983. Foram criados 19 diretórios, mas erros na documentação impediram o registro.²

Contando com a presença em seu primeiro diretório de socialistas, ativistas do movimento estudantil da UFAL e CESMAC, sindicalistas e profissionais liberais, o PT iria se constituir no Estado de Alagoas sem jamais ter a força que chegou a ter em outros estados do Brasil. Parte do estudo poderá também ajudar a entender por que em Alagoas o Partido dos Trabalhadores foi incapaz de ter um número significativo de filiados e alcançar expressividade no poder político local.

A razão da inexpressividade do PT em Alagoas, segundo vários de seus dirigentes, como Paulo Fernando dos Santos (Paulão), ex-dirigente sindical e deputado federal, estaria na própria constituição econômica do Estado. Sem uma classe operária forte, a grande base social do PT, Alagoas não veria o Partido ter o mesmo desempenho que em outros estados de maior industrialização. Da mesma forma, a ausência de distribuição de renda não poderia construir uma classe média forte, a outra parte da fundamental base social que constitui o PT

² Jornal *Gazeta de Alagoas*. Maceió, 14 de fevereiro de 2010. Acessado às 18:00.

na maior parte dos Estados. O dirigente político do Partido dos Trabalhadores remonta à própria emancipação política de Alagoas para afirmar que os fatores que contribuem decisivamente para o caráter minguido da organização são a má distribuição de renda e conservadorismo do Estado:

Você não consegue ter uma esquerda forte se não tem bases sociais forte, uma classe média e uma classe trabalhadora fortes, se não tem uma distribuição de renda razoável." Explica o deputado ao questionar: "Como foi criado Alagoas? Alagoas foi separado de Pernambuco, que vivenciava a luta contra a escravidão, os ventos da revolução francesa, a visão industrial da Inglaterra, da Holanda, da França. E quem cria Alagoas? A elite pernambucana atrasada, que pega as melhores terras de Pernambuco e cria o Estado. Nosso problema é de nascedouro, vem de formação.³

A fala do Deputado engessa a interpretação do período de que adiantaria então a construção de organizações políticas, as ações de resistência dos movimentos sociais e a luta das oposições e mesmo das classes subalternas se Alagoas já estaria a priori condenada ao domínio de forças conservadoras e alinhadas às classes dominantes? De que adiantaria a formação de partidos de esquerda se a hegemonia política já estaria estruturalmente associada aos partidos tradicionais? Longe de oferecer uma interpretação sociológica ou matizada pelo contexto histórico, o que a interpretação acima nos traz é uma visão conservadora e resignada, uma justificativa simplista. É como se não importassem as decisões, ações, movimentos e escolhas dos agentes políticos. Não abre espaço para as mudanças e transformações. Veremos ao longo deste trabalho como, longe de representar um engessamento político a priori, o que marcou a constituição do PT no Estado foram as escolhas e as movimentações dentro das possibilidades, bem como a presença também de outras organizações de esquerda, como o PCdoB e o PCB, que também disputavam espaço político na reorganização que se dava na década de 1980 por conta da abertura política.

Sem dúvidas o estudo dos primeiros anos do Partido dos Trabalhadores por outro lado podem ajudar a construir a história política das esquerdas de conjunto no Estado e explicar por que este foi um partido de baixa adesão em comparação com os partidos alinhados com discursos mais conservadores.

³ IDEM, p. 14.

É nosso intento analisar neste trabalho de onde vieram os primeiros militantes do PT. Que movimentos e setores sociais animaram o Partido nesse primeiro período? Abordaremos essa questão no primeiro capítulo de nosso trabalho. No segundo capítulo analisaremos a questão das eleições de 1982 e o desempenho do Partido nesse período de desenvolvimento. Por fim, no terceiro capítulo faremos uma análise da atuação do Partido durante o período das Diretas Já e avaliaremos o impacto das eleições de 1989 no PT local. Partimos da hipótese de que esses eventos são significativos da constituição da identidade política do Partido dos Trabalhadores nacionalmente. São acontecimentos políticos que irão forjar a memória política do PT.

A economia alagoana teve um desenvolvimento muito mais calcado em formas arcaicas de acumulação capitalista do que as do Sudeste do país. Sendo breve, o cenário econômico formado em Alagoas foi o de domínio de um setor extremamente retrógrado para os padrões capitalistas, o sucroalcooleiro. Lessa traça um panorama sombrio para as terras caetés:

Além de construir, pela utilização da mais-valia absoluta, uma sociedade de miseráveis, a agroindústria alagoana, por seu caráter exportador, cria uma sociedade sem estabilidade econômica, sem mercado interno substancial e carente de um grau significativo de divisão interna do trabalho. A atual economia alagoana superou a escravidão, porém conserva ainda, de maneira modernizada, os outros traços da economia alagoana do período colonial; ainda baseia-se na monocultura, na união entre agricultura e indústria e na exportação dos seus principais produtos.⁴

Lessa descreve ainda que pelos padrões de acumulação de capital impostos pelos usineiros termina por ser produzido em Alagoas um contingente elevado de desempregados. Estes desempregados contribuiriam para diminuir a força da organização sindical, constantemente minada em suas bases.⁵

Nos últimos anos da ditadura militar, começou a se gestar em Alagoas um cenário mais favorável aos movimentos da esquerda. Houve uma maior politização de setores assalariados como químicos, bancários, funcionários públicos, dentre outros. O amplo movimento nacional por anistia chegava em Alagoas e unificava a esquerda; mobilizações sindicais pipocaram e se enfrentaram com os governos e o regime. A eleição aos sindicatos dos Jornalistas terminou com a vitória da oposição liderada por Freitas Neto e a derrota do

⁴ Lessa, Golbery. Uma nova Alagoas é Possível. <https://docs.google.com/document/d/1QYhvEfwBzBikP2a2-p1E15ctzIDoiPOX_7yrwOKOWZE/edit?hl=pt_BR&pli=1>. Acessado às 02:41 13/11/2013

⁵ IDEM

candidato apoiado por Divaldo Suruagy, força política local aliançada ao regime⁶. Lideranças empresariais descontentes com os rumos do governo militar pós-milagre econômico lideraram uma frente democrática que abarcava os novos partidos de esquerda e questionava a ditadura e suas figuras políticas no Estado. O PT surge neste momento de questionamentos. Cícero Péricles é preciso quanto ao clima político que existia no Estado, de forte rechaço aos candidatos do regime militar:

Em Alagoas, em quase todos os setores políticos, entra-se na década de 80 com a consciência plena do fracasso dos vários governos que se sucederam na vigência do regime militar (Luiz Cavalcante, Lamenha Filho, Afrânio Lages, Divaldo Suruagy e Guilherme Palmeira) no seu enfrentamento contra o próprio subdesenvolvimento regional. O balanço realizado pelo próprio Governo do Estado em 1983 é um verdadeiro libelo acusatório aos governantes estaduais do período em que o Brasil viveu sob a ditadura militar. Depois de duas décadas de 'revolução' e de 'milagres, 42% da População Economicamente Ativa encontrava-se desempregada ou subempregada;(...)⁷

Dedicar-nos a entender qual foi o peso que o PT desempenhou na vida política nos primeiros anos de sua existência em Alagoas, dentro destes embates contra o agonizante regime militar, será de grande valia para auxiliar-nos a entender o grau de enraizamento do Partido dos Trabalhadores na política estadual. Igualmente importante é precisarmos quais foram os grupos políticos e camadas sociais que estiveram à frente da fundação do PT no Estado. Que papel teve o sindicalismo de classe média no Estado? E o movimento estudantil? E os trabalhadores assalariados e trabalhadores do campo? São questões em aberto que merecem respostas e ajudarão a entender o que foi o PT em seus primeiros anos em Alagoas.

Entender como se deu o surgimento do Partido dos Trabalhadores em Alagoas auxiliará a compreender também o que representou para o país o fenômeno político do PT. O estudo do partido dos trabalhadores em Alagoas dará mais consistência à história do Partido no Nordeste e no Brasil.

Nosso trabalho terá como fonte principalmente os depoimentos dos pioneiros do PT em Alagoas, dos fundadores e membros iniciais do Partido. Portanto, o uso da história oral será de grande importância para nosso estudo. Usaremos a expressão "fontes orais" para assim nos referirmos a estas, por acharmos o termo mais preciso e mais de acordo com a abordagem

⁶CARVALHO, Cícero Péricles de Oliveira. *Alagoas 1980-1992: a esquerda em crise*. Maceió: EDUFAL/LUMEN/ENGENHO, 1993. p.25

⁷ IDEM, p.22.

adotada. É preciso entender as particularidades das fontes orais em relação a outras mais comumente utilizadas pelos historiadores. A fonte oral é aquela produzida de maneira imediata para o historiador.

Por fim, a abordagem se preocupará em compreender qual memória foi construída pelo Partido dos Trabalhadores. Em nosso entender as fontes orais não podem ser vistas, assim como nenhuma fonte histórica, como um instrumento de verdade absoluta. Os distintos agentes partícipes da construção do Partido dos Trabalhadores terão construído uma narrativa diferenciada a partir de sua posição; por isso conversar com dirigentes que também não fizeram parte do Partido dos Trabalhadores será importante para contrastar os mais distintos discursos, e analisar cada um desses contrastes será essencial.

Entrevistaremos os pioneiros do Partido dos Trabalhadores em Alagoas. Figuras que ainda hoje cumprem importantes papéis políticos e sociais na cidade. Os professores Ricardo Coelho e Tutmés Airan, respectivamente dos cursos de Comunicação e de Direito, estavam entre os primeiros líderes estudantis a tomar parte na organização. Igualmente, a professora de Ciências Sociais Alice Anabuki, à época funcionária pública, esteve entre as fundadoras do Partido no Estado.

Além destes nomes, o primeiro diretório do PT em Alagoas servirá como fonte. Nomes como Adelmo dos Santos, à época do sindicato dos radialistas de Maceió, poderão ser entrevistados para ajudar a explicar as origens do Partido dos Trabalhadores e sua presença e impacto nos movimentos sociais alagoanos da época.

Usaremos a história oral sobretudo como um método, conforme proposto por Ferreira:

Há ainda os que consideram a história oral como um método de investigação e têm como pressuposto, portanto, defender a história oral como metodologia. Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho - tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho -, funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral, o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral, o que, a nosso ver, não permite classificá-la, unicamente como prática. Mas na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar questões, ou seja, formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas.⁸

⁸ FERREIRA, Marieta de Moraes. "História oral: velhas questões, novos desafios." pág. 170. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.

Material nada inocente, a memória deve ser investigada com cautela. Afastamo-nos do binarismo que relaciona história/memória em dicotomias como verdadeiro/falso. Não identificamos a memória também como uma narrativa fixa do passado. Nas palavras de Lavabre:

la “memoria” no designa ya más únicamente la capacidad de un individuo a fijar, a conservar, a recordar el pasado: evoca, en desorden, todas las formas de presencia de un pasado que no tienen que ver stricto sensu la historia como operación intelectual que se esfuerza por establecer los hechos del pasado y de hacer que sean inteligibles.⁹

Por isto o debruçar sobre as memórias deve ser cuidadoso. A memória é mais efeito do presente que efeito do passado¹⁰, aponta Lavabre. Por isto, muito do que acontece no presente que vive, aquele que relata sua memória se imbrica em seu discurso. Seus interesses, suas paixões e suas projeções também estão lá e cabe ao historiador percebê-los.

La definición de la “memoria” se funda entonces en la distinción entre ella y la historia: esta última, “crítica” y no “totémica”, según la fórmula de Pierre Nora, dotada de sus métodos y sus saberes técnicos, toma la memoria como objeto. La “memoria” remite así a todas las formas de la presencia del pasado que aseguran la identidad de los grupos sociales y especialmente de la nación. No es historia, por lo tanto, en cuanto ésta tiende a la inteligibilidad del pasado, y tampoco es, propiamente hablando, recuerdo: es “economía general y administración del pasado en el presente” (Pierre Nora).¹¹

A memória não é passado. Também não é simples recordação. A memória remete a todas as formas de presença do passado, a memória é aquilo que conforma a identidade de um grupo, de um Partido, de uma nação. Esta definição de memória é a que servirá de guia deste trabalho.

⁹ http://virajes.ucaldas.edu.co/downloads/Virajes11_1.pdf. Acessado em: 24/07/2016. 12:46

¹⁰ idem, ibidem.

¹¹ <http://www.historizarelpasadovivo.cl/downloads/lavabre.pdf>. Acessado em: 24/07/2016. 13:19

II - UMA CONSIDERAÇÃO SOBRE A ATUAL CONJUNTURA POLÍTICA: O ÓDIO DISSEMINADO À PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF

Desenvolvemos nossa pesquisa no período compreendido entre as mobilizações de Junho de 2013 e o processo que levou ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Momentos quentes da história política contemporânea brasileira. O calor destes momentos refletiu-se neste trabalho, especialmente nos depoimentos de pessoas até hoje ligadas afetivamente ou mesmo organizativamente ao Partido dos Trabalhadores. É difícil ainda entender com profundidade o atual momento da política brasileira. Em ensaio instigante, Tales Ab'Saber bate no liquidificador de sua prosa toda a irracionalidade da política atual:

Quando se vive, em um estado de direito, em meio a denúncias constantes de desvios de várias centenas de milhões de dólares de empresas públicas, cuja culpa já foi assumida por vários réus em juízo; e quando a empresa assaltada é a Petrobras; e quando milhares de pessoas, em sua maioria das classes altas brasileiras, vão às ruas mais de uma vez pedir o impedimento da Presidente; quando discursos públicos de governo são encobertos com o som de panelas batendo, e quando o mesmo público, que se levanta indignado por um sistema de corrupção, convive bem com outro e com quem pede o retorno de alguma ditadura no Brasil; quando, após anos de disseminação desta linguagem, ouvimos aos gritos que petistas devem ir para Cuba – no mesmo momento em que os Estados Unidos reabrem relações com Cuba – quando Ronaldo Caiado – alguém ainda se lembra quem ele é? – tenta se tornar representante das ruas, e pede a extinção do Partido dos Trabalhadores por corrupção reiterada; quando, da noite para o dia, e sem manifestação do governo, o Congresso libera votações da redução de maioria penal e de uma quase ilimitada terceirização, no país dos direitos trabalhistas varguistas que, entre outras coisas, foram responsáveis pela criação dos sindicatos que deram origem ao PT; quando papais e mães ficam felizes com as fotografias de seus filhos abraçados a policiais militares durante manifestações na Avenida Paulista, em uma época em que a polícia brasileira é denunciada como uma das que mais mata no mundo, especialmente jovens pobres e negros; quando o espaço público da política imaginada se encontra em tal momento de radicalização, de tensão e de esgarçamento dos sentidos, a favor de uma difusa nova direita, em que cidadania parece ser apenas a garantia de todos se desentenderem, bem como o evidente direito da grosseria brasileira de se expressar nas ruas como política, talvez, então, nesta hora histórica de meio transe, seja difícil – para muitos dos que estão excitados, ou correndo risco iminente de prisão, ou movidos pelos interesses mais baixos de ódio e de vingança (de classe?) – pensar com processos de sentido mais amplos, que, todavia, nem sempre são meramente simbólicos.¹²

Hora histórica de meio transe talvez seja uma boa definição, que aponte para a aura de irracionalismo que recobre nosso tempo político. O fato é que depois de mais de uma década

¹² AB'SABER, Tales. *Dilma Rousseff e o ódio político*. p.20.

de governos petistas organizou-se uma oposição de direita capaz de defenestrar Dilma Rousseff da presidência através de questionável processo de impeachment.

Mas seria falso ver apenas em forças conservadoras a oposição ao governo petista. Junho de 2013 viu as ruas tomadas por um movimento iniciado contra os aumentos das passagens, mas canalizado para massivos protestos onde desfilaram muitas bandeiras, demandas e máscaras, mas prevaleciam a indignação e o descontentamento com os rumos das grandes cidades e da condução política do país. O PT perdeu também a hegemonia das ruas:

O movimento social dos jovens independentes de esquerda pensava em valores amplos e utópicos, mas perfeitamente possíveis, ao mesmo tempo que ocupava o espaço real deixado pela alienação do Estado e da política oficial em relação ao mundo da vida. Uma nova prática social, à esquerda, anunciava a perda de contato do Partido dos Trabalhadores com as forças que durante mais de trinta anos ele quis representar, e soube integrar, para a hegemonia do grande projeto de Lula.¹³

Solapado à esquerda e à direita, o mandato de Dilma Rousseff enfraqueceu-se e naufragou. Claro que o agente político desse ataque não foi a esquerda, a juventude de Junho ou algum ator social alinhado a ideias de esquerda. O que o Brasil assistiu nos últimos anos foi a volta à cena de um tipo não totalmente desconhecido. Anticomunista, odioso de tudo que possa remeter ao imaginário da esquerda, vestido de verde e amarelo, branco, elitista, raivoso, avesso ao diferente, intolerante:

Com o realinhamento gradual e real do grande capital contra o governo, o homem conservador médio, antipetista por tradição e anticomunista por natureza arcaica brasileira mais antiga – um homem de adesão ao poder por fantasia de proteção patriarcal e agregada, fruto familiar do atraso brasileiro no processo da produção social moderna – pode entrar em cena como força política real, deixando de expressar privadamente um mero ressentimento rixoso, carregado de contradições, contra o relativo sucesso do governo lulo-petista, que jamais pode ser verdadeiramente compreendido por ele.

Com as eleições, e o apoio senhoril assegurador do grande dinheiro, que voltava a ser genericamente antipetista, este povo se manifestou em massa. Com a bomba atômica da corrupção na Petrobras revelada, explodindo no colo da Presidente logo após a reeleição – a verdadeira ficha do desequilíbrio político final – esta camada média, que havia se organizado ao redor de um candidato e que não se conformara com a sua derrota, ganhou o instrumento definitivo, agora de fato real, que, junto com a sua própria nova organização, de produção midiática de espetáculo de massas, e de muita estratégia na internet, gerou a nova paixão política conservadora pósmoderna brasileira. O desequilíbrio mais profundo da política no capitalismo de

¹³ IDEM. p.29

consenso geral brasileiro, indicado acima por Paulo Arantes, tendia a se desequilibrar fortemente para a direita, nova velha.¹⁴

Velhos conhecidos. Descontentes com a derrota de seu candidato oficial às eleições, esta massa reacionária, conservadora, voltou à cena e assumiu, admitamos, protagonismo político ao colocar em xeque o governo petista. Encerrou-se o ciclo de governo petista à frente do país de maneira inimaginável. Neste contexto político caótico, de incertezas e determinações, é que desenvolvemos nossa pesquisa.

O Partido dos Trabalhadores assumiu o protagonismo da esquerda em nosso país. Construído como uma ferramenta de combate à ditadura, esse partido se tornou a linha de frente na organização sindical do país, serviu como centro gravitacional de importantes movimentos como o Movimento Sem Terra (MST) e chegou ao poder em nosso país. Contar a história deste partido é contar a história do Brasil sob determinado ângulo, nos últimos anos. E é impossível contar esta história sem observar as singularidades e diferenças locais. O estudo do PT em nosso Estado nos ajudará portanto a entender este partido, entender Alagoas e, sobretudo, entender o Brasil recente sobre um determinado ângulo político.

¹⁴ IDEM. p.32

1 CAPÍTULO 1 - UM PAÍS EM TRANSFORMAÇÃO: SURGE O PARTIDO DOS TRABALHADORES.

Este capítulo tem como objetivo traçar um breve panorama sobre o cenário político da transição do regime militar para a Nova República. Analisaremos o contexto do declínio da política econômica da ditadura militar, conhecida como o milagre econômico e os fenômenos políticos que influenciariam a criação do Partido dos Trabalhadores. Além disso, observaremos o cenário da política do Governo Geisel de distensão lenta, segura e gradual da ditadura. Construindo este quadro da política brasileira dos anos 1979 até 1984 simultaneamente acompanhamos a fundação do Partido dos Trabalhadores em Alagoas e contextualizamos o discurso dos construtores do PT, nossas fontes orais, dentro do período. O contexto político social do surgimento do Partido dos Trabalhadores: a crise do milagre econômico

1.1 O CONTEXTO POLÍTICO INTERNACIONAL NO FINAL DOS ANOS 1970.

O debate pela construção do Partido dos Trabalhadores iniciou-se dentro de um contexto internacional muito distinto daquele que se viveu o processo de construção do PCB, conhecido à época como "Partidão", como Partido de massas da década de 1940 e do surgimento das vanguardas guerrilheiras, urbanas e rurais, da década de 1960. Se, por um lado, vivíamos a nível internacional ainda dentro do que definimos como Guerra Fria, por outro é mister analisar que há uma distensão global em torno das duas superpotências - EUA e URSS - que rivalizavam a disputa política e ideológica que por vezes aproximou a humanidade de fato de uma "guerra quente".

A nível internacional, assistíamos à derrota das tropas estadunidenses do Vietnã, derrotadas pela forte pressão política exercida pelos movimentos anti-belicistas e juvenis que se levantaram no mundo inteiro, tendo como epicentro o ativismo dentro do próprio Estados Unidos. Esta retirada construiria também por parte dos EUA uma modificação em sua relação com os demais países, levando à construção de uma política mais forte no governo de Jimmy Carter de valorização dos direitos humanos e regimes democráticos.¹⁵ No governo Carter também assistiu-se ao reestabelecimento de relações diplomáticas com a China em 1977 e ao

¹⁵ NETTO, José Paulo. *Pequena História da ditadura brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 185-186

fomento a negociações de paz entre Israel e palestinos no Oriente Médio, com os acordos de Camp David em 1979.

Na Europa, as ditaduras de Salazar em Portugal, findada com o movimento em 1974 conhecido como Revolução dos Cravos, e a de Franco na Espanha, que viveu nos anos de 1976 e 1977 um forte período de greves e mobilizações populares, construíram um ânimo diferenciado nos movimentos sociais de toda a América Latina, incentivaram a percepção de que também era possível enfrentar as ditaduras do cone sul, abrindo-se para a perspectiva de vitórias e avanços.¹⁶ Somado a isso, explodiram lutas pela libertação colonial em diversas colônias de Portugal, em reação à queda do salazarismo: Angola, Moçambique, São Tomé e Cabo verde. Por fim, a Revolução Nicareguense em 1979 colocava novamente a América Latina no mapa das lutas sociais de libertação e resgatava a memória da Revolução Cubana. Reacendia-se o imaginário político de esquerda.

Mas não era só no terreno político que percebiam-se mudanças que afetavam o Brasil. O terreno econômico também apresentava modificações que iriam afetar sobremaneira o governo militar brasileiro. A combinação do fim do acordo de Bretton Woods, em que os Estados Unidos abandonavam o padrão ouro, com a crise do petróleo causada pela retaliação empreendida pela Organização dos Países Produtores do petróleo (OPEP), medida política que fora chamada de primeiro choque do Petróleo¹⁷, empreendida como expressão de descontentamento aos interesses expansionistas de Israel, com o objetivo de pressionar os países ocidentais através do aumento do preço do barril de petróleo cru, constituiu um cenário econômico que iria começar a afetar o chamado "milagre econômico" brasileiro. Em síntese, José Paulo Netto apresenta as cifras que indicam a fragilidade em que se encontrava a economia brasileira, tão dependente do petróleo:

Que o 'milagre' chegava ao fim, Geisel e sua equipe logo o constataram: se o PIB crescera 14% em 1973, esta taxa caiu para 8,2% em 1974 e bateu nos 5,1%, em 1975. O crescimento da indústria indicava mais eloquentemente o que estava se passando: os extraordinários 17,03% de 1973 caíram para 8,4% em 1974 e não foram além de 4,9% em 1975. E a inflação avançava: 28,6% em 1973, 27,8% em 1974 e preocupantes 41,2% em 1975. Estavam claros os estrangulamentos com que se defrontava a economia brasileira, determinados pela sua dinâmica interna; a questão era escolher e definir o rumo a seguir. Geisel não considerou nenhuma

¹⁶ CHAGAS, Juary. *Nem classe trabalhadora, nem socialismo - O PT das origens aos dias atuais*. São Paulo: Sundermann, 2014. p. 39

¹⁷ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

alternativa senão a continuidade do crescimento econômico, mesmo nas condições internacionais adversas (que são sinalizáveis com um único dado: na conjuntura em que o barril do cru triplicou de preço em semanas, o Brasil importava 80% do petróleo que consumia) - seria uma espécie de 'marcha forçada' do crescimento. A opção desenvolvimentista de Geisel estava conectada à sua estratégia política - seria realmente muito difícil conduzir a distensão num quadro de estagnação ou, pior ainda, de recessão econômica.¹⁸

Vemos então em um rápido panorama a identificação do declínio daquilo que convencionou-se chamar de "milagre econômico", o crescimento do país durante alguns anos de um PIB de mais de 10% ao ano durante parte das décadas de 1960 e 1970. O "milagre", frise-se, nada possuía de divino ou sobrenatural. Era na verdade o resultado de uma política econômica baseada em intensa exploração da força de trabalho que tinha seus salários achatados dentro de um contexto social em que a resistência operária era praticamente inexistente devido ao cerceamento das liberdades, limitação do direito de greve e forte controle estatal das organizações sindicais. A consequência deste modelo econômico foi uma forte concentração de renda e a inserção das multinacionais estrangeiras na vida brasileira como até então não havia se dado. Este modelo de desenvolvimento também foi o responsável pela construção do parque automobilístico no ABC paulista, bem como uma maior industrialização do país de maneira geral.

A solução encontrada pelo governo Geisel foi então a de adotar um novo plano nacional de desenvolvimento - o II PND, haja vista que o primeiro teria sido aplicado em 1971 pelo governo Médici - sob uma perspectiva de adiar a crise e manter o crescimento econômico mesmo em adversas condições internacionais. Em que pese que se tenha mantido relativo crescimento, não se conseguiu manter os patamares do período do "milagre", e com isso a deterioração das condições de vida passou a ser cada vez mais sentida.

O governo Geisel viu-se então em uma situação muito difícil: o Brasil se tornava o campeão mundial do endividamento, com uma dívida externa de US\$52 bilhões em 1978¹⁹, os trabalhadores indignavam-se com a defasagem salarial oculta por dados do governo que inicialmente registravam a inflação no ano de 1973 em 15,5%, rapidamente desmascarados por estudos do Banco Mundial que evidenciaram que na verdade a inflação daquele ano foi de

¹⁸ NETTO, José Paulo. *Pequena História da ditadura brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014. p.187-188

¹⁹ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p.122

22,5%.²⁰ Tal revelação gerou a revolta dos trabalhadores em busca de seus reajustes salariais e ajudaram a aumentar as tensões envolvendo a transição que se iniciava ainda lentamente. A década de 1980 veria, por fim, o sepultamento definitivo do milagre econômico, com a inflação registrando 100% anuais²¹. Tal cenário coincidiria com a explosão dos movimentos pelas Diretas Já²² no Brasil inteiro.

1.2 A DISTENSÃO LENTA, GRADATIVA E SEGURA

Com a posse de Geisel, em 15 de março de 1974, e seus cinco anos de governo, vemos a implementação de uma política de mudança no regime militar. Acossado pela crise econômica internacional que atrapalhava os planos do milagre e se vendo às voltas com o que chamaria de "excessos" do regime militar. Nas palavras do próprio Geisel, era preciso criar uma "democracia forte".²³ Algumas bandeiras democráticas deveriam ser erguidas, mas com a cautela de manter o regime de segurança nacional e o aparato repressivo. Os ministérios anunciados por Geisel em março de 1974 são um exemplo desta política de conservação da linha dura e apontamento de mudanças. Os ministérios militares e centros de informação ficarão na mão de "homens de confiança", militares da linha dura.²⁴ Mudanças se faziam sentir na nomeação de Severino Gomes - afastado do governo Castelo Branco por supostas posições nacionalistas - para o Ministério da Indústria e Comércio, Azeredo da Silveira, diplomata pragmático, para o Ministério das Relações exteriores, e Golbery do Couto e Silva com o importante papel de dirigir a casa civil.²⁵

O que se discutia internamente era a necessidade de assentar o regime em outros pilares além da repressão pura e simples. Conter os excessos do aparato repressivo e ao mesmo tempo mostrar a sociedade que o regime abria-se para a incorporação "democrática" da sociedade. Lembremos que o discurso da democracia era importante para a legitimação do regime militar brasileiro, haja vista que todo o discurso que legitimou o golpe estava

²⁰ IDEM, p. 119

²¹ IDEM, p. 142

²² As Diretas Já foram uma grande campanha cívica que tinha como principal pauta a luta pelas eleições diretas para a presidência da República. Movimento emblemático do que seria a segunda fase do processo de abertura política, marco das lutas pela democracia no período e pelo fim da Ditadura militar, chegou a aglutinar um milhão de pessoas nas ruas do Rio de Janeiro, representando assim uma contundente refratação à proposta de abertura conduzida pelos militares. Cf. TEIXEIRA, Francisco Carlos. "Crise da ditadura militar e o processo de abertura política". IN: *O Brasil republicano*; v.4. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Org. FERREIRA, Jorge; ALMEIDA, Lucília de.

²³ NETTO, José Paulo. *Pequena História da ditadura brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014. P. 177

²⁴ IDEM, p. 177

²⁵ IDEM, p.177

embasado em uma suposta preservação do regime democrático brasileiro contra as intenções golpistas das organizações de esquerda. A chamada "revolução brasileira" tinha portanto o objetivo claro de salvaguardar as instituições democráticas, derrotar as forças golpistas de esquerda e reestabelecer a ordem. José Paulo Netto define o que seria a linha de intervenção de Geisel:

Geisel se traçou uma linha de intervenção em dois planos. O primeiro consistia em submeter a forte controle a máquina repressiva, disciplinando-a, depurando-a do banditismo e do que considerava os seus "excesso". Estava consciente de que encontraria fortes resistências nos núcleos 'duros' do regime, em especial na "comunidade de informações" e nos 'porões', onde a autonomização dos agentes repressivos já colidia, em muitos casos, com a própria hierarquia militar, mas principalmente cuidou de avançar com cautela. O segundo plano de intervenção era de natureza estritamente política: Geisel optou por buscar uma nova legitimidade para o regime através da valorização do seu Partido, a ARENA, que até então, era objeto de olímpico desprezo pelos dirigentes da ditadura. Em resumidas contas, neste plano, o que Geisel pretendia era abrir espaço para um mínimo de vida e de atividade políticas - mas espaço controlado pelo Executivo e sob sua orientação.

Seria nesse contexto que Golbery lançaria a disjuntiva de uma distensão "lenta, gradativa e segura".

Em termos militares, uma retirada, ou seja, uma das operações mais complicadas e delicadas. Qualquer descuido, como se sabe, e a retirada viraria debandada. Era necessário o maior cuidado para que as coisas se passassem em ordem e em paz. Daí porque a distensão deveria ser, conforme Geisel anunciou em agosto de 1974, *lenta, gradativa e segura*. Lenta, sem pressa, devagar; gradativa, por etapas, de modo que se pudesse avaliar, a cada momento, o caminho percorrido, as novas circunstâncias, os objetivos alcançados e os desafios a serem enfrentados. e segura, sob controle, com a máxima segurança possível.²⁶

A prova de que esta distensão se daria conservando ainda muito do caráter repressivo do Estado Brasileiro se deu com a vaga repressiva desencadeada contra os Partidos comunistas, PCB e PCdoB em 1975/1976, que culminaria mesmo com a eliminação física de parte do comitê central do PCB.²⁷ O caso mais grave, porém, seria o assassinato do jornalista Vladimir Herzog. A morte de Vlado gerou intensa comoção na sociedade, a mobilização de setores progressistas da Igreja Católica e da sociedade brasileira, como a ordem dos

²⁶ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p.98-99

²⁷ NETTO, José Paulo. *Pequena História da ditadura brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014. p.181

advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Mesmo parte da imprensa que fora entusiasta do golpe condenou o desaparecimento do jornalista e a alegada tese de que cometera suicídio. A *Folha de São Paulo* publicou editorial criticando a arbitrariedade e truculência do regime no episódio envolvendo Vlado. Por fim, a morte do operário Manuel Fiel Filho, do PCB, três meses depois do suposto suicídio de Vladimir Herzog mostrava que os "porões" da ditadura estavam dispostos a seguir a escalada de arbitrariedades mesmo a contragosto de Geisel. A forte pressão da sociedade, porém, foi capaz de enfraquecer a "linha dura" e a ala mais truculenta do serviço de informações e "porões" da ditadura, fortalecendo o projeto de distensão de Geisel.

É preciso entender o porquê da oposição desse setor ao projeto de distensão de Geisel. À medida que um forte aparato repressivo fora construído para derrotar as esquerdas, principalmente os movimentos de guerrilha, os militares ligados a estes aparelhos e órgãos se viram fortalecidos politicamente. Desmembrar ou enfraquecer esses órgãos era, conseqüentemente, fragilizar politicamente todo um grupo de militares envolvido nessas tarefas repressivas. Pejorativamente, estas alas de militares refratários a mudanças eram também chamadas de "bolsões sinceros, mas radicais".²⁸ Devido aos excessos cometidos pelos militares da linha dura no período 1975/1976 e a pressão dos governos europeus e principalmente do norte americano Jimmy Carter, envolvido em uma nova política de valorização dos direitos humanos, os militares dos "bolsões sinceros" se viram muito enfraquecidos em suas posições.

1.3 AS DERROTAS ELEITORAIS DA ARENA E O FIM DO BIPARTIDARISMO

É importante entendermos que o regime militar no Brasil se estruturou a partir de um sistema partidário que garantiria uma aparência democrática, uma boa fachada para evitar maior desgaste da ditadura. Havia o respeito a um colégio eleitoral controlado pelos militares, a partir da dissolução de todos os Partidos e a legitimação de apenas duas organizações, o ARENA, mais claramente ligado ao governo, e a oposição do MDB. Em que pese que houve momentos de intensificação da repressão, como durante o período do Ato Institucional número 5,²⁹ esse bipartidarismo funcionaria como um esquema de suavização da percepção da

²⁸ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p.101

²⁹ O Ato institucional nº5 ou AI-5 estabelecia prerrogativas ainda mais autoritárias ao regime militar. Sua aplicação ficaria conhecida como "o golpe dentro do golpe".

ditadura e repressão e instrumento por onde se canalizaria uma possível distensão do regime.³⁰

Chamemos atenção para o fato de que a estratégia política da distensão democrática empreendida pelo governo Geisel foi precedida pelas duas vitórias consecutivas da ARENA nas eleições gerais de 1970 e 1972, alicerçadas no crescimento econômico do "milagre" e a derrota sofrida em 1974, quando o MDB conquistou 16 das 22 cadeiras do Senado:

Com efeito, com a vitória oposicionista de 1974, a estratégia governamental adquiriu uma dupla ação: de um lado, utilizou as eleições enquanto legitimador processual, enquanto revitalizador da noção de legalidade na ação governamental; de outro lado, empreendeu uma sucessão de medidas casuísticas contra o avanço eleitoral da oposição, no objetivo de controlar os mecanismo de regulação de uma competição política desigual.³¹

Esta derrota foi muito grave para os planos de distensão. O regime perdia nos principais estados da federação, vencendo apenas na Bahia, Mato Grosso, Maranhão, Piauí, Pará e Alagoas.³² As conclusões eram claras: pela primeira vez em eleições pós-1964 o MDB obtinha um bom desempenho, apoiado na insatisfação com o regime, e assinalava uma importante derrota aos militares.

Parte da luta por angariar simpatia na população utilizando-se das eleições, o MDB lançaria também à presidência a candidatura de Ulysses Guimarães, que percorreria o país em comícios e reuniões com apoiadores como forma de desgastar o regime. Embora alguns tenham criticado a ação por ver nela uma abertura para a interpretação de legitimação do regime³³, outros viram na ação uma grata surpresa capaz de reforçar os ânimos da oposição.

A reação do governo a estas derrotas não poderia ser outra que não criar restrições ao plano de distensão. O risco de perder o controle era real, à medida que o descontentamento com o regime aumentava, na esteira dos problemas econômicos advindos da crise do "milagre" e as insatisfações relacionadas com a condição de vida. O descontentamento portanto não era só dos setores operários mas também das camadas urbanas, e mesmo setores

³⁰ MENEGUELLO, Rachel. *PT: A formação de um Partido, 1979-1982*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 22.

³¹ IDEM, *ibidem*, 1989. p. 23-24.

³² REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p.106

³³ IDEM, p. 93

empresariais e de importância política para o regime começavam a debandar para o apoio à oposição.

A primeira medida como reação à derrota de 1974 foi a instituição da Lei Falcão, batizada com o nome do ministro da Justiça, Armando Falcão. A lei vetava a propaganda eleitoral à mera aparição de foto e currículo do candidato e foi aplicada nas eleições de 1976 e extensão para 1978. Como resultado, uma vitória nas eleições para prefeitos e vereadores por parte da ARENA, o que para muitos já era esperado e não representava sobretudo uma vitória da ARENA, visto que era possível vislumbrar uma redução do seu número geral de votos.³⁴ Ainda por cima, esta redução de votos se verificou mesmo com a campanha de Geisel, que percorreu o país angariando votos para ARENA e formulando propostas e promessas por todos os municípios que passava. Sem dúvida, em marcos gerais o Partido oficial do governo amalhava mais uma derrota.

Na sequência da Lei Falcão viria o chamado "Pacote de abril", um conjunto de medidas arbitrárias baixadas por Geisel. Dentre elas a prorrogação do mandato presidencial por 6 anos e diversas outras alterações na legislação eleitoral, tornando as eleições um processo mais restrito em diversos âmbitos. Destaca-se deste pacote a criação da eleição indireta de determinado percentual de senadores que ficariam conhecidos pejorativamente como "biônicos". Vemos que todas estas medidas tinham como principal objetivo manter o controle sobre o processo de distensão e prejudicar a oposição que se fortalecia. Tudo isso aprovado sob a suspensão do Congresso Nacional, que fora dissolvido entre os dias 1 e 14 de abril de 1977. Era Geisel dando o recado de que o regime militar transitaria apenas pelos trilhos que o governo permitisse.

Nas eleições de 1978, nova derrota do regime militar. Em que pese todas as reformas de cunho restritivo aplicadas pelo regime, a ARENA não conseguia sair novamente moralizada. Obviamente, seu candidato a presidente (Figueiredo) foi vitorioso e o Partido ocupou a maior parte dos cargos a que concorreu no Legislativo e no Judiciário. Porém, o número de votos diminuíra e sua maioria seguia contestada.³⁵

³⁴ IDEM, p.109.

³⁵ Figueiredo, um militar proveniente da "linha dura" era indicado à presidência, se viu às voltas com um novo candidato anti-regime, desta vez o general Euler Bentes Monteiro, que passara ao MDB após anos de apoio ao regime militar. No saldo final, a ARENA obteve 40% dos votos válidos contra 39,3% de votos para o MDB na disputa pelo congresso nacional. Conforme assinala REIS, p. 116-117.

O regime se deparava com uma transformação clara na disputa eleitoral. Se antes o caráter plebiscitário das eleições, dado o bipartidarismo, configurava-se como uma vantagem ao regime, nas eleições de 1978 se comprovava um empecilho. Muito mais do que um voto de confiança no MDB, boa parte dos votos era na verdade uma indignação contra o regime militar e a ARENA. Crescia o voto de protesto/castigo aos militares.³⁶

A partir do resultado das eleições de 1978 o regime iniciara então uma nova leva de mudanças institucionais, destacando-se deste período a abolição do AI-5, a lei de anistia do Governo Figueiredo em 1979, a reforma partidária que acabava com o bipartidarismo e a volta quase que completa da liberdade de imprensa.³⁷

Um novo cenário institucional foi então criado pela ditadura. Surgiram novos Partidos com funções sociais bem definidas: O Partido Popular (PP) como Partido de centro, ligado à ditadura, articulado aos empresários e Partido de confiança no governo de transição; PDS e PMDB, renomeações do Arena e MDB; PTB, Partido Trabalhista. A ditadura como forma de se precaver de adversários que surgiam - o próprio PT, Leonel Brizola e seu PDT, comunistas (PCB e PCdoB) - através da lei da Reforma Partidária (lei nº 6.767 de 20-12-79) criou uma série de obstáculos legais para instituição de novos Partidos, e organização de Partidos pequenos, bem como impossibilitou a existência legal dos Partidos comunistas.³⁸

A longa citação que se segue sintetiza de forma precisa o que significou o surgimento do PT para o cenário político e institucional de nosso país:

Apesar de uma dinâmica autônoma frente à política institucional, tornou-se crucial para a maior parte dos movimentos sociais obter um maior acesso às estruturas políticas estabelecidas, mesmo porque a própria reformulação partidária colocada pelo regime conformou-se na única resposta do Estado autoritário às reivindicações pelo seu afrouxamento e democratização, oriundas da sociedade civil.

Como se pode observar, a relação entre Estado autoritário e movimentos sociais no Brasil traduziu-se na tentativa de constituição de uma arena político-institucional legítima, de formato tradicional, ou seja, com Partidos fortes e representativos, até então atípicos em nossa história política.

Tal necessidade de abrigo político-institucional levou os movimentos sociais à busca de formas internamente democráticas, que abrangessem suas diversidades reivindicativas. Boa parte dos movimentos abrigou-se no PMDB que, a partir de 1974 fundamentalmente, exerceu papel de "guarda-chuva" das manifestações de

³⁶ NETTO, José Paulo. *Pequena História da ditadura brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014. p.198.

³⁷ MENEGUELLO, Rachel. *PT: A formação de um Partido, 1979-1982*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 25.

³⁸ IDEM, *ibidem*, 1989. p. 26.

oposição. Outra parte dirigiu-se à formação do PT, que se apresentou então como nova forma de representação popular no âmbito institucional.

Em resumo, queremos destacar que, em torno do contexto institucional demonstrado, dos avanços e retrocessos políticos que caracterizam o processo de "abertura", e em torno do intenso período de articulação e mobilização social que envolveu os mais importantes setores produtivos urbanos e deu nova dimensão política ao sistema autoritário, o PT configurou-se uma novidade político-institucional quanto à origem, organização e proposta.³⁹

1.4 O RENASCIMENTO DO MOVIMENTO SINDICAL

A ditadura militar brasileira foi capaz de desenvolver, a partir do chamado "milagre econômico" um enorme crescimento industrial no país. Setores automobilísticos concentrados nas cidades do chamado ABC paulista foram o centro nevrálgico deste crescimento e modelo de prosperidade para o regime militar. Este crescimento industrial diversificado, mas tendo grandes centros como destaque, propiciou o surgimento de uma reorganização sindical no Brasil. O fortalecimento de laços de solidariedade entre operários, a rearticulação das entidades sindicais, oposições e comissões de fábrica foram possíveis graças à concentração industrial e urbana propiciada no período. No final da década de 1970 iriam explodir as péssimas condições de trabalho, os problemas econômicos, a inflação, arrocho salarial, degradação das cidades, falta de democracia e repressão encarniçada. Todos estes fatores culminaram na organização operária a partir da confecção de jornais operários, retorno do protagonismo sindical e avanço da consciência política.

Paulo Henrique Martinez nos dá uma precisa definição do que significou a crise que pôs fim ao milagre econômico da ditadura para o movimento operário:

No Brasil dos anos 1970 e 1980, a crise econômica alimentada pela dívida externa e pelo esgotamento do modelo de desenvolvimento desembocou em desemprego, inflação, baixos salários e queda nas atividades fabris. Essa crise acirrou tanto os conflitos políticos em torno dos meios para sua superação, comprimindo a "transição lenta, gradual e segura", quanto os conflitos sociais, protagonizados por empresários, trabalhadores e o Estado. Esses confrontos dinamizaram as disputas pela direção e pela organização da sociedade.⁴⁰

³⁹ IDEM, 1989. p. 30.

⁴⁰ MARTINEZ, Paulo Henrique. "O Partido dos Trabalhadores e a conquista do Estado: 1980-2005". IN: Reis, Daniel Aarão e Ridenti, Marcelo (org.). *História do Marxismo no Brasil. V.6. Partidos e movimentos após os anos 1960*. Campinas: Editora da Unicamp. 2007.

Esse acirramento de contradições iria produzir então o que seria batizado de novo sindicalismo. A representação política de um novo proletariado, descontente com as velhas representações sindicais chamadas de "pelegas", atreladas à velha estrutura sindical. O estopim que levou à explosão de luta deste proletariado do ABC fora a luta pela reposição salarial dentro do contexto da já mencionada adulteração dos dados concernentes à inflação do ano de 1973, desveladas por estudos do Banco Mundial.

Iniciada em uma greve na fábrica da Saab Scania de São Bernardo em Maio de 1978, a mobilização operária se espalhou como um rastilho de pólvora por todo o ABC e entusiasmou todo o país. Não é que não estavam ocorrendo greves por dentro dos sindicatos oficiais, mas sem dúvidas esta greve fora demonstrativa de que se abria outro momento político.

Destas mobilizações surgiria a figura daquele que se tornaria a principal liderança operária do país, Luís Inácio Lula da Silva, o Lula⁴¹, presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do campo. Surgido da estrutura oficial sindical do regime militar, Lula iniciaria sua militância sindical com um discurso visando obter apenas conquistas trabalhistas, pouco diferenciando-se do discurso do sindicalismo oficial. Somente com a evolução política do novo sindicalismo Lula modificaria estas posições,⁴² oscilando entre um sindicalismo trabalhista restrito a condições econômicas e um perfil mais ideológico de combate ao capitalismo.⁴³

Vale a pena chamar atenção para o fato de que estas mobilizações tiveram imensa importância também para questionar a estrutura sindical que a ditadura reforçou, de corporativismo e atrelamento ao Estado derivados da Era Vargas⁴⁴. A estrutura sindical brasileira desde o Estado Novo é marcada por forte corporativismo. A ditadura se utilizou da legislação sindical e aplicou um controle baseado na expulsão de dirigentes sindicais combativos, intervenção direta e controle ideológico. Por outro lado, a legislação sindical foi

⁴¹ Luís Inácio Lula da Silva, ou Lula como passou a ser conhecido no movimento sindical foi o grande dirigente sindical do período. Símbolo do novo sindicalismo e das lutas sindicais contra a ditadura. Seria alçado a uma das principais lideranças do Partido dos Trabalhadores e chegaria a presidência da República do Brasil em 2002.

⁴² RIDENTI, Marcelo. "As oposições à ditadura: resistência e integração." IN: Motta, Rodrigo Patto Sá, Reis, Daniel Aarão & Ridenti, Marcelo. (org.) *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p.40-41.

⁴³ MARTINHO, Francisco. Carlos Palomanes. "A armadilha do novo: Luís Inácio Lula da Silva e uma esquerda que se imaginou diferente." IN: *Revolução e democracia (1964...)* Ferreira, Jorge & Reis, Daniel Aarão. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2007. p.550

⁴⁴ ANTUNES, Ricardo & SANTANA, Marco Aurélio. "Para onde foi o "novo sindicalismo"? Caminhos e descaminhos de uma prática sindical." IN: Motta, Rodrigo Patto Sá, Reis, Daniel Aarão & Ridenti, Marcelo. (org.) *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p,129-130

alterada para exercer ainda mais controle sobre os operários e restringir sua esfera de atuação mais política. Os sindicatos durante o período militar adquiriram assim um verniz assistencialista e foram alijados de seu teor combativo. O exemplo mais demonstrativo desta ação é a restrição dura que aos sindicatos foi imposta sobre o direito de greve. Alijados de sua ferramenta política mais eficiente, os trabalhadores se viram reféns do regime militar, meros negociadores frente ao Estado.

Após anos de controle sindical e repressão aos setores mais dispostos ao enfrentamento dentro do movimento, a greve de 1978 estimulava uma postura mais agressiva frente ao governo e de mais autonomia organizativa, o que era possível graças justamente à mencionada nova base social surgida a partir da industrialização da década de 1970. O maior fruto deste enfrentamento com a estrutura sindical vigente seria a criação, em 1983, da Central Única dos Trabalhadores, a CUT. Como objetivo estava a construção de uma central sindical forte e independente das garras da ditadura.

As medidas adotadas pelo governo militar frente ao novo ascenso de greves não foram diferentes das empregadas em momentos anteriores, como a greve de 1968 em Osasco: repressão e prisões arbitrárias. Eram comuns a censura, recolhimento de materiais de propaganda, perseguição política e prisões. Na greve de 1980 praticamente toda a diretoria do sindicato dos metalúrgicos seria presa.⁴⁵ Porém, diferente de em momentos anteriores, desta vez a repressão não fora capaz de deter o movimento dos trabalhadores.

Assim, a ditadura militar produzia seu próprio coveiro, das entranhas do milagre econômico emergiu um forte e concentrado proletariado e um forte movimento de trabalhadores assalariados e de oprimidos que se organizaram contra o regime. A expressão política deste novo momento foi o Partido dos Trabalhadores:

A década de 70, estimulada pela "abertura" abrigou ondas intensas de mobilização política de diversos segmentos sociais. Produto direto das violentas transformações infraestruturas e do rápido assalariamento pelo qual passou a economia nacional a partir dos anos 60, tais mobilizações refletiam, em parte, o impacto da reestruturação

⁴⁵ COELHO, Eurelino. *Uma esquerda para o capital: o transformismo dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. São Paulo: Xamã, 2012. p. 45

ocupacional urbana, o conseqüente assalariamento da classe média, além do veloz processo de favelamento nos grandes centros e degradação das condições de vida.⁴⁶

Nesse cenário que surgiu então o novo sindicalismo, este sujeito político determinante para a fundação do PT. Este novo sindicalismo seria diferente do anterior por contar com mais autonomia, não ser atrelado, "pelego", na linguagem sindical, aos patrões e à ditadura. Casado a este novo sindicalismo, é importante destacar também a emergência de diversos movimentos sociais populares organizados "de baixo", a partir de instituições autônomas. Também faria parte do caldo que formaria o PT os movimentos ligados à Igreja Católica e à experiência das comunidades eclesiais de base.

O novo sindicalismo surgiria então, como já afirmamos, de dentro do próprio desenvolvimento econômico desenfreado da ditadura militar, do desenvolvimento em especial das empresas privadas e das necessidades e reivindicações trabalhistas daí decorrentes: modernização das relações de trabalho, luta contra o agravamento da exploração, contra o arrocho salarial, contra a disparidade entre crescimento econômico e salários. O ápice do que seria este novo sindicalismo estaria concentrado na experiência das lutas operárias do final dos anos 1970 na cidade de São Bernardo do Campo, ABC paulista. Novas lideranças sindicais, independentes, portando reivindicações políticas e econômicas cujo interesse maior recaía sobre o operariado daquela região, maior concentração de produção mecânica e automobilística pesada do país. Ficaram conhecidos como sindicalistas "autênticos", em contraposição aos "pelegos":

De forma geral, podemos caracterizar dois blocos ao longo do processo. De um lado, os chamados sindicalistas "autênticos", reunidos em torno dos sindicalistas metalúrgicos do ABC, agregando sindicalistas de diversas categorias e partes do país, os quais, com os grupos integrantes das chamadas oposições sindicais, compunham o autodenominado bloco "combativo". (...) este setor formaria a base do chamado "novo sindicalismo". De outro, a Unidade Sindical, que agrupava lideranças tradicionais no interior do movimento sindical (muitas delas vinculadas ao setor conservador do sindicalismo denominado "pelego"), e os militantes de setores da esquerda dita "tradicional", tais como o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o movimento revolucionário 8 de

⁴⁶ MARTINEZ, Paulo Henrique. "O Partido dos Trabalhadores e a conquista do Estado: 1980-2005." IN: Reis, Daniel Aarão e Ridenti, Marcelo (org.). *História do Marxismo no Brasil. V.6. Partidos e movimentos após os anos 1960*. Campinas: Editora da Unicamp. 2007. p. 28

Outubro (MR-8). Estes dois blocos seriam a base de sustentação dos organismos intersindicais de cúpula que seriam criados no processo.⁴⁷

As greves desencadeadas a partir de 1978 iriam colocar o chamado "novo sindicalismo" como um movimento social de referência em todo o país, questionariam o regime militar colocando em debate as liberdades democráticas, a cidadania, o direito de greve, certos reajustes salariais. Na esteira desta explosão, se desenvolveria um sindicalismo do setor terciário, funcionários públicos e profissionais liberais que ficaria conhecido como "sindicalismo de classe média".⁴⁸

A visão que o "novo sindicalismo" construiria para si, conjuntamente com análises acadêmicas produzidas no período, era a de um sindicalismo rompido com o antigo pacto "populista", que não se constituía de fato enquanto força autônoma e era dependente da política dita "populista". Além disso, era um movimento sindical "vanguardista e populista".⁴⁹ Esta crítica se enraizaria no discurso do chamado "classismo", a necessidade de independência política e autonomia que os sindicatos deveriam construir se quisessem enfrentar a fundo o regime militar. Mais à frente essa posição classista se cristalizaria como um dos pilares do PT, embora grande parte desse discurso que dava ao sindicalismo das novas lideranças do ABC ares de completa ruptura com as antigas práticas sindicais e absoluta "novidade" possa hoje ser relativizado. Diversas propostas presentes nos discursos das lideranças, como por exemplo as organizações por locais de trabalho e empresas, acabaram sendo episódicas em comparação ao que se propugnava. Esse discurso, que se pretendia fundante de um "grau zero da prática sindical", terminou resvalando em óbvios problemas dados pela própria complexidade política da atuação sindical. Seu acento no caráter de originalidade e novidade acabou "impedindo que desse a devida atenção às dificuldades históricas experimentadas pelo movimento dos trabalhadores no Brasil. Por isso, talvez, ele não tenha podido sequer desviar-se dos obstáculos reproduzindo, ao longo do tempo, práticas

⁴⁷ SANTANA, Marco Aurélio. "Trabalhadores em movimento". p. 290. IN: *O Brasil Republicano*. No final dos anos 1980 estes dois grupos consolidarão centrais sindicais distintas, a CUT e a CTB. As principais divergências dizem respeito a relação que deveria se estabelecer com as oposições sindicais, a relação que deveria se estabelecer com os movimentos populares e também, igualmente importante, a postura frente ao combate à ditadura e a política para a transição, visto que o PCB (parte política importante da Unidade Sindical), considerava importante evitar enfrentamentos diretos com o regime, com medo de que isso pudesse paralisar a transição, enquanto que o PT defendia o confronto político direto com o governo dos militares através dos movimentos sindicais e de luta por democracia. Cf. IDEM.

⁴⁸ MENEGUELLO, Rachel. PT: *A formação de um Partido, 1979-1982*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

⁴⁹ COSTA, Hélio da. "O novo sindicalismo e a CUT: entre continuidades e rupturas." IN: *Revolução e democracia (1964...)* Ferreira, Jorge & Reis, Daniel Aarão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.601

que tanto dizia combater."⁵⁰ Nos anos 1990, a CUT e os oriundos do "Novo Sindicalismo" iriam receber diversas críticas por práticas que seriam consideradas de "colaboracionismo sindical", através de uma aproximação maior de práticas sindicais ligadas ao sindicalismo social-democrata europeu.⁵¹ O discurso do "novo" não foi capaz, portanto, de se consubstanciar em uma prática sindical tão distinta do que seria a tradição do sindicalismo brasileiro:

Pode-se perceber que o "novo sindicalismo" tem traços de novidade para o contexto mas, ao mesmo tempo, exhibe fortes marcas de continuidade. No processo de construção de sua identidade, o "novo sindicalismo" reforçara suas distinções relativas a práticas pretéritas, atribuindo a elas qualificações bastante negativas. Em termos discursivos, houve uma radicalização que em muito ofuscou também inúmeros dos dilemas já existentes na própria origem desse sindicalismo.⁵²

Não se trata, evidentemente, de subtrair o papel e a absoluta potência que foi a emergência desse movimento sindical frontalmente oposto ao regime militar. A explosão de greves radicalizadas contribuiu do lado das demandas populares para o enfrentamento aos militares e à luta por uma transição que não a pactuada.

Não haveria outro local para a explosão de greves radicalizadas se não o ABC paulista. Dos anos 1930 até 1980 esta região viveria uma forte industrialização e urbanização, ligadas ao aumento demográfico e acumulação de capitais. Segundo Lincoln Secco:

No ABC, a grande indústria automobilística se concentrou, assumindo a vanguarda produtiva e tecnológica do Brasil com suas montadoras e fábricas de autopeças: nos anos setenta, a indústria automotiva liderou a acumulação de capital, com taxas anuais de crescimento acima de 30%.⁵³

Ainda segundo Secco:

As primeiras manifestações operárias se deram contra as manipulações inflacionárias feitas pelo governo. A luta desencadeada contra o arrocho, a partir de confissões de Mário Henrique Simonsen de que o custo de vida subira 22,6% e da revelação pela Folha de São Paulo que a variação dos preços internos e por atacado havia sido de 22,6% (acima da versão governamental que divulgara que subira pouco mais de 11%). A partir desse cenário centenas de greves explodiriam, como

⁵⁰ SANTANA, Marco Aurélio, ANTUNES, Ricardo. "Para onde foi o 'novo sindicalismo'?". IN: *A ditadura que mudou o Brasil*. p. 140

⁵¹ IDEM, p. 136.

⁵² IDEM, p. 140.

⁵³ SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Editora Ateliê, 2011.

símbolo desse período estava a greve da Scania, iniciada de maneira espontânea pelos trabalhadores da ferramentaria, logo tomaria conta de todo o ABC pela ação do sindicato e da figura política de Lula, que em breve se destacaria como a maior expressão política de todo o processo. As greves eram apoiadas por uma ampla rede comunitária nos bairros, tomando as cidades, pontos de ônibus, ruas, organizadas em igrejas, formando uma ampla rede de solidariedade.⁵⁴

A coordenação articulada da mobilização sindical fora decisiva para o sucesso das greves em 1979. A campanha salarial fora construída conjuntamente por 34 sindicatos sob a direção da Federação dos metalúrgicos de São Paulo. Na reunião de 31 de janeiro da Federação uma pauta única foi construída, com 22 itens comuns.⁵⁵

O duelo com os empresários foi desde o começo muito intenso, cobrindo um período de 15 dias de paralização, uma trégua de 45 dias e uma retomada da greve posteriormente. É desse período as imagens de grandes assembleias dentro do lotado Estádio de Vila Euclides, as maiores delas envolvendo a presença de 110 mil operários.⁵⁶

A intransigência patronal, apoiada legalmente na estrutura sindical do regime militar, mostrou-se desde o início da greve; em seu segundo dia, esta já fora considerada ilegal. Pouco depois, o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) propõe o índice de reajuste salarial em apenas 44%, abaixo dos 65% defendidos pelo movimento paredista.⁵⁷

A greve não teria sobrevivido à repressão não fosse a enorme onda de solidariedade que percorreu todo o país, começando pelo fundo de greve construído pela direção do sindicato que receberia doações de todo o país, passando pelo apoio e solidariedade da Igreja Católica, até chegar, em seu 15º dia, a uma trégua, em uma paralisação que contou com interdição do sindicato, saída de Lula da direção da greve para posterior retorno e muitos enfrentamentos com a ditadura. O ano de 1979 ainda veria a realização de uma enorme manifestação em comemoração ao primeiro de maio com mais de 130 mil pessoas presentes e a eclosão da greve dos metalúrgicos de São Paulo organizada pela oposição sindical dos metalúrgicos:

⁵⁴ SECCO, 2011. p. 40.

⁵⁵ COSTA, Hélio da. "O novo sindicalismo e a CUT: entre continuidades e rupturas." IN: *Revolução e democracia (1964...)* Ferreira, Jorge & Reis, Daniel Aarão. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2007. p. 603

⁵⁶ COSTA, Hélio da. "O novo sindicalismo e a CUT: entre continuidades e rupturas." IN: *Revolução e democracia (1964...)* Ferreira, Jorge & Reis, Daniel Aarão. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2007. p. 604

⁵⁷ Idem

As comemorações do Primeiro de Maio, em São Bernardo do Campo, reunindo 130 mil pessoas, incluindo personalidades artísticas e lideranças sindicais de várias regiões do Brasil, além de políticos e intelectuais que se solidarizaram com a luta dos trabalhadores do ABC, foram fundamentais para mudar os rumos dos acontecimentos, quebrando a intransigência patronal e fortalecendo politicamente os metalúrgicos do ABC, que se transformaram em referência na luta contra a ditadura militar. Às vésperas de expirar o prazo final da trégua, os representantes da Fiesp e dos metalúrgicos do ABC celebraram um acordo que, depois de aprovado em assembléia, no dia seguinte, encerraria a campanha salarial de 1979, traduzida numa longa e difícil batalha entre governo e empresários, de um lado, e os trabalhadores, de outro. Os trabalhadores tinham consciência de que aquele teria sido apenas o primeiro grande confronto, e procuraram tirar dos acontecimentos as lições possíveis, preparando-se para as lutas já anunciadas do ano seguinte.

A campanha salarial do ano seguinte não teria contornos menos dramáticos e não representaria uma luta menos acirrada. Já no segundo semestre de 1979 iniciou-se um processo de mobilização nas fábricas, preparativo para a greve de 1980.

No dia 30 de março uma assembleia com 60 mil trabalhadores votou no início de mais um movimento paredista. Com forte adesão em São Bernardo e contagiando os metalúrgicos de diversas cidades do interior de São Paulo, como Campinas, Jundiaí, dentre outras. O movimento sindicalista surgido em São Bernardo se consolidava definitivamente como um dos grandes símbolos da redemocratização.

Mesmo perante a força do movimento paredista, o regime seguia com sua política de tratamento dos grevistas com base na repressão. Encarando novamente a greve como "caso de polícia", o TRT decreta o movimento ilegal no seu 14º dia de paralisação⁵⁸ e intervém no sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo e de Santo André, destituindo sua direção. Dois dias depois diversos dirigentes sindicais, Lula incluso, são presos e levados para o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS).

A experiência das paralisações anteriores, porém, servira para manter a firmeza dos trabalhadores mesmo sob duro ataque. Com dificuldades, um comando de greve seguiu liderando o movimento mesmo com a ausência de seus principais representantes. A resistência dos trabalhadores gerou comoção na tradicional manifestação do primeiro de maio, encerrada no lotado e emocionado Estádio de Vila Euclides, coroando o movimento sindical. Encerrada a greve, os trabalhadores retomaram os sindicatos e seguiram suas mobilizações nos locais de trabalho.

⁵⁸ IDEM, p. 609

O esfriamento das paralisações da indústria no começo dos anos de 1980 levaria a impasses da luta sindical. A estrutura sindical do regime não seria derrubada, embora conquistas importantes nesse âmbito tivessem sido alcançadas. A arena político-institucional se tornava a saída para a luta contra a ditadura quando a arena sindical parecia se esgotar. A partir daí, maiores embates se dariam dentro dos próprios grupos sindicais. O novo sindicalismo, defendendo a abertura do regime e a transformação da estrutura sindical e das relações trabalhistas embarcaria na construção do PT, o Partido dos Trabalhadores. A eles se juntariam as oposições sindicais, voltadas para a construção de organizações a partir das comissões de fábrica, tinham menor peso e eram impulsionadas por pequenas organizações marxistas e trotskistas e setores da Igreja. Entrariam em rota de colisão com o projeto político do grupo chamado Unidade Sindical. Esses últimos impulsionavam a política de se manter dentro do MDB, não apostar na construção do PT e tampouco questionar a estrutura sindical vigente.⁵⁹

Reivindicando a luta pela cidadania, democracia e mudanças estruturais na política, o novo sindicalismo assumiria o posto de protagonista na luta contra o regime militar no Brasil. Percebendo que a luta sindical seria insuficiente para enfrentar a ditadura, deslocou-se para a luta político institucional como espaço privilegiado de disputa política dos trabalhadores. Mas esta construção não se daria a partir da adesão a algum Partido vigente, e sim a partir da construção de uma ferramenta política própria dos trabalhadores, o PT. Este projeto animaria não só os trabalhadores da indústria pesada, mas seria capaz de aglutinar em torno de si os setores progressistas da Igreja Católica, os setores radicalizados de classe média, intelectuais, movimentos sociais urbanos e os agrupamentos trotskistas que faziam a luta política na clandestinidade subterrânea do regime militar.⁶⁰

Em síntese, assim se define como a luta que se iniciou nas fábricas do ABC poderia gerar um processo político tão rico e capaz de unificar todos os setores radicalizados em luta contra a ditadura:

A integração de demandas econômicas, sociais e políticas na pauta de reivindicações do novo sindicalismo refletia os efeitos da intervenção do Estado autoritário desde os primeiros momentos do regime em dois planos fundamentais: no campo das relações de trabalho, com o deslocamento do poder de decisão e de regulação para o

⁵⁹ MENEGUELLO, Rachel. PT: A formação de um Partido, 1979-1982. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p.49.

⁶⁰ IDEM, *ibidem*, 1989. p. 49-52

Executivo, e no campo dos direitos sociais e políticos, com a proibição do direito de greve, a limitação da autonomia de organização, o aperfeiçoamento da estrutura corporativista estadonovista e a política de exclusão popular levada pelo regime.

No princípio dos anos 70, a luta sindical do novo sindicalismo fundou-se na conquista de autonomia das organizações frente ao Estado. Naquele momento, vale lembrar, o distanciamento da cena política generalizava-se por toda a sociedade, refletindo a experiência do autoritarismo e de um sistema de representação limitado.

Com a abertura política, paralelo ao empenho das forças situacionistas em normalizar institucionalmente o regime, fluía ao lado do sistema de Partidos o processo de articulação de variados segmentos e forças de oposição. Neste processo de articulação, o novo sindicalismo constituiu-se em um recipiente capaz de englobar boa parte das forças ainda não introduzidas na arena política.⁶¹

A unificação se deu principalmente por dois elementos:

a) A criação de uma pauta de reivindicações unificada, não só restrita aos setores industriais, mas comum a toda classe trabalhadora, como salário mínimo nacional único, garantias de estabilidade no emprego, fim do arrocho salarial, liberdades organizativas. Essa pauta conferiu identidade entre os trabalhadores.

b) A luta pela cidadania. A luta por mais democracia unificou distintos setores, sejam os operários ou os movimentos de bairro, os intelectuais ou as igrejas, e neste caldo entrariam também os trotskistas, articulados em torno de um movimento pela criação do PT e pela democracia no país.⁶²

1.5 SURGE A PROPOSTA DO PT

Com o início da distensão e as discussões em torno do fim do bipartidarismo se espalharam por todo o Brasil diversas propostas sobre a criação de um novo Partido de esquerda. O foco das propostas de esquerda era, evidentemente, o MDB, o Partido que aglutinava toda a oposição à ditadura.

No Rio Grande do Sul, a partir da juventude do MDB, surgiria a Tendência Socialista, grupo criado com a intenção de fundar um Partido articulando operários, estudantes e intelectuais. A corrente de vinculação trotskista, Convergência Socialista (CS), que atuava dentro do MDB, propugnava a criação de um Partido socialista e trabalhista e, por fim, havia a proposta do Partido Popular Democrático e Socialista (PPDS), lançada por intelectuais do

⁶¹ IDEM, *ibidem*, 1989. p. 53-54

⁶² IDEM, *ibidem*. p. 54.

MDB.⁶³ A proposta do PPDS era a criação de um Partido cujos eixos programáticos se assemelhavam ao antigo Partido Socialista Brasileiro (PSB), defensor de um socialismo democrático, crítico das experiências socialistas vistas como burocráticas (stalinismo, maoísmo etc.) e visando aproximação com movimentos sindicais e sociais em geral. Porém, a proposta que ganharia maior fôlego dentre todas as aventadas era a da criação de um Partido dos Trabalhadores.

Muitos atribuem aos "autênticos", grupo de sindicalistas liderado por Lula, a primazia na criação do Partido dos Trabalhadores. Este grupo começaria a ser formado no sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo ainda na gestão de Paulo Vidal⁶⁴, através da articulação com técnicos do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) por meio de debates e reuniões, mas se consolidaria realmente a partir do relacionamento estabelecido entre os dirigentes sindicais ao longo dos anos que antecederam as greves de 1978 e 1979. Eurelino Coelho destaca o diálogo que começou a se estabelecer entre Lula e Olívio Dutra - dirigente do sindicato dos Bancários do Rio Grande do Sul - como um primeiro momento importante na construção desta relação, esta articulação se daria em base ao contexto já mencionado da luta por reposição salarial à luz das fraudes constatadas nos índices do governo.⁶⁵ Outro grande momento apontado por vários pesquisadores fora a atuação preparatória para o Congresso da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI). Diversos sindicalistas a partir destes encontros e reuniões trocaram experiências sobre as greves, impressões sobre a situação política e propostas de resoluções para o próximo período.

É evidente nesse processo a figura de Lula como liderança política vinda das greves do final dos anos 1970 para a linha de frente da criação do Partido dos Trabalhadores. Sua postura durante todo este período foi a de mediador político,⁶⁶ colocando-se entre os distintos interesses dentro do PT e demarcando uma separação clara entre as pequenas organizações de esquerda revolucionária, com o tempo, aglutinaria de forma mais orgânica em torno de si um

⁶³ ANGELO, Vitor Amorim de. *A trajetória da Democracia Socialista: da Fundação ao PT*. São Carlos: EDUFSCar, 2008. p. 28

⁶⁴ A gestão de Paulo Vidal antecedeu a primeira gestão de Lula à frente do sindicato.

⁶⁵ COELHO, Eurelino. *Uma esquerda para o capital: o transformismo dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. São Paulo: Xamã, 2012. p.57.

⁶⁶ MARTINHO, Francisco. Carlos Palomanes. "A armadilha do novo: Luís Inácio Lula da Silva e uma esquerda que se imaginou diferente." IN: *Revolução e democracia (1964...)* Ferreira, Jorge & Reis, Daniel Aarão. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2007. p.550

grupo político mais coeso que, formado o PT, mais à frente, irá formar a tendência política que hegemonizará o PT, a "articulação dos 113".

Se é correto que o Sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo e os sindicalistas que viriam a se agrupar sob o rótulo de "autênticos" cumpriram importante papel na elaboração do projeto de um Partido dos Trabalhadores, seria simplório colocá-los como únicos responsáveis pela criação do Partido. É preciso levar em conta a confluência de diversos segmentos urbanos em luta contra a ditadura, principalmente as organizações clandestinas de esquerda que recusavam-se a se agrupar sob a égide do MDB.

Prova incontestável desta confluência de interesses em direção à criação de um Partido dos Trabalhadores no país se daria no Congresso de Lins, importante evento do movimento operário, em 1979. Seria neste congresso que a proposta de criação do PT surgiria de maneira mais firme pela primeira vez. O Congresso de Lins seria um congresso da categoria dos metalúrgicos de São Paulo, mas apontando os rumos para a luta no país a partir da organização dos empresários e reparação da surpresa sentida em 1978. Percebendo o endurecimento dos empresários os metalúrgicos se organizam em Lins para discutir os rumos do movimento operário, unificando todos os sindicatos da região, seja os ligados ao novo sindicalismo de Lula ou aos chamados "pelegos". Estes provocaram desconfiança dos setores oriundos das oposições sindicais, trotskistas e pequenos agrupamentos marxistas. Em que pese que a primeira elaboração no encontro a respeito do PT tenha sido a moção lida por José Maria de Almeida⁶⁷ e aprovada pelo congresso, elaborada pelo sindicato dos Metalúrgicos de Santo André. A moção seria no congresso defendida por Lula e contaria com o enfrentamento dos sindicalistas ligados ao PCB, mas a adesão à proposta seria muito grande, e esta terminaria por fim aprovada. Cabe notar que a tese avançava para além de reivindicações democráticas envolvendo as liberdades sindicais, destacando também a composição social do novo Partido, que se comprometia a ter funcionamento democrático e não agrupar nenhuma

⁶⁷ José Maria de Almeida era metalúrgico em Santo André. Viria a fazer parte da corrente conhecida como Convergência Socialista, que mais tarde daria origem ao PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado), organização na qual sairia candidato a presidente nas eleições de 1994, 1998, 2002, 2010 e 2014. Para mais informações ver Karepovs, Dainis e LEAL, Murilo. Os Trotskismos no Brasil: 1966-2000. IN: História do Marxismo no Brasil. v.6. Ver também FARIA, Marcos Moutta de. *A experiência do movimento Convergência Socialista*. Campinas: cadernos AEL, n° 12. Trotskismo. 2005

fração da burguesia.⁶⁸ Vemos aí que longe de representar exclusivamente uma iniciativa dos "autênticos", a proposta era formulada por distintas vozes.

A proposta porém não era um consenso para a oposição ao regime militar. Muito pelo contrário, era uma verdadeira cisão em relação aos interesses de parte do movimento, especialmente aquele ainda ligado ao MDB, que defendia um Partido amplo, de setores da sociedade civil descontentes com o regime mas abarcando também empresários. A independência de classe, norte político muito presente nos discursos dos sindicalistas pró-PT afastou os emedebistas e consolidou os defensores das teses pró-PT em um movimento mais claro.

A tese de Santo André- Lins começava com uma declaração crítica ao capitalismo e prosseguia apontando o Partido político como a ferramenta política de organização dos trabalhadores. Além disso, criticava o regime militar e também o MDB, tido como um Partido heterogêneo demais e, portanto, incapaz de representar satisfatoriamente o proletariado brasileiro nos embates com o regime. A declaração terminava apontando os pontos que norteariam a criação do novo Partido:

- 1) total desvinculação dos órgãos sindicais do aparelho estatal, ponto fundamental para o desenvolvimento da vida sindical;
- 2) democratização dos sindicatos; que os órgãos sindicais se pautem, em seu funcionamento, pela democracia operária que a todos assegura o direito de, em igualdade, participar das lutas e das decisões;
- 3) que se lance um manifesto, por este congresso, chamando todos os trabalhadores brasileiros a se unificarem na construção de seu Partido, o Partido dos Trabalhadores;
- 4) que este Partido seja de todos os trabalhadores da cidade e do campo, sem patrões, um Partido que seja regido por uma democracia interna, respeite a democracia operária, pois só com um amplo debate sobre todas as questões, com todos os militantes, é que se chegará à conclusão do que fazer e como fazer. Não um Partido eleitoreiro, que simplesmente eleja representantes na Assembléia, Câmara e Senado, mas que, além disso e principalmente, seja um Partido que funcione do primeiro ao último dia do ano, todos os anos, que organize e mobilize todos os trabalhadores na luta por suas reivindicações e pela construção de uma sociedade justa, sem explorados e exploradores;
- 5) que seja eleita neste congresso uma comissão e junto com todos os outros setores que, embora ausentes, também estão interessados na construção desse Partido, amplie os contatos e comece a encaminhar essa luta nacionalmente em discussões com as bases, iniciadas desde já; que essa comissão fique encarregada da redação de

⁶⁸ FARIA, Marcos Moutta de. *A experiência do movimento Convergência Socialista*. Campinas: cadernos AEL, n° 12. Trotskismo. 2005.

um manifesto aos trabalhadores brasileiros, chamando à construção do Partido dos Trabalhadores, proposto no terceiro ponto.⁶⁹

Enfim, no ato do primeiro de maio de 1979 foi lançada a carta de princípios do PT, escrita um mês antes e publicada na gráfica do jornal da organização trotskista Convergência Socialista, o que desagradou a muitos pelo formato ser o mesmo do jornal da organização.⁷⁰ Muitos dos autênticos achavam que a proposta poderia favorecer a ditadura, mesmo Lula no momento chegou a expressar dúvidas sobre o grau de solidariedade depositado às greves no ABC. Após idas e vindas como o congresso em Contagem (MG) que não contou com o apoio de Lula, foi lançado, no dia 13 de outubro de 1979, no restaurante São Judas Tadeu em São Bernardo do Campo, o Movimento pró-PT, com a aprovação da Carta de Princípios e a criação de uma comissão nacional provisória.⁷¹

A carta não poupa críticas ao regime militar e também ao modelo econômico implementado. Sequer o MDB é poupado. A carta de princípios acirraria os ânimos dentro da reorganização política que vivia o país:

O MDB, por sua origem, por sua ineficácia histórica, pelo caráter de sua direção, por seu programa pró-capitalista, mas sobretudo por sua composição social essencialmente contraditória, em que se congregam industriais e operários, fazendeiros e peões, comerciantes e comerciários, enfim, classes sociais cujos interesses são incompatíveis e nas quais, logicamente, prevalecem em toda a linha os interesses dos patrões, jamais poderá ser reformado. A proposta que levantam algumas lideranças populares de “tomar de assalto” o MDB é muito mais que insensata: é fruto de uma velha e trágica ilusão quanto ao caráter democrático de setores de nossas classes dominantes. Aglomerado de composição altamente heterogênea e sob controle e direção de elites liberais conservadoras, o MDB tem-se revelado, num passado recente, um conduto impróprio para expressão dos reais interesses das massas exploradas brasileiras.⁷²

A Carta de Princípios, ao invés de por panos quentes em toda a denúncia de "divisionismo", que era feita por parte daqueles que construíam o MDB, vinha colocar ainda mais lenha na fogueira da disputa política e reagia, não só às críticas de divisionismo como também apontava, de forma agressiva, o que era na opinião dos dirigentes do Movimento Pró-PT os limites do MDB.

⁶⁹ http://www.fpabramo.org.br/sites/default/files/atesedesantoandre-lins_0.pdf. Acessado às 18:33 do dia 26/03/2015

⁷⁰ SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Editora Ateliê, 2011.p.41.

⁷¹ SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Editora Ateliê, 2011. p. 42-43.

⁷² <https://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2014/03/cartadeprincipios.pdf>. Acessado às 18:52 do dia 26/03/2015

Os intelectuais e dirigentes do MDB reagiriam acusando a carta de princípios de propor um movimento muito restrito e radical. Residiria principalmente na crítica ao chamado classismo o foco de ataque do MDB. Ao contrário de representar qualquer tipo de recuo, o classismo era erguido como um mote por todo o movimento Pró Partido dos Trabalhadores.

É importante nesse momento atentarmos para o fato de que já aqui opera-se um discurso que funcionaria como um mito político na constituição da identidade do Partido dos Trabalhadores, um "mito de origem". O PT não foi a consequência retilínea das vontades de um grupo de sindicalistas ligados à Lula, que depois viria a hegemonizar a política do Partido. Na verdade, "O PT tal como ele se configurou não estava dado a priori. Foi, sim, a consequência dos embates que se travaram entre as forças que se envolveram".⁷³ Esta luta aconteceu entre vários grupos políticos e segmentos sociais, alguns deles não necessariamente oriundos da classe operária.

Era então cada vez mais concreto o surgimento de uma nova organização política capaz de dar voz àqueles inconformados com a ditadura. Atravessada por polêmicas dentro do próprio movimento sindical e por organizações políticas de esquerda como o PCB e o PCdoB, que enxergavam na construção do MDB a melhor ferramenta para enfrentar a ditadura, o PT se fortalecia ao passo que a distensão da ditadura progredia. Seria o PT a ferramenta capaz de articular os trabalhadores, funcionários públicos, intelectuais, movimentos de bairro e todos aqueles que lutavam por uma democracia no país.

A identidade política do Partido iria aos poucos se moldando em seus congressos e encontros nacionais. Em setembro de 1981 ocorreria a primeira Convenção Nacional do PT, onde foram debatidos temas como a concepção de socialismo do partido, o que ele intentava como organização e seu funcionamento interno. Mais tarde, em maio, foi aprovado o programa do PT.⁷⁴

⁷³ COELHO, Eurelino. *Uma esquerda para o capital: o transformismo dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. São Paulo: Xamã, 2012. P.53

⁷⁴ cf; IDEM, P.67

2 CAPÍTULO 2 - OS PRIMEIROS PASSOS DO PT EM ALAGOAS

Nosso intento no presente capítulo é observar quais foram os grupos sociais constitutivos do Partido dos Trabalhadores em Alagoas. Partimos da ideia de que o Partido dos Trabalhadores forjou-se conduzido por sindicalistas e militantes do movimento dos trabalhadores, mas também por estudantes, figuras religiosas ligadas à Igreja Católica e à teologia da libertação, ex-guerrilheiros, movimentos pela anistia etc. Nessa constelação de interesses políticos, movimentos e organizações, pretendemos enxergar quais são as forças políticas que estiveram à frente da fundação do partido em Alagoas. Depois, que agrupamentos cumpriram um papel secundário nestes primeiros anos de organização do PT no Estado.

2.1 A PROBLEMÁTICA DAS FONTES ORAIS.

As fontes que utilizaremos neste e nos próximos capítulos são entrevistas realizadas com membros do PT à época de sua fundação. Selecionamos quatro, dentre os membros que exerceram ativismo nestes anos iniciais, que vão de 1979-1989.

Não enxergamos nas fontes orais uma fonte necessariamente superior às fontes escritas, como forma de investigação histórica. Sabemos do risco que corremos em um momento soterrado por o que alguns chamam de presentificação⁷⁵ do tempo histórico, do vício memorialístico e do que Beatriz Sarlo chama de "guinada subjetiva"⁷⁶. Enxergamos nesses relatos orais apenas arquivos, "no sentido comum do termo, isto é, o documento conservado e depois exumado para fins de comprovação, para estabelecer a materialidade de um 'fato histórico' ou de uma ação, não passa de um elemento de informação entre outros".⁷⁷ Escolhemos estas fontes pelo entendimento de que sobre ela podemos fazer determinadas questões históricas e compreender o objeto que selecionamos em nome da pesquisa. Pretendemos evitar o fetichismo da testemunha, da memória e do relato oral como fonte

⁷⁵ O momento atual é um momento de "vício no presente". É preciso estar atento a essa relação temporal fetichizada. Para Hartog, o século XX: "...é também o século que, sobretudo no seu último terço, deu extensão maior à categoria do presente: um presente massivo, invasor, onipresente, que não tem outro horizonte além dele mesmo, fabricando cotidianamente o passado e o futuro do qual ele tem necessidade. Um presente já passado antes de ter completamente chegado. Mas, desde o fim dos anos 1960, este presente se descobriu inquieto, em busca de raízes, obcecado com a memória. À confiança no progresso se substituiu a preocupação de guardar e preservar: preservar o quê e quem? Este mundo, o nosso, as gerações futuras, nós mesmos." HARTOG, Francois. Tempo e patrimônio. p. 10-11. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a02.pdf>>

⁷⁶ Para uma discussão sobre guinada subjetiva ver: SARLO, Beatriz. Tempo-Passado: Cultura da memória e Guinada Subjetiva. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG. 2007.

⁷⁷ ROUSSO, Henry. O Arquivo. p.4

privilegiada, portanto. Não achamos que a memória por si só explique o passado, nem que história e memória possam ser consideradas termos sinônimos. Concordamos com Meneses quando diz que "somente a História e a consciência histórica podem introduzir a necessária descontinuidade entre passado e presente: História, com efeito, é a ciência da diferença". Sem problematização, sem questionamentos, a mera reprodução destes relatos no trabalho poderia funcionar como simples repetição pálida do presente. Nos interessa, na verdade, ler os arquivos:

Escrito, oral ou filmado, o arquivo é sempre o produto de uma linguagem própria, que emana de indivíduos singulares ainda que possa exprimir o ponto de vista de um coletivo (administração, empresa, partido político etc.). Ora, é claro que essa língua e essa escrita devem ser decodificadas e analisadas. Mas, mais que de uma simples "crítica interna", para retomar o vocabulário ortodoxo, trata-se aí de uma forma particular de sensibilidade à alteridade, de "um errar através das palavras alheias", para retomar a feliz expressão de Arlene Farge. É esse encontro entre duas subjetividades o que importa, mais que o terreno sobre o qual ele se dá ou o tipo de rastro que o torna possível através do tempo.⁷⁸

Neste capítulo, nos perguntamos ao analisar estas fontes qual a composição social do PT em seus primórdios, que grupos sociais se engajaram em sua construção nos primeiros anos.

Utilizamos também entrevistas realizadas com Geraldo de Majella, dirigente do PCB na época estudada.

Como uma forma de cotejar os depoimentos e agregar elementos e pontos de vista ao estudo do período também utilizamos como fonte jornais da época, a saber, os jornais: *Jornal de Alagoas*, *Gazeta de Alagoas* e *Jornal de Hoje*. Percorrendo os caminhos da imprensa do período analisamos também um olhar sobre o período da reabertura e os conflitos políticos da época.

2.2 O PESO DO PRESENTE NA MEMÓRIA.

Cabe aqui uma última reflexão antes de entrarmos propriamente na análise dos relatos colhidos. Se não podemos confiar inteiramente nos nossos entrevistados, tampouco podemos ignorar o fato de que eles contam aquilo que *escolheram* contar. Esta escolha não é necessariamente um movimento plenamente consciente, mas também um movimento em que a fala pontua as preocupações que o entrevistado vive no momento em que responde as questões da pesquisa. Conforme Pollak:

⁷⁸ IDEM, *ibidem*.

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada.⁷⁹

Nesse sentido, ainda que determinados *acontecimentos*⁸⁰ estruturem a narrativa, é impossível crer em uma narrativa pura, estruturada de maneira objetiva. Toda narrativa é contaminada pelo momento presente, pelas preocupações que o entrevistado enfrenta no presente e tenta a elas dar resposta:

Esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.⁸¹

No caso específico de nossa pesquisa, destacamos que o momento em que as entrevistas foram realizadas é, sem sombra de dúvidas, de radical importância para a história do PT e do país, visto que este representa -- ao menos até o momento em que escrevemos -- o fim da primeira longa experiência do Partido dos Trabalhadores à frente do poder executivo federal. As entrevistas foram realizadas no calor das mobilizações inflamadas por grupos de oposição à direita do Governo Federal, nos meses de março e abril de 2016, semanas antes da votação do Impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Evidente que o calor das

⁷⁹

Disponível

em:

<http://www.pggedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf>.

⁸⁰ "Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada." (IDEM)

⁸¹ IDEM.

mobilizações e o temor, confirmado, da queda do Governo alimentaram os relatos e a reconstituição da memória de todos os entrevistados. Concordamos com Sarlo:

Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete até mesmo quando não é convocada. Vinda não se sabe de onde, a memória não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa. A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos dessa palavra). Poderíamos dizer que o passado se faz presente. E a lembrança precisa do passado porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, o tempo próprio da lembrança é o presente; isto é, o único tempo apropriado para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o próprio.⁸²

Desse modo, à medida que todos os entrevistados vivenciam novos momentos políticos, aqueles pelos quais passaram vêm novamente à tona. O ódio ao governo petista, quando irrompe nas ruas, coloca-os novamente na reflexão daquele projeto político que iniciaram no passado. Essa dialética entre os tempos reflete nas respostas dadas nas entrevistas.

As "visões de passado" (segundo a fórmula de Benveniste) são construções. Justamente porque o tempo do passado não pode ser eliminado, e é um perseguidor que escraviza ou liberta, sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizado por procedimentos da narrativa e, através deles, por uma ideologia que evidencie um continuum significativo e interpretável do tempo. Fala-se do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro. Lembra-se, narra-se ou se remete ao passado por um tipo de relato, de personagens, de relação entre suas ações voluntárias e involuntárias, abertas e secretas, definidas por objetivos ou inconscientes; os personagens articulam grupos que podem se apresentar como mais ou menos favoráveis à independência de fatores externos a seu domínio. Essas modalidades do discurso implicam uma concepção do social e, eventualmente, também da natureza. Introduzem um tom dominante nas "visões de passado."⁸³

"Fala-se do passado sem suspender o presente." Os amores, os personagens, os interesses do presente estão todos ali, nas entrelinhas do discurso. É difícil, praticamente impossível, que a fala dos entrevistados sobre momentos políticos do passado não esteja imbuída de suas preocupações e questionamentos contemporâneos, suas agruras e dilemas atuais. Também porque a cultura política permanece, ela se metamorfoseia mas muitas vezes segue existindo na consciência, mantendo vivas determinadas práticas e representações.

⁸² SARLO, p. 10.

⁸³ IDEM, p. 12

Paul Ricoeur se pergunta, no estudo que dedica às diferenças já clássicas entre história e discurso, em que presente se narra, em que presente se rememora e qual é o passado que se recupera. O presente da enunciação é o "tempo de base do discurso", porque é presente o momento de se começar a narrar e esse momento fica inscrito na narração. Isso implica o narrador em sua história e a inscreve numa retórica da persuasão (o discurso pertence ao modo persuasivo, diz Ricoeur). Os relatos testemunhais são "discursos" nesse sentido, porquê tem como condição um narrador implicado nos fatos, que não persegue uma verdade externa no momento em que ela é enunciada. É inevitável a marca do presente no ato de narrar o passado, justamente porque, no discurso, o presente tem uma hegemonia reconhecida como inevitável e os tempos verbais do passado não ficam livres de uma "experiência fenomenológica" do tempo presente da enunciação. "O presente dirige o passado assim como um maestro, seus músicos", escreveu Italo Svevo. E, como observa Hallwachs, o passado se distorce para introduzir-se coerência.⁸⁴

Assim sendo, não nos cabe aqui nesse trabalho buscar um "grau zero" da pureza discursiva, um discurso livre de qualquer contaminação pelas paixões do presente. Ao contrário, o nosso compromisso é o de detectar essas paixões e motivações nos discursos, bem como as distorções que podem se introduzir para dotar de coerência argumentativa o que é, também, defesa de determinadas visões e posicionamentos. Porém, ainda seguindo as palavras de Beatriz Sarlo, é preciso estarmos atentos aos pecados do anacronismo:

A disciplina histórica também é perseguida pelo anacronismo, e um de seus problemas é justamente reconhecê-lo e traçar seus limites. Todo ato de discorrer sobre o passado tem uma dimensão anacrônica; quando Benjamin se inclina por uma história que liberte o passado de sua reificação, redimindo-o num ato presente de memória, no impulso messiânico pelo qual o presente se responsabilizaria por uma dívida de sofrimento com o passado, ou seja, no momento em que a história pensa em construir uma paisagem do passado diferente da que percorre, com espanto, o anjo de Klee, ele está indicando não só que o presente opera sobre a construção do passado, mas que também é seu dever fazê-lo.

O anacronismo benjaminiano tem, por um lado, uma dimensão ética e, por outro, faz parte da polêmica contra o fetichismo documental da história científica do começo do século XX. No entanto, a crítica da qualidade objetiva atribuída à reconstituição dos fatos não esgota o problema da dupla inscrição temporal da história. A indicação de Benjamin também poderia ser lida como uma lição para historiadores: olhar para o passado com os olhos de quem o viveu, para poder ali captar o sofrimento e as ruínas. A exortação seria, nesse caso, metodológica e, em vez de fortalecer o anacronismo, seria um instrumento para dissolvê-lo.⁸⁵

Com plena consciência dessa temporalidade cindida entre passado e presente do discurso dos entrevistados, prevenimo-nos dos anacronismos e construímos aqui uma

⁸⁴ IDEM, p. 49.

⁸⁵ IDEM, p. 58.

narrativa capaz de fazer justiça a essas vozes e ecoar aquilo que está subjacente a elas. Verificaremos as repetições, os elementos irreduzíveis, aquilo que está presente nas memórias individuais e que constitui essas memórias coletivas. Seguindo Pollack, acreditamos que:

É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificarem função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala.⁸⁶

Trabalhamos com a memória individual de quatro ativistas à frente da construção do PT no período histórico estudado:

- Adelmo dos Santos. Adelmo foi presidente do sindicato dos radialistas. Esteve presente desde o começo na fundação do Partido e cronologicamente, dentre os entrevistados, foi o primeiro a se aproximar do grupo pró-fundação do PT. Até hoje pertence ao Partido dos Trabalhadores e à corrente hegemônica, outrora Articulação, agora conhecida como Construindo um Novo Brasil (CNB). Trabalha no gabinete do Deputado Paulão (PT), sendo até hoje um militante político reconhecido.

- Alice Anabuki. Iniciou seu ativismo no movimento estudantil, em torno da Revista *Em Tempo*, animada pela corrente trotskista "Democracia Socialista" (DS). Os outros entrevistados se referem ao seu período de militância em Alagoas como sendo próximo à corrente trotskista "O Trabalho". Afastou-se do PT local para concluir Mestrado e Doutorado em São Paulo. Não faz mais parte do Partido e atualmente é professora de Sociologia na Universidade Federal de Alagoas. Durante o período estudado era funcionária pública do Estado.

- Tutmés Airam. Aproximou-se do PT via movimento estudantil, sendo estudante de Direito da Universidade Federal de Alagoas. Foi da corrente Democracia Socialista (DS) e durante algum tempo, como o mesmo atesta em seu depoimento, presidente do Diretório Municipal do PT em Maceió. Atualmente cumpre a função de desembargador e, portanto, não possui mais vínculos orgânicos com o PT. No entanto, é comum intervir publicamente com posições

⁸⁶ Pollack. *Identidade e memória social*. p.2

políticas eventualmente próximas ao Partido dos Trabalhadores⁸⁷, o que sugere que ainda conserva simpatia pela agremiação.

- Ricardo Coelho. Aproximou-se do PT também a partir do movimento estudantil. Atualmente é professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas. É militante do PT até hoje.⁸⁸

- Geraldo de Majella. Foi dirigente do PCB durante o período que compreende os anos de 1979 até o começo dos anos 1990. Sendo figura política presente na construção das esquerdas durante o ocaso da Ditadura e no período posterior, utilizamos seu relato como forma de registrar um olhar sobre o PT de fora desta organização.

2.3 BREVE CONTEXTO SOCIAL DO OCASO DA DITADURA EM ALAGOAS

O PT surgirá em Alagoas no período de ocaso da Ditadura Militar, simultaneamente ao desenvolvimento do projeto político do Partido dos Trabalhadores em nível nacional. Antes de passarmos a analisar os primeiros anos do Partido em Alagoas, cabe assinalar os efeitos do regime militar no Estado, qual era o cenário político quando o Partido começa a se constituir.

Em primeiro lugar, observa-se que em Alagoas o projeto militar de solapar as esquerdas foi plenamente bem-sucedido. Durante trinta anos as figuras a assumir o poder político no Estado virão, em franca maioria, da União Democrática Nacional (UDN), Partido de caráter conservador, portanto facilmente alinhado ideologicamente ao projeto político dos militares.⁸⁹ O cenário para a esquerda, durante a maior parte desses trinta anos, foi desolador:

A ditadura militar em Alagoas representou, até pelas características do nosso pequeno Estado, um esmagamento quase completo da ciclo da esquerda pré-64. A desarticulação dos movimentos sociais foi profunda. Os quadros políticos da esquerda quase todos presos, neutralizados, exilados, voluntariamente ou não. O movimento sindical e social inteiramente desorganizado, reprimido.⁹⁰

⁸⁷ Como exemplo, conferir o artigo escrito no calor da votação na câmara dos deputados a respeito do Impeachment da presidenta Dilma Rousseff: <http://www.conjur.com.br/2016-mar-24/tutmes-airan-stf-possa-dar-juizo-aos-nossos-juizes>. Acessado às 12:45 do dia 22/07/2016.

⁸⁸ Cf.

⁸⁹ Cf. ALMEIDA, Leda Maria de. *Rupturas e Permanências em Alagoas: O 17 de Julho de 1997 em questão*. P. 66.

⁹⁰ Cf. MIRANDA apud ALMEIDA.

Sob a égide do milagre econômico, um crescimento calcado em empresas multinacionais, o prestígio da ditadura não encontrará rivais dentro do território alagoano durante quase três décadas. A economia da cana-de-açúcar, uma das principais do Estado, não vislumbrará sinais de crise no período⁹¹, conferindo segurança econômica para que a ditadura nomeie seus representantes políticos locais sem maiores dificuldades.

Figura de destaque nesse período é a de Divaldo Suruagy. Oriundo -- como ele próprio gosta de frisar -- de classes populares, Suruagy iniciará sua carreira política pouco antes do golpe de 1964. Alinhado à UDN, aos poucos galgará posições de importância no cenário local, sendo Prefeito de Maceió e líder da bancada Estadual do Governo. Como Deputado, Suruagy exercerá dois mandatos de governador nos anos 1970. Consolidará então a figura de grande administrador e captador de recursos.⁹² Segundo Almeida, seu governo garantiu o apoio popular através de duas medidas, "era um governo que pagava em dia os funcionários e dava emprego à população."⁹³

No seu primeiro mandato, Suruagy (1975-1979) destinou a maior parte de seus investimentos para a dimensão econômica, segmento industrial e infraestrutura econômica, dentro do plano batizado de *plano de ação imediata*.⁹⁴ Através deste plano foi implantado o polo petroquímico do Estado de Alagoas, estradas vicinais, de expansão da energia elétrica e da rede de telecomunicações. A dimensão social foi subalternizada, o que pesou negativamente nas populações mais pobres. Seu mandato foi incapaz, portanto, de oferecer uma saída estrutural para os problemas populares.

O governo Guilherme Palmeira (1979-1982) sucedeu o primeiro mandato de Divaldo Suruagy (1979-1982) e manteve o foco na economia, em detrimento dos problemas sociais. Na esteira do crescimento econômico nacional, o governo manteve o crescimento local:

Alagoas ainda estava vivendo o seu período mais próspero de crescimento econômico. Os dois choques do petróleo ocorridos em 1973 e 1979 fizeram com que a economia brasileira direcionasse sua atenção para o Programa Nacional do Alcool (PROALCOOL), o que, de certa forma, veio beneficiar economicamente a agroindústria açucareira alagoana. O efeito deste movimento foi que para ampliar a

⁹¹ Cf. . ALMEIDA, Leda Maria de. *Rupturas e Permanências em Alagoas: O 17 de Julho de 1997 em questão*. p. 67

⁹² Cf. . ALMEIDA, Leda Maria de. *Rupturas e Permanências em Alagoas: O 17 de Julho de 1997 em questão*. p. 70.

⁹³ cf. IDEM. p. 71

⁹⁴ Cf. CABRAL, Luís Antonio Palmeira. "Os ciclos de desenvolvimento em Alagoas". IN: *Desenvolvimento e mercados no nordeste do Brasil*. P. 82.

área plantada da cana de açúcar, foram devastadas grandes áreas de mata atlântica do litoral alagoano, restando preservado menos de 2% da mata atlântica original.⁹⁵

Não tendo sido afetada de forma tão contundente quanto o resto do país pela crise econômica internacional causada pelos choques do petróleo, Alagoas viveu anos de prosperidade, baseada no desenvolvimento do polo petroquímico e na exportação de álcool. Ainda assim, concentrando atenção quase insignificante aos problemas sociais do Estado. A miséria, a pobreza e a fome seguiam afetando a maior parte da população.

O segundo governo de Divaldo Suruagy (1983-1987) se situou dentro do esgotamento desse ciclo de desenvolvimento em Alagoas. Admitia-se que os níveis de emprego, saúde, educação e habitação eram deficientes e havia uma enorme necessidade de intervenção social no Estado.⁹⁶ No cenário nacional, o milagre se esgotava e tornava-se incontornável o problema da dívida fiscal. Aumentava a insatisfação popular devido ao que Leda Maria de Almeida chamou de um "atrofiamento das políticas públicas."⁹⁷

Os movimentos sociais e manifestações populares em Alagoas eram liderados pelo MDB, que funcionava como um "guarda-chuva", abrigando tanto setores das classes médias e altas da cidade quanto agremiações de esquerda. Em Alagoas, seus líderes eram "José Costa, José Moura Rocha, Djalma Falcão, este herdeiro do espólio político de Muniz Falcão, e, a essa altura, com o apoio do senador Teotônio Vilela, que migrará da situação para a frente de oposição, sobretudo por divergências com a orientação que assumiria o Movimento Militar de 1974."⁹⁸

Essa presença poderosa do MDB, ocupando a maior parte do espaço político à esquerda, será um entrave para a construção do PT no Estado, ao mesmo tempo que elemento de construção identitária do Partido, definindo-se a partir dos enfrentamentos com o MDB. Ao mesmo tempo, este Partido vivia uma reorganização no período, com novas lideranças emergindo e antigas lideranças modificando suas posições no espectro político:

(...) José Moura Rocha, um político considerado pelas classes dominantes alagoanas como esquerda, abandonou a disputa pelo governo e ocupou o lugar de Teotônio. José Costa, o mais brilhante deputado da bancada, abriu mão de uma reeleição garantida e aceitou as incertezas do enfrentamento com Divaldo Suruagy, ex-governador, hábil negociador dos conflitos de chefes locais e gestor de imensos

⁹⁵ Idem, p. 84.

⁹⁶ Idem, p. 85.

⁹⁷ ALMEIDA, Leda Maria de. *Rupturas e Permanências em Alagoas: O 17 de Julho de 1997 em questão*. p. 71.

⁹⁸ idem. p. 73.

recursos que o Governo Federal lançou nas eleições em apoio aos seguidores. Costa foi derrotado pelo voto-cabresto e pelo desespero da miséria, mas teve retumbante vitória em Maceió, onde a opinião é mais livre e a fraude difícil. O seu sacrifício e de Moura Rocha permitiram a sobrevivência do PMDB local, a constituição de uma bancada majoritária na câmara dos vereadores da capital e a eleição de jovens deputados estaduais progressistas, como a ex-presença política Selma Bandeira e o antigo líder estudantil Ronaldo Lessa.⁹⁹

Introduzido este cenário, passemos agora a analisar os primeiros passos do PT em Alagoas.

2.4 O PRIMEIRO CONTATO COM O PARTIDO DOS TRABALHADORES.

A forte presença dos ativistas que viriam a organizar o PT ajudou a espalhar a influência do futuro Partido por todo o Brasil. Dois de nossos entrevistados contaram tomar conhecimento do PT a partir de um ativismo externo. Ricardo Coelho e Tutmés Airan, ambos militantes inicialmente vinculados ao movimento estudantil, narram que conheceram o PT através da repercussão das mobilizações que aconteciam em outros Estados, e se vincularam organicamente ao Partido após o contato com outros ativistas do movimento que já estavam engajados na construção do Partido dos Trabalhadores. Ambos narram que o movimento estudantil alagoano era hegemonizado pelo PCdoB, força que rivalizaria com o PT localmente em diversos âmbitos pela disputa do espaço localizado à esquerda do espectro político.

Comparemos o depoimento de Ricardo Coelho e Tutmés Airan:

Eu ouvi falar depois da greve do ABC em 79, onde eu li algumas matérias de que estava se criando o Partido. E eu fiquei interessado nessa criação desse Partido, mas como não tinha nada aqui em Alagoas ainda assim muito organizado, e ainda havia todo ainda um medo de repressão etc., eu até me aproximei um pouco mais do PCdoB num primeiro momento quando eu entrei na Ufal em 79. Mas mesmo assim fiquei acompanhando a questão do PT e quando eu soube que o PT ia se organizar aqui em Alagoas eu tentei me aproximar, mas num primeiro momento não consegui. O PT fez a primeira convenção aqui em 80, eu só fui me aproximar realmente do PT em 1981 e... por iniciativa própria assim, de ter visto documento, de ter feito contato com pessoas fora daqui, principalmente alguns colegas de Belo Horizonte que estavam entrando no PT lá em Minas, eu terminei me aproximando, no começo de 81, principalmente via o movimento estudantil, onde foi que eu encontrei realmente petistas, onde eu encontrei pessoas que estavam organizando o Partido aqui em Alagoas foi exatamente no movimento estudantil. (Prof. Ricardo Coelho)

Movimento semelhante é narrado por Tutmés Airan:

⁹⁹ ALVES apud ALMEIDA. p. 74.

É, é... na verdade, quando eu entrei na universidade havia uma força hegemônica, muito forte, muito organizada, que era o PCdoB, não é? Então, quase que não... quase que não havia espaço para alternativas, políticas, né?, políticas né? Mas o PT naquela época ele tava surgindo, né? E era assim, alguma coisa meio, meio encantadora, né?, com grandes ideias, com grandes lideranças, né?, uma composição muito ampla de gente muito boa, né?, sindicalistas, estudantes, igreja, né? Então o PT, o PT seduzia, né? E a gente no curso de Direito, a gente conseguiu fugir da área de influência do PCdoB, né? Porque, isso é interessante de registrar, nós tínhamos contato com pessoas do movimento estudantil de Recife, né? Mais especialmente falando o nosso amigo Jeferson Calassa, o famoso Jefinho, que foi dirigente estudantil, né? Em razão desse contato com Jeferson, nós aí nos aproximamos muito do PT, ahn.. e, bom, de uma hora pra outra nós passamos a militar dentro do PT, né?, já na condição de filiados, né? E aí eu me lembro só era eu, o finado, queridíssimo amigo Juca Sampaio, né? o Rafael Gazanael, que hoje é procurador do trabalho, né?, enfim, uma turma muito boa, e que dentro dos limites da visão estudantil deu uma contribuição razoável nos primeiros tempos, tempos enfim muito difíceis, né? De... de... de ser PT, né? Muito difíceis. (Tutmés Airam)

Ambos entraram em contato com o PT através de contatos externos e ambos revelam em sua fala o peso político que o PCdoB exercia no Estado, ao menos no movimento estudantil. Assumindo que ambos partilharam uma realidade de movimento comum, o movimento estudantil, não é difícil entender por que há essa convergência no discurso de ambos. Na fala de Tutmés também há a menção à militantes políticos que estavam no movimento estudantil no período e posteriormente ocuparam papel importante na sociedade civil, como Juca Sampaio e Rafael Gazanael, atualmente procurador do trabalho.

Nossos outros entrevistados, vindos do movimento dos trabalhadores, ainda que revelem uma aproximação diferenciada, também apresentam um discurso que corrobora com a visão de que o PCdoB tinha hegemonia nos movimentos sociais e que a influência do PT vinha a partir de grupos políticos externos e já sedimentados, de fora de Alagoas:

... estive acompanhando a fundação do Partido desde o início, na ocasião em 82 eu ainda não era docente da Universidade Federal de Alagoas, eu trabalhava na fundação instituto de planejamento de Alagoas e... desde o início a gente sempre saudou, considerou como positivo o surgimento do PT, porque afinal ele se propunha a ser um Partido classista, é... conseguiu mobilizar várias frações de esquerda e era ao mesmo tempo também um contraponto para uma força expressiva do PCdoB no Estado. Então... saldamos, nos empenhamos para a fundação do Partido em Alagoas. Muito embora a ideia primeiramente tenha contado com o apoio do Alan que veio do setor dos petroleiros. Nós apenas, é... somamos força, apoiamos nesse sentido. Mas, desde o início, pelo caráter classista do Partido, né? Pela independência do Partido em relação aos governos, ao aparelho de Estado, em relação aos Partidos, né, oficiais? Na época se bem me lembro era... não sei se já era o PMDB, acho que ainda era o MDB... tanto é que o Aerton Soares veio, né? Do, do MDB... e o PDS que era o Partido do Maluf. Então... saldamos assim com muito

entusiasmo, até porque eu... nós, o pessoal que aglutinou em torno do PT, a gente veio de uma militância no movimento estudantil de São Paulo... então pra gente foi assim um revigoramento de um Partido de esquerda, não fundamentalmente eleitoral, muito embora também não estivesse excluído, né, as participações nas campanhas eleitorais, mas ele conseguiu aglutinar um pensamento com uma certa tradição na esquerda. (Alice Anabuki)

Alice conta da sua proximidade com a militância também vinda do Movimento Estudantil, demonstrando aí que também foi atingida pelo ressurgimento do movimento que se dava nacionalmente. Mas o mais importante é que aí já começa a se delinear uma construção da imagem petista em relação aos outros partidos, chamados por ela de "oficiais". Alice se refere ao PT como uma força capaz de "aglutinar um pensamento com uma certa tradição na esquerda". Aqui ela se refere a toda a militância que surgiu ao longo das décadas posteriores à instauração do regime militar, crítica da diretriz política do PCB e do PCdoB, crítica do trabalhismo, do nacionalismo e do stalinismo em perspectiva internacional. Dentro dessa tradição estaria inscrito o trotskismo, por exemplo. Ela também é, dentre todos os entrevistados, a única a empregar o termo "classista" para definir o partido do período, além de ressaltar positivamente o caráter independente do Partido, em relação às demais forças políticas e empresariais do país. Este discurso tem consonância com a tese do Congresso de Santo André-Lins, já mencionada no capítulo anterior. Nota-se aqui a disputa pela memória do PT dos primórdios, da "origem" classista e independente.

Eu... nesse período eu era simpatizante do agrupamento Em Tempo, né, nós distribuíamos o jornal aqui em Alagoas, então esse era um canal, né? Era um canal, e também... não me lembro... convocou-se uma reunião no escritório, acho que era do Alan, no centro da cidade, foi a primeira ou a segunda reunião, e nós fizemos presente. Foi aí que eu soube de que havia um agrupamento, um futuro núcleo do PT, e foi feita essa convocatória ampla de quem se interessasse da proposta. Claro que já se aventava em nível nacional o movimento pela criação pelo PT, então nós integramos esse movimento. (Alice Anabuki)

Fica aí explicitada a relação que a militante em questão já carregava de uma militância anterior à sua vivência em Alagoas, também vinda do movimento estudantil, e sua relação com o jornal *Em tempo*, jornal, à época, animado por agrupamentos que mais à frente iriam fundar a corrente trotskista conhecida como Democracia Socialista. Mas em seu depoimento vemos aí já uma resposta a um chamado prévio vindo de militantes ligados ao movimento operário, no caso específico, Alan Brandão, presidente do sindicato dos petroleiros. O jornal *Em tempo* foi criado por dissidentes do periódico *Movimento*. Descontentes com os rumos

políticos adotados pelo *Movimento*, próximo das concepções do PCdoB, que via no momento político como tática privilegiada a atuação dentro de uma frente democrática, essa dissidência produziu um jornal de ideias aproximadas ao trotskismo, que vinha ganhando visibilidade no período. A união de grupos políticos ligados ao *Em tempo* e ao jornal *Centelha*, grupos estudantis de Minas Gerais, Porto Alegre e outras regiões, daria origem à Democracia Socialista, tendência política ligada internacionalmente ao Secretariado Unificado da IV Internacional (SU), que tinha como um de seus principais dirigentes o marxista Belga Ernest Mandel.¹⁰⁰ A DS seria, ao longo da história do PT uma das principais correntes trotskistas, juntamente com a Convergência Socialista e a corrente O Trabalho, até abandonar suas raízes ideológicas trotskistas nos anos 1990.

Acrescentando informações importantes a esta visão, passemos ao depoimento de Geraldo de Majella. O ex-dirigente comunista afirma que no cenário alagoano se desenha um PT muito diferente daquele da imagem do ABC paulista explodindo em greves operárias. É que a repressão militar aos sindicatos em Alagoas foi implacável, e não havia muito desenvolvimento de movimento operário e de sindicalismo de bases mais alicerçadas no setor fabril. O que se tinha era, para Majella, uma forte organização com bases na classe média. Dentro desse setor de classe média há a inequívoca referência ao movimento estudantil:

"... o que agregou muita força à militância petista daquele momento foram os estudantes. Os estudantes a partir dos anos 1980, 1981, 1982 passou a ter uma militância política interessante da juventude, sobretudo da juventude estudantil a partir dos cursos da Universidade Federal de Alagoas e entre os cursos o curso de Direito foi um curso que deu bastante militantes naquele momento para o PT. Então esse PT que foi criado aqui em Alagoas ele é um PT completamente diferente do que surge no ABC, do que surge até mesmo no Rio de Janeiro e em outros centros, né?, porque esse era dada diante da realidade política que Alagoas se encontrava, quase todos os sindicatos eles tinham sofrido a intervenção sindical por parte da Delegacia Regional do Trabalho mas tinha alguns poucos sindicatos que tavam retomando a direção." (Geraldo de Majella)

A militância na Universidade Federal de Alagoas seria, para todos estes atores entrevistados, uma marca importante da constituição do PT em Maceió. Aí sim teríamos um compasso maior entre a dinâmica local e a dinâmica nacional, no âmbito das articulações

¹⁰⁰ Para mais informações ver: Angelo. *A trajetória da Democracia Socialista*. Sobre o Em Tempo, Além deste, conferir também MACEDO, Michelle Reis de. *Recusa do passado, disputa no presente: esquerdas revolucionárias e a reconstrução do trabalhismo no contexto da redemocratização brasileira*. Maceió: Edufal, 2014.

estudantis. Sabemos que a segunda metade da década de 1970 assistiu a uma explosão de mobilizações estudantis importantes em todo o Brasil e um fortalecimento da esquerda universitária, ligada a grupos de estudo, pequenas organizações políticas clandestinas voltadas para combates democráticos e outros agrupamentos.¹⁰¹

Esse cenário estudantil era inclusive aberto à pluralidade e ao confronto entre organizações. Geraldo conflui na avaliação da importância do PCdoB para este cenário, marcado por uma forte disputa pela hegemonia no campo da esquerda, mas também com pequenas organizações e agrupamentos correndo por fora, estes mais simpáticos à construção do Partido dos Trabalhadores:

"O PCdoB ele tava com uma força grande na universidade então a universidade passou a ser o seu pólo difusor e o mais importante para conseguir ampliar sua militância. Na política o PT, acabamos fazendo por caminhos os mais diversos, e esse grupo, só um detalhe, nesse grupo que organizava o PT mais dinamicamente, com mais atividade, era um grupo de estudantes e de vários agrupamentos trotskistas. Então as subdivisões dentro do PT sempre foi uma característica da sua fundação." (Geraldo de Majella)

Passemos ao depoimento do sindicalista Adelmo dos Santos. Adelmo era dirigente do sindicato dos radialistas, portanto, desde antes da fundação do PT, já ligado à luta sindical e ao movimento que se desenrolava nacionalmente. Portanto, sua proximidade com a construção do Partido dos Trabalhadores é inegavelmente maior do que a dos outros entrevistados. Cronologicamente, Adelmo dos Santos será o primeiro a se aproximar do PT dentre os entrevistados. Mais do que isso, pertencendo a Articulação¹⁰², participará desde o início do PT até hoje do núcleo dirigente do Partido. Os compromissos oficiais que assume o levam também, como veremos nos relatos que seguem, a assumir um discurso de maior compromisso com a memória coletiva petista.

¹⁰¹ Um registro audiovisual importante dessa reorganização estudantil dos anos 1970 é o documentário "O apito da panela de pressão". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DUGZABQ0L5c>. Acessado no dia 04/10/2016.

¹⁰² O PT constituiu uma forma de organização inédita no Brasil até os anos 1980, a de tendências. O grupo que ficou conhecido como Articulação foi montado por intelectuais e dirigentes sindicais, a maior parte deles oriundas do grupo original do ABC e sindicalistas próximos a Lula desde os primórdios. A corrente Articulação se instituiria como o grupo hegemônico dentro do PT desde sua fundação. Para uma análise da trajetória histórica da Articulação Cf. COELHO, Eurelino. *Uma esquerda para o capital: o transformismo dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. São Paulo: Xamã, 2012.

Em 1978 eu presidia o sindicato dos radialistas de Alagoas, e... à época, os trabalhadores do Brasil começavam a reivindicar os seus direitos, quando nós estávamos saindo de uma ditadura militar. E os metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, começaram então a colocar a... para todos, que era preciso que a gente, é... buscasse, é... nossos direitos, que nós tivéssemos de verdade autonomia sindical, que os trabalhadores pudessem de fato escolher o seu presidente, o seu governador, o seu prefeito. Então nessa época, em 78, nós convidamos, eu na qualidade de presidente do sindicato dos radialistas, convidamos o presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, que era o presidente Luís Inácio Lula da Silva. E ele veio fazer um debate aqui em Alagoas, que era na Academia Alagoana de Letras, na praça Deodoro, e... tivemos muita dificuldade para encontrar um lugar, um local para fazer esse debate, e conseguimos a Academia Alagoana de Letras através de Dr. José Maria de Melo que era presidente naquele ano, e a gente conseguiu levar um público expressivo para a academia, que ficou pequena, que foi preciso colocar um carro de som na praça Deodoro. Depois saímos prum jantar e numa conversa reservada o Lula disse que precisava a gente criar um instrumento, uma ferramenta de luta da classe trabalhadora, e essa ferramenta era a fundação do Partido. Foi a partir daí que eu comecei a entender que era preciso ter esse Partido, e nós fundamos esse Partido que é o Partido dos Trabalhadores, o maior Partido de esquerda da América Latina. (Adelmo dos Santos)

Destacamos aí a importância das greves do ABC como um exemplo de acontecimento vivido por tabela, entendido como "[acontecimento vivido] pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer"¹⁰³. O depoente não viveu as greves do ABC, não fez parte de sua construção, mas remete a ela em seu relato como forma de relacionar sua história à história do Partido.

Adelmo dos Santos conta ainda da concorrência para prestigiar a fala de Luís Inácio Lula da Silva. Destacamos aí também a operação da construção da memória coletiva, através da presença de determinados personagens. Lula, como já assinalamos no capítulo anterior, era já naquele momento a principal figura do Partido dos Trabalhadores. Até hoje, quando registramos esses depoimentos, é ele a principal figura do Partido, depois de exercido dois mandatos presidenciais, e parte da memória coletiva petista se constitui a partir de sua figura. Pollack discorre que:

...a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa¹⁰⁴

¹⁰³ Michel Pollak. *Memória e identidade social*. p.2

¹⁰⁴ IDEM.

Lula, pelo peso político que tem até hoje, aparecerá novamente na fala de todos os outros entrevistados, comprovando o que afirmamos que sua imagem constitui em parte fundamental da identidade do Partido dos Trabalhadores. O narrador ainda conta que saiu para jantar com Lula, explicitando aí o que estaria, na sua memória individual, como um vínculo pessoal, íntimo com esta personagem tão importante. Parte da construção de sua legitimidade como liderança pode ser inferida a partir dessa relação íntima.

Vemos aí a iniciativa partindo diretamente do dirigente sindical, a articulação íntima e direta com aquele que era, já na época, o principal dirigente do movimento pela criação do Partido dos Trabalhadores. Interessante notar que o entrevistado ressalta a dificuldade em arrumar local para realizar o encontro com o sindicalista, dificuldade que vai aparecer também em outras partes do relato. Também registra-se o apelo que tinha a presença, à época, do presidente do sindicato dos metalúrgicos, visto que há não só a lotação do auditório em que foi realizado o debate como um carro de som montado para as pessoas que prestigiaram o evento da praça Deodoro. Essa concorrência para a fala de Lula pode ser explicada por dois fatores. Em primeiro lugar, temos o cenário da abertura política em desenvolvimento. É um momento político de efervescência, de debates, síntese entre as correntes políticas, confrontos ideológicos. Aliado a esse fator, em Alagoas há a concorrência também porque, dentro desse cenário, vimos que a deterioração do milagre provoca no Estado o olhar para as injustiças sociais, cada vez mais gritantes. Por fim, destacamos que a dificuldade em adquirir o local pode ser reflexo da ainda existente repressão, as ainda vigentes restrições à organização política dos trabalhadores de maneira independente. A ditadura ainda tentava calar e tutelar os trabalhadores através de diversos meios. Adelmo foi um dos presentes nas discussões iniciais de fundação do Partido:

Bom, primeiro eu fui participar de um encontro em São Bernardo do Campo, em 78, com um grupo de metalúrgicos de Minas Gerais, Rio de Janeiro, bancários de Porto Alegre, é... metalúrgicos de Santos, companheiros de Pernambuco, do Pará, eu fui participar dessa reunião. E a partir dessa reunião em São Paulo foi que nós começamos a discutir a avaliação do estatuto do Partido¹⁰⁵ para que a gente pudesse a partir de então discutir e efetivar a fundação do Partido. (Adelmo dos Santos)

Adelmo é um dos membros fundadores do Partido dos Trabalhadores e um dos Membros da Articulação. Contudo, sabemos que esta agremiação não esgota a definição das

¹⁰⁵ Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/estatuto.pdf>>. Acessado em 22/07/2016. 19:45.

forças políticas que construíram o PT. Passemos agora a analisar as memórias individuais em busca de definições de quem seriam os grupos formadores do PT no Estado.

2.5 PRIMEIRO GRUPO PRÓ-FUNDAÇÃO DO PT

De acordo com os depoimentos, o primeiro grupo organizado para fundar o PT em Alagoas foi formado basicamente por sindicalistas, funcionários públicos e militantes próximos ao movimento estudantil. Não há na composição inicial dos dirigentes petistas militantes ligados diretamente ao movimento de base da Igreja Católica, militantes de movimentos rurais ou de organizações vindas da luta armada contra a ditadura:

Essa época fui eu. Depois é que nós agregamos outros companheiros, Universitá...O Pedro Luís foi presidente do sindicato dos urbanitários; o Tutmés Airan, que foi desembargador; o Ricardo Coelho, que é advogado, é... o companheiro Roberto Cavalcante, que já faleceu, dos urbanitários; o companheiro Márcio Souza, que era também urbanitários, que faleceu; é... tinha outro companheiro importante, o Zé Gomes, que também faleceu... Começamos a partir desse pessoal, Alan Brandão, que também faleceu; Gentil, José gentil Malta; Alice Anabuki, Mário Anabuki... Foi a partir daí que nós começamos a discutir a questão do PT aqui em Alagoas. (Adelmo dos Santos)

Todos os entrevistados sublinham a importância do movimento estudantil. Este movimento vinha de um momento de efervescência nacional, com a rearticulação da União Nacional dos Estudantes e diversas greves estudantis. A Ufal também foi palco de uma greve estudantil. Ricardo Coelho conta que se aproximou do movimento estudantil e, logo após, do PT, dentro desse contexto:

Eu fiz primeiro movimento estudantil secundarista mas muito pouco, porque havia ainda uma repressão muito grande, 76,77. Aí eu comecei na escola técnica mas muito incipiente mesmo né, não havia assim uma, nenhuma consciência de uma grande participação. Aí passei um ano estudando pra vestibular e quando entrei na Ufal foi que eu comecei a participar. E logo quando a gente entrou, eu entrei em engenharia civil, e logo quando eu entrei em 79 foi logo uma grande greve. A primeira greve do movimento estudantil aqui em Alagoas foi na engenharia civil, então a gente, eu participei de assembleia, passeatas, etc. E depois continuei no movimento estudantil, também no movimento de igreja, que eu era de igreja evangélica, sem ter entrado no PT, minha entrada no PT é posterior à participação no movimento estudantil, que já vinha acontecendo e participação no movimento de igreja também. (Ricardo Coelho)

Aqui a memória do acontecimento da greve da engenharia ocupa lugar importante na memória de Ricardo Coelho. Sua trajetória militante é elaborada tendo como marco inicial sua aproximação com a Igreja, mas principalmente o movimento estudantil. Sua fala registra que há na Universidade Federal de Alagoas um movimento estudantil importante, mobilizado e conectado aos debates políticos da época.

Tutnés Airam frisa não só a importância do movimento estudantil para o cenário político do período como sua importância como ativista. Interessante notar a afirmação de que "O PT nasceu do curso de Direito", mostrando como teve importância para a futura agremiação a articulação dentro da faculdade de Direito, faculdade que estava desguarnecida da dominação Pecêdebista aludida anteriormente:

É... não... eu entrei na faculdade de Direito, né? ahn... e a faculdade de Direito, ahn... na faculdade de Direito não havia assim, ahn... um PCdoB muito forte muito consolidado, né? Então de alguma forma tinha um caminho mais ou menos aberto, né?, pra outras ideias, pras outras propostas, né?, e aí, é... eu era muito ligado, eu, Rafael Gazanel, Juca Sampaio, era muito ligado ao Juca, que, por sua vez, tinha amizades muito fortes com o pessoal lá de Recife, né?, Como eu disse, o Jeferson Calassa, o Jarbas "Dedão", que... hoje ele tá, salvo engano, no ministério da saúde, enfim, não é? ah... e nós íamos muito a Recife, pessoal de Recife vinha pra cá, e aí nós começamos a construir... O PT, na universidade, ele nasceu a partir do curso de Direito. O PT, ele era um desconhecido, né?, e nós começamos a construir o PT a partir do núcleo petista que nós fundamos lá no curso de Direito. E aí nós também consolidamos naturalmente um polo de liderança dentro do curso de Direito, que foi assim por muito tempo é... hegemônico, né? Enquanto a gente, tava lá, né? Disputando lá, né? E era uma época muito boa, muito fértil, porque era uma onde fazer parte do movimento estudantil implicava em, implicava em... em participar de muito debate, não é?, era um... era um momento político muito rico, né?... nós discutíamos política de verdade mesmo, né? num nível bastante interessante, os debates eram intensos, particularmente aprendi muito, eu queria dizer que o movimento estudantil pra mim foi minha melhor escola, né? aprendi bastante em todos os sentidos, né? aprendi... fui, fui conduzido a ter um verniz intelectual para além das discussões técnicas, né?, do curso de Direito... De alguma forma hoje, hoje a meninada parece que tem uma opção muito clara e equivocada pelo... pelo tecnicismo puro e simples, né?, o movimento estudantil me permitiu um alargamento dessa visão, né?, para além das discussões técnicas um revestimento político, né?, um compromisso político, uma visão política da sociedade e do mundo, né? (Tutnés Airam)

Novamente, a construção da identidade petista em confronto com o PCdoB. O curso de Direito é descrito como uma fresta. Uma pequena abertura por onde a construção do PT pôde passar, visto que ali não havia a força do PCdoB como em outros cursos. Tutnés reforça o impacto do movimento estudantil para a construção do PT em Alagoas. Parece-nos possível afirmar que, se não determinante, os estudantes à época foram parte fundamental da

constituição do Partido dos Trabalhadores. Ingressando no Partido dos Trabalhadores, esses ativistas, ao lado dos dirigentes sindicais, teriam uma primeira grande missão: a legalização do partido.

Geraldo de Majella, antes de destacar a presença do movimento estudantil e da classe média, em trecho recortado anteriormente, menciona também quem seriam os primeiros dirigentes sindicais do PT em Alagoas. Há consonância com os nomes destacados por Adelmo e outros depoimentos:

"Então, essa ideia que nasce lá no ABC e se espalha por São Paulo, Rio de Janeiro, os grandes centros, quando ela chega aqui em Alagoas ela chega também pelo movimento sindical existente naquela época, né? Que é um movimento sindical que a gente tem que bem defini-lo, né, de resistência. Tinha o Sindicato dos Radialistas, foi basicamente o Sindicato dos Radialistas, através do presidente Adelmo dos Santos e o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Urbanas, que hoje é o Sindicato dos Urbanitários, através do Pedro Luís da Silva. Então eram esses dois sindicalistas e mais alguns outros militantes políticos que estavam nas oposições sindicais como o caso do José Gomes da Silva, que tava na oposição sindical dos trabalhadores da construção civil, né?, então basicamente esses, o Alan Brandão, que era um ex-militante do PCB e ex-dirigente do Sindicato dos Petroleiros, ele tinha sido presidente do Sindicato dos Petroleiros e um dos dirigentes do Comando Geral dos Trabalhadores, o CGT, até o 1º de abril de 1964. O Alan foi uma das figuras que contribuiu muito pra fundação do PT e arregimentou muitos ex-líderes sindicais muitos ex base do Sindicato do Petróleo, e de outras categorias que já estavam a pelo menos quinze, vinte anos quase, pelo menos vinte anos, fora de organização sindical e muito menos de organização política. Essas pessoas passaram a ser convidadas e convencidas a militar no PT, entrar no PT e participar da fundação do PT. Só que tinha ao lado desses velhos dirigentes sindicais e ex-dirigentes sindicais, e dos novos, porque o Adelmo era um na época, ele não era, não pertencia a velha guarda do movimento sindical, muito pelo contrário, era um jovem líder sindical, o Pedro Luís a mesma coisa." (Geraldo de Majella).

Vemos aí a existência de uma militância jovem em sua maioria, mas também alinhada a quadros do passado sindical alagoano com Alan Brandão. Em um cenário de um movimento sindical defensivo e acuado pela repressão, o espaço onde o PT se constituirá será sobretudo o das oposições sindicais e do sindicalismo ligado às classes médias, como o assinalado caso dos radialistas e dos jornalistas.

Dentre os movimentos sociais que estiveram presentes nesse momento dando suporte à campanha de legalização destaca-se, indubitavelmente, o movimento sindical. Adelmo dos Santos lista os principais sindicatos que participaram na fundação do PT:

Bom, sindicatos, nós tivemos aqui a participação decisiva para a construção do PT do sindicato dos urbanitários, sindicato dos metalúrgicos, sindicato dos radialistas, sindicato dos trabalhadores rurais de Craibas, sindicato dos trabalhadores rurais de Inhapi, sindicato dos trabalhadores rurais de... de Igreja Nova, sindicato dos trabalhadores rurais... eu poderia até citar só esses porque na verdade naquela época a FETAG era uma entidade que era muito pelega e tinha como um dos principais dirigentes o Zé Benedito que estava no poder há mais de vinte e cinco anos." (Adelmo dos Santos)

Note-se que essa listagem de sindicatos se sobrepõe ao já mencionado problema da dificuldade financeira e de mobilização para garantir as filiações. Essa proximidade com os sindicatos não reflete em uma maior quantidade de trabalhadores organizados. A listagem de Adelmo nos parece mais um repasse. Tem um tom oficial, mas não reflete uma organização em sua base.

Além destes, Ricardo Coelho também menciona a presença importante da Pastoral Operária, no que consistiria aí uma primeira aproximação com a Igreja Católica:

Tinha os sindicalistas. Tinha o pessoal do urbanitários, sindicato dos urbanitários, o pessoal do sindicato de asseio e conservação, o pessoal da construção civil, dos ferroviários, o pessoal que estava ligado à Pastoral Operária, que era um grupo que o Lula participou também e nacionalmente eles participaram desse grupo pastoral operária e aqui eles ajudaram a fundar o PT. Até lideraram no começo e... esse pessoal ajudou muito nessa campanha de filiação nesse primeiro momento. (Ricardo Coelho)

Ricardo Coelho acrescenta aos sindicalistas aqueles ligados à Igreja, na organização da Pastoral Operária. Desde o começo, sua narrativa mostra a presença da Igreja Católica na organização do PT, o que indica que esse setor pode sim ter estado presente na construção do PT, com menos impacto que os dirigentes sindicais e estudantes.

Em Alagoas o movimento sindical se fez presente desde o começo liderando a fundação do PT. Ricardo Coelho sublinha que mesmo os militantes egressos do movimento estudantil tinham o entendimento de que os trabalhadores é que deveriam ocupar os postos de direção do Partido:

Foi, o pessoal do movimento sindical, o pessoal do movimento sindical tava liderando, tava na direção do Partido no Estado quanto no município, inclusive porque havia uma desconfiança aí no movimento sindical com os estudantes, eles

achavam que a gente não tinha a responsabilidade política nem a densidade política pra tá ajudando a organizar o Partido, então eles foi que lideraram e a gente, numa ideia de que eles realmente tinham que liderar, até tomando o exemplo nacional do Lula, de Olívio Dutra, de Jacob Bittar, então eles é que ficaram à frente nesse primeiro momento, da direção do Partido. (Ricardo Coelho)

Essa fala se encontra com o programa do PT, que afirmava o classismo e a necessidade da liderança da classe trabalhadora. Esse entendimento era parte constitutiva do PT. Interessante que se diga que a ideia de que os operários realmente tinham que liderar apareça como de fácil aceitação. É de se questionar o quanto essa necessidade de construção da identidade de Partido dos Trabalhadores não legitimava uma construção política e uma liderança, sindicalista, mesmo que não diretamente ligada ao setor produtivo ou de baixos assalariados. O fato é que os dirigentes sindicais assumiram a direção da organização, conforme o processo de instauração do PT se completava, porém, já eram notórias as candidaturas de funcionários públicos e setores médios, bem como figuras públicas vindas dessas camadas, como Paulão, Heloísa Helena, dentre outros. Mesmo Tutmés Airam, que inicia sua militância no movimento estudantil, seria ainda nos anos 1980 presidente municipal do PT. O que mostra que ainda que obedecendo a essa designação, as camadas médias estariam sempre representadas e cumprindo papel político importante dentro do PT, embora não representando diretamente vindas do movimento estudantil, mas inegavelmente oriundas dele. A narrativa de Ricardo Coelho ainda destaca que o movimento sindical era predominantemente de setores produtivos, não havendo ainda a predominância de movimentos oriundos do funcionalismo público, como se veria posteriormente:

É, naquele momento a maioria era operária. A maioria era de construção civil, a maioria era de urbanitários, a maioria era da... era também ferroviário... e não havia ainda muito movimento de setor público. O movimento de servidor público é um movimento pequeno ainda, até que a constituição não permitia, né? Só a constituição de 1988 vem permitir a questão da sindicalização do servidor público, então não havia muitos setores, havia alguns. Outro setor que era importante mas a maioria tava com o PCdoB era os bancários, mas mesmo assim havia alguns bancários com a gente, mas de modo geral o movimento sindical era o mais forte e naquele momento mais operário, mais, é...ferroviário, esse, esses grupos aí. (Ricardo Coelho)

Portanto, esses sindicalistas serão na narrativa de todos os entrevistados vistos como o setor ponta de lança na construção do PT alagoano. Há militância sindicalista, especialmente

de fora da égide do PCdoB. Notemos mais uma vez que o espaço político do PT se define sempre relacionado ao PCdoB.

Majella, por sua vez, como dirigente de outra organização política, dará uma outra acentuação. Destacando o que seriam, para ele, os três líderes sindicais mais importantes nesse momento da construção do PT, dá conta de uma influência importante que estes desempenharam na construção das Oposições Sindicais no Estado. Este fenômeno da organização de Oposições Sindicais foi importante para a construção.

"Então esse PT que foi criado aqui em Alagoas ele é um PT completamente diferente do que surge no ABC, do que surge até mesmo no Rio de Janeiro e em outros centros, né?, porque esse era dada diante da realidade política que Alagoas se encontrava, quase todos os sindicatos eles tinham sofrido a intervenção sindical por parte da Delegacia Regional do Trabalho mas tinha alguns poucos sindicatos que tavam retomando a direção. O Sindicato dos Jornalistas, o Sindicato dos Radialistas e o Sindicato dos Urbanitários. O Sindicato dos Radialistas com Adelmo dos Santos, Sindicato dos Jornalistas com o João Vicente Freitas Neto e o Sindicato das Indústrias Urbanas o Pedro Luís da Silva. Então esses três líderes sindicais eles conseguiram organizar e sobretudo trabalhar e dar apoio às várias oposições sindicais que começaram a surgir no final dos anos 1970 e início dos, a primeira metade dos anos 1980 as oposições sindicais do Sindicato de Médicos, Sindicato de Professores, Sindicato da Construção Civil, Sindicato dos Metalúrgicos, alguns Sindicatos de Portuários, os Portuários com várias categorias que tinham lá, arrumadores, estivadores, os camisa-branca, os motoristas, os conferentes... Então eram os portuários, além do próprio sindicato de portuários mesmo, da administração do porto, você tinha todas essas outras categorias que compunham o que se poderia chamar de um modo geral e defini-los como os portuários que eram os trabalhadores que trabalhavam na atividade portuária, mas cada um nas suas categorias, nas suas áreas né." (Geraldo de Majella)

Assim delimitado, fica mais precisa a visão do que seriam, para estes atores políticos, a base militante do PT no movimento sindical. A visão construída por estes relatos é a de um sindicalismo urbano, porém majoritariamente de classe média. Destaque aí para o Sindicato de Portuários, com uma pluralidade de categorias interessante.

Em acordo com o depoimento de Adelmo e Geraldo nesse âmbito, tanto Alice quanto Tutmés frisam as dificuldades colocadas para o agrupamento pró-fundação do PT em Alagoas, inerentes à militância no Estado, mas agravadas pela hegemonia do PCdoB no Estado, seu peso no movimento:

É... deixa eu ver se eu me lembro...É... tinha membros do sindicato dos jornalistas, que era o Adelmo dos Santos; o Alan dos petroleiros; tinha, se não estou enganada, o Pedro Luís do sindicato dos eletricitários também já se aproximou desde o início, ele e vários membros da diretoria da qual ele dirigia; o movimento estudantil, pessoas isoladamente, não como entidade, porque esse pessoal tava mais engajado com o PCdoB; parlamentares, nenhum, que eu me lembre. Eram pessoas isoladas, individuais, que foram se chegando, e a gente... professores mesmo, praticamente... não me lembro. Professores da universidade... não me lembro de quem se aproximou. Estudantes sim, o próprio Ricardo Coelho que na época era estudante, o Tutnés também, o Dr. Tutnés Airam, que na época era estudante... eram pessoas individuais não como entidade, não como representante de órgãos, coletivos, eram indivíduos. E tivemos aproximação que era um pessoal que combatia não só os grandes Partidos oficiais mas também tinham restrições à força do PCdoB, que o PCdoB na época, nacionalmente, era o agrupamento mais forte do Partido, era em Alagoas. Eram os que mais vendiam o jornal, tinham várias entidades sindicais, de classe, nas mãos, né? Acho que se não me engano os médicos, a UNE, DCE... é, é... se não me engano eles também tinha parlamentares, se não me engano... ou seja, o PCdoB, em Alagoas, era extremamente forte, com um dos núcleos mais fortes do PCdoB no Brasil.(Alice Anabuki)

Assinalemos na fala de Anabuki uma preocupação em firmar que nesse momento não eram forças políticas, entidades políticas organizadas que se aproximavam do Partido, em sua lembrança. A narrativa de Alice registra a presença de indivíduos, e faz questão de pontuar, "indivíduos, não organizações". Parece-nos uma construção discursiva que chama a atenção para um caráter espontâneo politicamente, ainda não fechado organizativamente, mas por fazer-se.

Essencial também para a constituição de uma identidade política é a relação com um "outro". Veremos se repetir ao longo das narrativas a presença do PCdoB como adversário do PT dentro do espectro das organizações de esquerda. Esse "outro" específico que é o PCdoB será pontuado nas falas a partir das divergências táticas, propostas organizativas, propostas sindicais, articulações etc. Mais adiante exploraremos essa relação de conflito em um tópico específico. Pollak nos dá uma precisa definição do que é, para ele, a importância do "outro" na definição das identidades políticas:

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra

que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.¹⁰⁶

Se a estratégia de imputar ao PCdoB a responsabilidade pelos obstáculos à construção do PT é uma ferramenta política e discursiva, por outro lado não se pode negar que tanto o PT quanto o PCB, que também se reorganizava no Estado no período, se depararam com uma organização já consolidada e com desenvolvimento em diversos setores de movimentos sociais do Estado:

"Mas esse início, essa partida do PT, do PCB, que já encontra o PCdoB com um grau de organização muito maior do que esses outros partidos, inclusive o PCdoB já com um Deputado Estadual que era o Renan Calheiros, que se elege em 1979, Deputado Estadual, o que deu um impulso muito grande do ponto de vista político tanto na projeção da política defendida pelo PCdoB naquela época quanto da organização em si do Partido, né?, aqui em Alagoas. E essa organização em todos os três partidos tinha sempre a classe média como os seus referenciais. O PT tinha algum grau de militância de trabalhadores nas indústrias urbanas, jornalistas e tal, mas a estudantada era essencialmente quem hegemonizava a condução do Partido aqui em Alagoas. A mesma coisa acontecia com o PCB, o PCB é um partido que foi organizado, tinha alguns remanescentes do movimento sindical dos anos 1960, 1950-1960, sobretudo dos anos 1960, final dos anos 1950 e boa parte dos anos 1960 que se reorganizaram mesmo, voltaram pra o trabalho mais organizado de militância política e a nova geração, ou seja, os estudantes que passaram a entrar na militância política e que em determinado momento assumiu a direção do trabalho de reorganização do PCB aqui em Alagoas.

O que é que isso significa para o ambiente local na esquerda alagoana? Você tinha um PT com força nacional, um PCdoB com muita força local porque tinha uma organização anterior à anistia e o PCB se reorganizando e com divergências ainda grandes no plano nacional." (Geraldo de Majella)

Os conflitos políticos entre PCdoB e PT deram a tônica da disputa na esquerda. Acusado de dividir as oposições, o PT se viu obrigado a enfrentar uma organização política que, se não legalizada, possuía bases mais assentadas nos movimentos sociais e maiores reservas políticas. Dentro do MDB, o PCdoB seria um grande adversário dentro dos movimentos urbanos e rurais.

O PCdoB, após o fracasso da guerrilha do Araguaia e da estratégia de apostar nas mobilizações a partir do campo decidiu se reaproximar dos movimentos urbanos, no final dos anos 1970. Para isso, construiu o jornal *Movimento* -- inicialmente em aliança com alguns agrupamentos trotskistas, que abandonariam o grupo posteriormente para fundar seu próprio

¹⁰⁶ Pollack. p. 5

jornal -- e iniciou a partir daí sua participação nos debates das esquerdas. Através desse instrumento político o PCdoB polemizou com o nascente PT, com Brizola, que retornava do exílio e principalmente com a ditadura. Mas a opção adotada organizativamente para lutar pela democracia foi a entrada no MDB. O PCdoB apostava nesse partido como o articulador de uma frente democrática nacional e pela defesa de uma assembleia nacional constituinte.¹⁰⁷ Muito criticada por essa decisão, a organização cruzaria os anos 1980 inteiros dentro do MDB, polemizando duramente com o PT, o novo sindicalismo, os trotskistas e todos aqueles que apostavam em estratégias à esquerda fora da unidade proposta. Para o PCdoB, estar fora do MDB era "dividir as oposições".

Aqui em Alagoas o contato entre MDB e PT seria mediado pelo peso do PCdoB, que tinha representatividade e influência política no Estado:

... na verdade a esquerda do PMDB, que era o antigo MDB e depois PMDB, a esquerda do PMDB era o PCdoB. Então a polêmica maior já foi com o PCdoB. Nós tivemos uma relação de 79 até 89, uma relação de muita disputa com o PCdoB. Assim, disputas muito acirradas. De 89 como houve a campanha do Lula, que já não tá no título mas só pra justificar, como houve a campanha do Lula, até houve uma aproximação melhor. Mas de 79 até 85, 86 as disputas eram muito acirradas com o PCdoB, porque ele disputou bases sociais comuns com movimento estudantil, DCE aqui, sindicato dos bancários, é... o que mais? Sinteal, sindicato dos professores que tava se criando naquela época. Então, a... isso tudo tava com o PCdoB, então nós fomos assim uma força que... tivemos grandes problemas. Com o PCB, nem tanto. Como o PCB era uma força minoritária, naquele momento era menor, então nós, eles se aliavam com a gente, mesmo sem grandes concordâncias eles se aliavam com o PCdoB por questões circunstanciais em cada sindicato, em cada movimento social. Mas com o PCdoB a disputa foi acirrada, difícil, com momentos até de brigas físicas mesmo, de troca de murros, de tapas e tudo (rs). (Ricardo Coelho)

O PCdoB surgiu como uma ruptura do velho "Partidão", o PCB, ainda em meados dos anos 1960. Tendo como ponto de partida as divergências concernentes aos rumos do stalinismo após a divulgação dos relatórios Krushev, a explosão confirmou-se quando da aprovação do novo estatuto do PCB, em 1959. Dirigentes como João Amazonas e Maurício Grabois, futuras lideranças importantes do PCdoB, acusavam o "Partidão" de abrir mão da tomada do poder, alterando o estatuto, segundo os dirigentes do PCB, para se adequar às

¹⁰⁷ Cf. MACEDO, Michelle Reis de. Recusa do Passado, disputa no presente. Esquerdas revolucionários e a reconstrução do trabalhismo no contexto da redemocratização brasileira. Maceio: Edufal, 2014.

normas do TSE.¹⁰⁸ No contexto da abertura política o PCdoB travou duros debates políticos com o PT. Discordando da atuação mais crítica proposta pelo novo partido em relação à Nova República e defendendo uma postura mais moderada, o PCdoB enfrentou-se durante boa parte dos anos 1980 com as propostas do PT. Este forjou sua identidade política alegando diferenciar-se dos dois partidos comunistas, o velho "Partidão" (PCB) e o PCdoB. Sobre o PT, era comum que a organização de João Amazonas afirmasse "que não passava de um partido 'falsamente proletário'; ou ainda que o PT 'surge com a reorganização partidária promovida pela ditadura, que veta de forma categórica a legalização do Partido Comunista do Brasil e de outras forças de esquerda, admitindo, porém, a criação de um partido daquele tipo'..."¹⁰⁹

Adelmo dos Santos rememora, contudo, que dificilmente o PCdoB aparecia com uma cara pública própria, enquanto Partido autônomo, na maior parte das vezes militando eleitoralmente como MDB:

Não, o PCdoB, ele era um Partido que tava na clandestinidade. Já foi um Partido muito orgânico aqui no Estado de Alagoas. Muito bem estruturado muito bem organizado. Mas eles não, não se apresentavam como PCdoB, eles ficavam debaixo do guarda-chuva do PMDB. Eles nunca se apresentavam como membros do PCdoB. Depois com a redemocratização do país é que eles começaram a aparecer como Partido comunista do Brasil. (Adelmo dos Santos)

Embora nos pareça que Adelmo diminua o peso político do PCdoB, em comparação aos outros depoimentos, por outro lado parece coerente com o que disseram outros historiadores sobre a função de "abrigo" que o MDB exerceu para diversas organizações de oposição à ditadura, como o MR-8 e o PCdoB:

Em suma, ao longo de sua trajetória, o MDB deu abrigo e serviu de canal de expressão para diferentes segmentos da esquerda, de revolucionários a moderados, de intelectuais a sindicalistas. O partido foi uma espécie de laboratório para militantes de organizações políticas e de movimentos sociais, que à falta de outra opção institucional usaram o MDB para expressar sua insatisfação com o regime militar, bem como para divulgar suas propostas e popularizar suas lideranças.¹¹⁰

¹⁰⁸ SALES, Jean Rodrigues. *Da luta armada ao governo Lula: a história do Partido Comunista do Brasil (PCdoB)*. p. 168

¹⁰⁹ Idem. p. 176.

¹¹⁰ MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. *O MDB e as esquerdas*. p. 300

Condizente com essa caracterização, o PCdoB poderia aparecer publicamente com a "cara" do MDB. Mas nos parece inegável que a organização possuía peso político sim no Estado.

Mediada por essa relação, o contato entre a direção tradicional do MDB e PT seria muito pequeno. Desdenhados pelos figurões da política tradicional, segundo Alice Anabuki, o PT seria em larga medida ignorado pelas forças da oposição medebista:

Não, eles nem... acho que eles nem... nem levavam o PT a sério, sabe? Até pela composição social. Não tinha caciques, não tinha coronéis, sabe? Enfim, não tinha os figurões da política tradicional no PT. O Mendes de Barros quando se aproximou já foi assim, o PT já caminhando, sabe, prum outro rumo. Mas, nas origens do PT classista nós não tínhamos... tinha assim um vereador... o nome dele... não sei o quê, Falcão, e eu acho até que ele era também, próximo de algum setor da igreja... mas foi uma passagem muito... muito efêmera. (Alice Anabuki)

Alice volta a afirmar a existência desse PT classista, das origens. Aqui enfim opinamos que a repetição dessa identificação política com um PT originário seria obra de um trabalho de enquadramento da memória, no sentido cunhado por Michel Pollack: "Está claro portanto que a memória especificamente política pode ser motivo de disputa entre várias organizações. Para caracterizar essa memória constituída, eu gostaria de introduzir o conceito de *trabalho de enquadramento da memória*."¹¹¹ O enquadramento de memória seria produzido por historiadores, intelectuais orgânicos, pensadores, dirigentes políticos, e construiria uma noção de identidade política solidificada, segundo Pollack uma "solidificação do social."¹¹²

Tutmás concorda com o distanciamento entre MDB e PT, mas opina uma interpretação diferenciada dos demais depoimentos. Para ele, o afastamento se daria fundamentalmente por uma postura sectária da militância petista:

Na verdade, nós não tínhamos, assim, muita relação com o MDB, né? Não tinha, não tinha assim... nada de... conversas muito frequentes, enfim.. O MDB, à época, até por instinto de sobrevivência... o PT era muito... muito fechado... Era difícil conviver, né? O PT não era muito adepto à lógica das alianças, né? Mesmo porque havia também uma orientação nacional, eu não sei se... se equivocada, ou não... mas havia uma orientação nacional no sentido de firmar sempre candidaturas do PT, pra que o PT enfim ganhasse o máximo de visibilidade possível né? Além disso,

¹¹¹ POLLACK, Michel. *Memória e identidade social*. p.7

¹¹² idem.

obviamente, havia um certo purismo ideológico, e uma cobrança muito grande em cima desse purismo, que nos, nos impedia de, é... (Tutmés Airan)

Tutmés critica o que seria uma postura isolacionista dos primeiros anos petistas. Essa postura não é aludida por nenhum outro dos entrevistados. Pelo contrário, se temos uma mudança de postura, ela é dada como uma valoração negativa por Alice Anabuki, que observa que o PT dos anos iniciais era mais alinhado com uma postura classista. Tal postura se perdeu e então abriu espaço para a aproximação com setores de fora do espectro ideológico inicial do Partido.

Opinamos que dentro dos dois depoimentos se encontram enquadramentos distintos. Seguindo André Singer, acreditamos que estamos diante de falas que são manifestações do que o mesmo chamou de "as duas almas do Partido dos Trabalhadores".¹¹³ Para o autor, duas distintas visões convivem até hoje dentro do Partido dos Trabalhadores, emergindo em um ou outro momento da disputa partidária. Acreditamos que essas duas "almas", que podemos chamar de duas identidades políticas, manifestam-se mesmo na fala daqueles fora do partido, como é o caso de nossos entrevistados.

Para Singer, haveria o espírito do Sion -- em alusão ao colégio Sion, local da fundação do Partido -- radical, combativo, intransigente, classista, simpático ao socialismo.¹¹⁴ Esse espírito estaria presente na fala de Alice, evocando o "PT das origens". Por outro lado, haveria o espírito do Anhembi -- em alusão ao local em que o Diretório Nacional do Partido aprovou o programa da candidatura de 2002 de Lula¹¹⁵ -- conectado com ideias de governabilidade, aceitando preceitos econômicos neoliberais e aceitando um arco de alianças mais amplo.¹¹⁶ A fala de Tutmés parece encarnar esse espírito do Anhembi quando fala da necessidade de se sair do purismo ideológico, ser menos fechado e abrir espaço para alianças.

Nesta relação com as outras organizações, Majella opina que o PT não participou das eleições de 1982 e viu-se sem representação parlamentar por conta dos erros e escolhas da própria organização. Traçando um comparativo entre sua antiga organização e a atuação do PT, ele chega à conclusão de que os equívocos decisórios do Partido dos Trabalhadores

¹¹³ SINGER, André. *Sentidos do Lulismo*.

¹¹⁴ idem, p. 88

¹¹⁵ idem, p. 96.

¹¹⁶ idem, p. 98.

traçaram o destino do Partido. Novamente, a balança se inclina para o crescimento do Partido somente na década de 1990, com a eleição de Paulão, primeiro parlamentar do PT em Maceió:

"Olha, nos anos 1980 o PT ficou durante toda a década de 1980 sem nenhuma representação por exemplo na câmara municipal de Maceió. Em 1982, o PT, eu não me recordo se o PT lançou candidato em 1982, porque eles tinham outro entendimento... não é que não tinham, é que eles não tinham cumprido a legislação eleitoral, havia sempre essa dificuldade de cumprir a legislação eleitoral. No caso do PCdoB e do PCB, era diferente porque nós estávamos na clandestinidade. Nós vivíamos numa semi-legalidade mas não tínhamos registro legal. Então nós concorremos por dentro do PMDB. Então o PCdoB fez dois vereadores o Edberto Ticianelli e Jarélio Viana e nós trabalhamos pra eleger o Freitas Neto. Que foi um senhor vereador que assumiu, assim que o PCB foi legalizado, em maio de 1985, o Freitas Neto assumiu a legenda do PCB e passou a ser o vereador do PCB. Então, aí você já tinha uma disputa muito mais no parlamento, uma coisa muito mais evidenciada, de disputa entre PCdoB e PCB, e o PCdoB sempre majoritário nas suas ações porque ele contava com um Deputado Estadual que se elegeu em 1982, o Eduardo Bonfim. Ele contava com um Deputado Federal que era o Renan Calheiros, que se elegeu Deputado Federal em 1982. E dois vereadores em Maceió. E nós tínhamos um vereador em Maceió. E o PT não tinha ninguém. Então, do ponto de vista da repercussão política parlamentar, nós passamos a ter uma ação infinitamente maior do que o PT. E o PT só vai ter um parlamentar aí na virada dos anos 1990, não me recordo exatamente quando, na eleição do Paulão" (Geraldo de Majella)

Esse enfrentamento com o PCdoB -- e de certa forma também com o PCB -- seria decisivo para os comunistas em detrimento da novidade que era o PT. Para o historiador e ex-dirigente, não restam dúvidas de que o PT ficou isolado pela inferioridade parlamentar.

Tutnés analisa esses primeiros momentos com discurso em consonância com os outros entrevistados que fizeram parte de seu partido, frisando que o crescimento do PT deu-se de forma lenta, acompanhando o crescimento do Partido a nível nacional:

É... na verdade, o grupo inicial, eu cheguei um pouquinho depois, né?, quando eu cheguei esse grupo inicial já existia, eram intelectuais e alguns poucos sindicalistas, né? O Mário; a Alice; o José Gentil Mota Marques, né?; a Sandra, que hoje é esposa dele; o menino lá de Sergipe, que tá em Sergipe que chama Clímaco; o Alan Brandão; o Pedro Luís do sindicato dos urbanitários, o Zé Gomes... a nossa sede era ali, a primeira reunião que eu participei a sede do PT era no famoso edifício Lobão Barreto, uma salazinha, quando eu entrei estavam todos sentados no chão, reunidos, discutindo exatamente os caminhos do PT. Não, não foi... não foi muito fácil porque nós tínhamos, em razão até, é... da novidade que era o PT no Estado, e em razão até da nossa... da nossa composição inicial, nós não tínhamos muita inserção nos movimentos sociais, né? Os movimentos sociais eram... eram basicamente, é... conduzidos pelo PCdoB, né?, então não havia muita brecha, muito espaço, né?, Então assim nós tínhamos que ter muita paciência pra que as ideias do PT fossem sendo... fossem sendo abraçadas gradativamente, né?. Evidente que isso nos angustiava muito, porque nós tínhamos pressa, né?. E pressa inclusive de ser um Partido, do ponto de vista institucional, um Partido influente, né? E aí eu me refiro ao espaço eleitoral, enfim, não é? Disputar eleições, se fazer um ator importante

dentro desse cenário, né?, e não era definitivamente, não era uma atividade muito fácil de fazê-lo, não é? E tudo isso foi feito à duras penas, nós fomos... nós fomos penetrando devagarzinho nos movimentos sociais até que nós, é... ficamos assim com uma certa, com uma certa envergadura, com uma certa representatividade, né?, e isso coincidiu com os avanços do PT a nível nacional, não é? (Tutmés Airan)

Há na fala de Tutmés uma preocupação em fixar uma ideia de novidade das ideias petistas para o cenário alagoano. Se é verdade que o trotskismo, a organização por tendências e o discurso da independência política da classe trabalhadora aparecem no cenário local ou como novidades completas ou como elementos que não tinham atuação correlata no período recente, também é necessário lembrar que o programa fundacional petista arvorava para si uma aura de novidade. Esse discurso de novidade é pontuado já no primeiro parágrafo do programa petista quando diz que este partido que surge é "Um partido diferente daqueles que os poderosos nos impuseram ontem e tentam nos impor hoje. Um partido feito por nós, para travar nossas lutas."¹¹⁷

O adjetivo *diferença* segue repetido quatro vezes no parágrafo seguinte, firmando a proposta de uma identidade política calcada no novo:

Nosso partido é diferente porque é democrático: nele, quem manda são as bases. É diferente porque está presente em todas as lutas do movimento popular, em vez de aparecer apenas nas épocas de eleição. É diferente porque respeita e defende a autonomia das organizações populares, garantia maior de sua existência como partido dos trabalhadores. Partido de massas, amplo e aberto, baseado nos trabalhadores da cidade e do campo, o Partido dos Trabalhadores (PT) é diferente também por causa de seus objetivos políticos. Lutamos pela construção de uma democracia que garanta aos trabalhadores, em todos os níveis, a direção das decisões políticas e econômicas do País. Uma direção segundo os interesses dos trabalhadores e através de seus organismos de base.¹¹⁸

Frisando que a penetração do PT se deu de maneira lenta, Tutmés registra em sua narrativa um momento inicial de militância que não parece ter muita pompa ou holofotes. É um movimento rotineiro, de afirmação de um programa contra um cenário social em que há a dificuldade do regime militar, que restringe em muito a organização de esquerda, mas também o peso social ocupado por organizações vinculadas ao MDB. Essa ocupação de espaço é, sem dúvidas, um problema, mas também aparece na narrativa como uma afirmação de identidade,

¹¹⁷ Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/programa.pdf>>. Acessado em: 22/07/2016. 20:00

¹¹⁸ idem.

novamente aqui há o "outro", o adversário que constitui a própria subjetividade da política da organização a partir do que ela não é. O PT, ainda na esteira na fala de Tutmés, só irá se desenvolver no Estado após o acontecimento das Diretas Já! e suas enormes passeatas. Os acontecimentos das Diretas são um marco nas memórias individuais de todos os entrevistados. A partir daí é que o PT estadual começa a assistir um desenvolvimento. Tutmés ainda opina que esse desenvolvimento é alavancado pela relevância que o PT adquire ao longo dos anos 1980 no cenário nacional. Essa opinião é importante, no sentido de que irá se repetir implícita ou explicitamente nas outras falas, indicando uma confluência nas memórias que aparecem como importante para o significado das Diretas na construção partidária.

A fala de Tutmés chama atenção para uma reunião no edifício Lobão Barreto. Adelmo dos Santos conta que essas reuniões iniciais aconteciam de maneira periódica, a depender das necessidades:

A gente fazia reunião toda semana, né? Com a participação de companheiros do movimento sindical, movimento popular, né? Companheiros que tinham liderança nas suas categorias... essa reunião era feita a cada quinze dias, ou semanal ou... a cada três ou quatro dias, dependendo da importância. (Adelmo dos Santos)

A ideia das reuniões periódicas, onde se dividem as tarefas, definem-se questões organizativas e elabora-se política é parte da identidade das organizações de esquerda. Adelmo segue repassando as informações dando conta de uma memória oficial petista, sem críticas, sem maiores ponderações.

No apanhado geral desses relatos, vemos a afirmação de dirigentes sindicais como parte do primeiro grupo pró-fundação do Partido dos Trabalhadores. Não só eles, mas também militantes das organizações estudantis.

2.6 CAMPANHA PELA LEGALIZAÇÃO DO PT

Tendo sido escolhida como um dos nove estados para reunir o número determinado de filiados para a legalização do Partido, a militância alagoana entusiasmada com a construção do PT logo se viu às voltas com duros problemas. O maior deles, ao que se consta na narrativa de todos os entrevistados, era a dificuldade financeira, que restringia ainda mais as

possibilidades de um agrupamento que ainda tinha que enfrentar o peso das organizações políticas tradicionais, controladas pelas oligarquias regionais, e o peso de organizações de esquerda já consolidadas. Nessa seara o PCdoB aparece incontestavelmente como o grande inimigo a se superar:

Porque era uma época que nós tínhamos um desafio em Alagoas... aliás, um desafio no Brasil, e Alagoas era parte desse desafio. Nós precisávamos legalizar o PT. O PT tinha uma existência provisória nacional, e precisava contar com a legalização em diversos Estados da federação e pra isso era preciso filiar, né?, pessoas ao PT, né? E eu vou te contar uma coisa, né?, não era fácil. Não era fácil porque duas eram as dificuldades centrais, né? A primeira dificuldade de cunho material mesmo: como é que a gente vai viajar esse Estado todo? Como é que a gente vai, é... de cidade em cidade.... enfim, como é que a gente vai operar isso, né? Era muito... muito complicado porque éramos todos, assim... despossuídos, né? Uma ou outra pessoa tinha, assim, mais condições.... eu me lembro que o Juca ajudou, ajudou bastante... quem nos ajudou bastante naquela época que inclusive provocava uma certa discussão interna, foi o Mendes de Barros, que na época era... era procurador geral da Assembleia Legislativa, uma figura emblemática, né, e tão emblemática quanto polêmica, né?, mas aí nós criamos como desbravadores eu, José Gentil, né?; Juca; a Sandra, mulher do José Gentil; o Mário Anabuki; a Alice Anabuki, né? O Alan Brandão, que tinha sido presidente do sindicato dos petroleiros de... de Sergipe, de Aracaju uma figura formidável. Enfim, um conjunto de companheiros, nós éramos muito poucos à época, né? éramos mais ou menos... nós não tínhamos muitas raízes, o PT inicialmente no Estado, ele não tinha assim, propriamente muitas raízes na classe trabalhadora, né? Tinha um ou outro sindicalista a ele vinculado... O Pedro Luís, que era presidente do sindicato dos urbanitários, né; tinha o Zé Gomes, que era presidente do sindicato... que foi presidente do sindicato da construção civil... e no mais o PT era formado pela militância estudantil e por alguns intelectuais, né?, lideranças também do sindicato dos bancários, enfim... né? E aí nós enfrentamos esse desafio inicial que tinha como primeiro obstáculo esse, enfim... de... obstáculo material, né?, como fazer... e segundo né... convencer as pessoas de entrar no PT, né?, que não era muito fácil. (Tutmés Airan)

Tutmés Airan transmite em seu relato um problema de crise financeira que também se repetirá nos outros depoimentos. Explorando essas narrativas vemos a percepção de que o PT se inicia aqui em Alagoas como uma aventura. Para o entrevistado, há um verdadeiro grau zero de organização popular. O que é no mínimo curioso, visto que há tantas organizações e grupos fazendo oposição ao projeto político do PT. O que nos parece mais acertado e preciso é dizer que o PT não encontrava correspondente organizativo ao que se propunha como forma de atuação dentro da realidade alagoana. A afirmação de que Alagoas era quase que uma "terra arrasada" para a prática política de esquerda deve ser relativizada pela posição política do entrevistado. Certamente que os Partidos Comunistas e outras organizações pensariam algo muito diferente.

Na narrativa é pontuado o que se chama de uma "ausência da classe trabalhadora". É curioso, para dizer o mínimo, que o partido que nacionalmente se definia como o Partido dos Trabalhadores, independente politicamente da burguesia, seja definido como um partido ausente de classe trabalhadora. Abrindo mão do financiamento empresarial, como conseguir fundos para a organização? Nota-se aqui que o desespero organizativo diz respeito à ausência de uma cultura política de independência organizativa e classismo, de fato. Não havia formato organizativo correlato, tradição organizativa do tipo que o PT se propunha no Estado, e isso, mais do que abrir espaços para a construção partidária, parece ter constituído problemas e percalços.

Sumariando o que foi levantado até aqui, vemos que os grupos políticos que compõem o PT podem ser resumidos nos seguintes segmentos:

- Dirigentes sindicais, como Alan Brandão, dirigente do Sindicato dos Petroleiros e Adelmo, do sindicato dos radialistas. São sindicalistas que estão em sindicatos que não são controlados pelo PCdoB e onde há vacância política do MDB.
- Militância vinda do movimento estudantil, como o exemplo de nossos entrevistados.
- Funcionalismo público, como os irmãos Anabuki.

A presença de dirigentes sindicais não necessariamente se reflete em organização de trabalhadores comuns, ordinários, de base. Também não há a presença de trabalhadores do campo. Mesmo esse funcionalismo público é registrado apenas por algumas figuras, não um grande contingente de trabalhadores. Com a ausência de uma base de sustentação financeira mesmo entre os trabalhadores, esse problema de financiamento partidário parece um caso sem solução para o ativismo do período.

Na fala, também se narra a presença de José Ibrahim, uma das lideranças sindicais petistas do período, que "desceu" até Alagoas,¹¹⁹)outra personagem que habita a memória petista.

Agregado a isso, há um problema envolvendo a desconfiança política dessas camadas mais baixas. Percebemos nos relatos, quando remetem a esse momento de busca por adesões ao Partido dos Trabalhadores nas zonas mais rurais, uma verdadeira desconfiança política. Uma associação com ideias comunistas, uma demonização das ideias de esquerda. Ergue-se

¹¹⁹ na linguagem sindical, quando o dirigente vai até as bases é porque ele desceu, em alusão à descida da estrutura partidária

um verdadeiro imaginário anticomunista, conforme a definição dada por Motta, após a atuação de diversas organizações e mesmo do Estado brasileiro, ao longo do século XX, na consciência popular:

Criaram-se, assim, bases para estabelecimento de uma sólida tradição anticomunista na sociedade brasileira, reproduzida ao longo das décadas seguintes através da ação do Estado, de organismos sociais e mesmo de indivíduos, cujo zelo militante levou à constituição de um conjunto de representações sobre o comunismo, um verdadeiro imaginário anticomunista.¹²⁰

A ditadura militar brasileira contribuiu com esse ambiente, demonizando o PCB, as guerrilhas, que eram rotuladas de terroristas, e toda a experiência soviética e cubana que exercia muita influência no Brasil. A memória individual dos entrevistados levanta, por diversas vezes, situações em que esse imaginário é evocado. Evidentemente que os camponeses e moradores do campo não eram ativistas anticomunistas. Nos relatos o que nos fica é mais a reprodução de representações anticomunistas por parte dessa população humilde. Analisar como se operavam essas representações foge ao escopo de nosso trabalho.

O depoimento de Tutmés ainda sublinha o isolamento do grupo político que se esforçava para organizar o PT:

Éramos nós mesmos! Era movimento estudantil alguns sindicalistas, alguns intelectuais, cada um pegava o seu carro, o carro de um amigo, íamos... dividíamos o Estado, íamos... íamos de três em três... é... dois em dois, quatro em quatro... aí, "oh, hoje é a cidade tal", aí vamo lá, nós temos que ter hoje... e fixávamos meta, né?, "nós temos que ter hoje tantas filiações"...Então que que a gente fazia? A gente ia de porta em porta mesmo... Batia na porta, se apresentava... era interessante... contava o que é que a gente tava ali, explicava o que era o PT, qual era a ideia do PT, enfim... e no final da conversa fazia o convite pras pessoas, né?, pras pessoas serem filiadas ao PT, né... Uma série de filiações, assim, sem muito vínculo orgânico, né? É... e fez com que nós tivéssemos em vários municípios uma existência burocrática apenas. Nós não tínhamos uma existência propriamente orgânica, política assim, uma existência burocrática em muitos municípios do Estado, em vários, né? Em função desse processo porque não havia outro meio, né? Se a gente não tinha raízes, como fazer? Era assim mesmo que a gente fazia, né? Era penoso, dava muito trabalho, algumas vezes nós éramos hostilizados, mas outras vezes nós éramos muito bem recebidos. Algumas coincidências interessantes, uma vez... eu me lembro desse fato, nós fomos à Belém, né?, que era uma cidade do interior de Alagoas, perto ali de Palmeira dos Índios, e aí nós fomos de porta em porta, né? E uma das portas que a

¹²⁰ Motta, Rodrigo Patto de Sá. p. 7. Neste trabalho, o autor analisa a construção desse imaginário evitando reducionismos, mostrando a complexidade desse processo e a atenção para a interpretação muitas vezes maniqueístas que analistas de esquerdas dão ao anticomunismo.

gente bateu, um cidadão nos atendeu, e aí foi muito legal porque o cidadão tava em Belém, ele era um alagoano, lá da cidade, tinha voltado há dois meses, três meses, e tinha trabalhado com Lula, né?, em São Bernardo do Campo, né?, então foi assim uma festa, foi uma alegria, né?, é... saiu a hostilidade, e entrou assim, o companheirismo, é... mais fraterno, né? Foi assim, muita dificuldade, não havia... é, nós tínhamos uma existência é... legal, formal, é... mas na grande maioria das vezes nós não tínhamos uma existência política orgânica, né?, isso foi se construindo com o tempo, né? (Tutmés Airan)

Na continuidade do relato de Tutmés, vemos o reforço da informação de que não havia uma existência orgânica dessa militância. Desamparados de qualquer organização mais sólida, estavam todos entregues à dificuldade. Os trabalhadores não marchavam em direção ao PT. Ao contrário, este é que ia em direção aos trabalhadores buscando as assinaturas de legalização do Partido. Também não há o registro, na fala dos entrevistados, de greves locais, mobilizações contra a ditadura ou no campo. O que havia era a monotonia da busca, de casa em casa, por assinaturas. Muito mais determinante, seguindo o relato, do que lutas sociais, foi a abertura política, com todas as mediações e seus limites, da ditadura. A possibilidade de criação partidária dada pela ditadura levanta a possibilidade de legalização de novos partidos, dentre eles o PT. O componente das lutas sociais parece faltar aos relatos. Muito distante do lugar de memória do ABC Paulista.

Geraldo de Majella vem em uma tônica diferente. Opina que havia sim uma aliança entre PCB e PT na construção das duas organizações no Estado. Muitas vezes esta aliança favorecia o PT, através da abertura de caminhos, contatos políticos e possibilidades de construção, segundo ele como forma de contrarrestar a pressão hegemônica, como assim o chama, do PCdoB:

"Diante da ferocidade da organização e da própria intolerância do PCdoB numa política muito ostensiva de hegemonizar e, além da hegemonia tentar deslocar completamente as outras forças, mais do que deslocar, extinguir as outras forças, tanto o PT como o PCB, essas duas forças passaram a se alvar do PCdoB aqui localmente, e acho que em outros Estados também, essa hegemonia procurada à ferro e fogo ela criou entre as três organizações uma polaridade muito grande. Então, aonde o PCB chegava e nós não conseguíamos organizar uma base de comunistas a gente em algum grau a gente passava para o PT. Isso aconteceu por exemplo no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Anádia onde eu fui pessoalmente lá com o Zé Gomes, com o Stefani Lins Brito, com o Adelmo dos Santos, com a Iara Falcon, na época era esposa do Stefani, e o José Ibrahim, que tinha sido líder sindical, metalúrgico de Osasco, famoso líder da greve de 1968. Então fomos a outros interiores organizar o PT. Onde não podia organizar o Partido Comunista a gente tentava botar num outro partido de esquerda que seria o PT. Então esse tipo de relação nós tínhamos naquele momento inicial do PT. O PT nesse ambiente, pela facilidade que você tinha de não ter nenhum símbolo que carresse a ira anti-

comunista sobretudo no interior do Estado. Diferentemente do PCdoB.O PCdoB jamais isso aí aconteceu conosco. Nem a nossa relação com eles, muito menos deles conosco, então do PCB com o PCdoB e do PCdoB com o PCB." (Geraldo de Majella)

Este momento de coleta de assinaturas não aparece ausente de críticas. Ricardo Coelho sublinha que discordava de algumas estratégias adotadas, alegando que já no período tinha críticas ao desenrolar do processo:

Nós fizemos, nós fizemos naquele primeiro momento, contribuimos com a questão da coleta, com algumas críticas porque... havia uma legislação muito rígida, que tinha que ter um número xis de filiados, e a direção nacional decidiu que a gente ia se legalizar e solicitou aos militantes que a gente fosse, é, recolher filiação, e a gente questionava porque a filiação não tinha nenhuma debate político, era uma filiação assim... "quem apoiava o PT, você conhece o Lula?, vai apoiar?, vamos fundar o PT...", aí o pessoal... algumas assinavam, outros não assinavam, algumas pessoas utilizavam de outro instrumento, disseram que não era pra filiação partidária, era pra campanha de sorteio e aí consegui muita filiação, eu sei que eu participei mas eu participei com uma certa crítica nesse primeiro momento... (Ricardo Coelho)

Ricardo Coelho joga o peso da decisão da busca por filiações para a direção nacional ("e a direção nacional decidiu...") e sua narrativa caminha para uma posição de crítica ao processo, visto como ausente de debate político, aligeirado.

No depoimento de Alice aparece a história de que algumas filiações foram feitas alegando-se que não se tratava de filiação partidária e sim de sorteios¹²¹. Nesse momento os relatos também começam a chamar a atenção para um problema que alegavam existir no agrupamento que viria a fundar o PT em Alagoas: a deficiência na formação política. Para alguns dos entrevistados essa formação política deficitária inclusive será um dos fatores a levar o PT a cometer inicialmente alguns erros, conforme veremos mais adiante:

(Risos) Meio hilário... a gente, com a pressão da nacional para a legalização do Partido, já que nos haviam atribuído o papel de compor o nono estado pra... pra a legalização, a gente correu feito uns maluco pelo interior, sabe? Na época eu e a Sandra tínhamos carro, a gente viajava pra esse interior e... inclusive a formulação política era bastante ainda frágil, havia muita gente de base que não tinha também clareza do Partido e... teve gente até que era do Sílvio Santos, sabe, coisas assim... É.

¹²¹ Segundo os entrevistados, era contada a mentira de que ao assinar a lista de filiação na verdade se assinava o nome para participar do sorteio de prêmios e brindes, como em programas do "Silvio Santos".

Teve um senhor se eu não me engano de Inhapi... algum desses municípios do Sertão, que ele disse: "Olha eu tô aqui, porque me mandaram vir aqui, mas eu nem sei praquê é pra tá aqui..."; ou seja, foi assim, meio que aos trancos e barrancos. Muito embora se o pessoal... que, tava mais na militância constante, né?, conhecesse mais o programa do Partido. Mas como ele se ampliou com muita...com muita velocidade, não deu pra... também você pedia atestado de idoneidade política, essas coisas, né? Mas tinha muita gente de base e a politização ainda era extremamente frágil. Mas enfim! Eu não me lembro se a gente conseguiu cobrir, o que... a quantidade de municípios que a legislação pedia, mas que a gente correu por esse Estado, nós corremos. Tentando corresponder a essa expectativa de ser o nono Estado pra...mas acho que a gente não conseguiu. Se bem me lembro, acho que não conseguimos. (Alice Anabuki)

Encontramos outra confluência na narrativa de Alice e Ricardo. A deficiência de formação política, que segundo eles pesaria na construção política do PT. Um cenário de politização da militância considerado como altamente frágil, a crítica de uma distância entre dirigentes e sua base. Esse problema não é uma exclusividade do partido em Alagoas, sendo destacado por Lincoln Secco como um problema que atormentou o PT durante toda sua trajetória:

"Uma das debilidades históricas do partido foi a formação política. Isto contribuiu para o desânimo daqueles que não puderam ou quiseram fazer carreira nas assessorias parlamentares, executivas, sindicais ou de movimentos organizados. Afinal, a vida orgânica do partido vinha sendo preenchida pelos 'funcionários', embora isto não tenha afastado o PT de sua base social, o que mudou foi o relacionamento com ela."¹²²

O PT delegaria a tarefa da formação, na grande maioria dos casos, a suas alas mais radicais, aos trotskistas, organizações marxistas, tendências mais preocupadas com a ortodoxia teórica marxista. Sempre à margem das disputas globais do partido, era uma tarefa que "sobrava" para os trotskistas e demais correntes da esquerda. Alguns apontamentos formais eram feitos, como a destinação de 10% da arrecadação do Partido para a tarefa e a criação da Fundação Perseu Abramo, em 1996.¹²³ Mas nunca se saiu completamente desse tom marginal. A formação política do PT sempre afetou um número muito reduzido da militância.

Alice ainda toca no ponto da ampliação do partido, vista por ela como tendo sido desenvolvida em alta velocidade. O que parece é que a militância local atendeu a uma

¹²² SECCO. Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Ateliê editora.2014p.104.

¹²³ IDEM.

demanda que não cabia ao PT regional, e sim a uma necessidade organizativa nacional. Tal expansão e ida ao interior, para além de constituir um espaço de vinculação orgânica com os trabalhadores foi um processo burocrático, uma formalidade com vistas a atender a legislação partidária vigente.

Adelmo dos Santos também coaduna com esta visão penosa da construção do partido:

Meu amigo! A dificuldade era enorme, sabe? Os caras diziam que... o que tá acontecendo hoje diziam no passado. Se a gente queria chegar ao poder para mudar a cor da bandeira do Brasil; que a gente ia... quem tinha duas casas a gente ia tomar uma casa, né?; que a gente era... ia comer era... que a gente, outra questão que botava era que a gente... era... queria tomar as terras dos trabalhadores; que a gente queria implantar aqui uma república sindical, que nós queríamos fazer aqui guerrilha; que nós éramos financiados por Cuba, tudo isso eles diziam... foi a maior dificuldade.(Adelmo dos Santos)

Adelmo menciona novamente uma imagem, na consciência da população mais humilde, de desconfiança com o que seria o projeto petista -- comunista, ou de relação direta com o satanizado comunismo -- ligado a Cuba, à guerrilha etc. A expressão república sindicalista¹²⁴ aparece em seu discurso, conectando-se com o discurso anticomunista empregado contra o governo João Goulart. Significativo na fala de Adelmo é o trecho em que ele diz que " ...o que tá acontecendo hoje diziam no passado." Pensamos tratar-se aí de um gancho importante na construção da memória política petista. Como essas entrevistas foram realizadas em período de grandes manifestações contra o governo Dilma Rousseff, há a tentativa, por parte do entrevistado, de criar uma conexão entre as adversidades registradas no período da fundação do PT e as contradições políticas atuais. Esse movimento da memória é, para nós, feito com a intenção de reforçar determinada identidade. Pollak explicita que esse movimento acontece especialmente em situações de intenção política, com a necessidade de reafirmar as identidades e convicções:

¹²⁴ Com o avanço dos movimentos pelas Reformas de Base e o fortalecimento das organizações de esquerda, durante o governo João Goulart, as oposições de direita, lideradas pela UDN (União Democrática Nacional), Partido do Jornalista Carlos Lacerda, maior liderança do período, juntamente com as grandes redes de comunicação, propagaram o mito de que o Brasil corria o risco de ser implantada uma "Ditadura Comunista" ou uma "República sindicalista", comandada pelas organizações de esquerda e líderes sindicais. Era uma estratégia política que mexia com o imaginário da população assustada com a polarização provocada pela chamada Guerra Fria, e atizada na América Latina pela reprovação com que os líderes políticos tradicionais tratavam Cuba e o regime político ali instaurado após a revolução liderada pelos irmãos Castro e Che Guevara.

Gostaria de enfatizar que, quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual. Quando a memória e a identidade trabalham por si sós, isso corresponde àquilo que eu chamaria de conjunturas ou períodos calmos, em que diminui a preocupação com a memória e a identidade. Se compararmos, por exemplo, países de antiga tradição nacional, países que são Estados nacionais há muitos séculos, com Estados nacionais recentes, veremos que a preocupação com a identidade e a memória toma feições bem diferentes nos dois casos. Poderíamos tomar como objeto de análise a correlação, em períodos de longa duração, entre a rearrumação das relações entre países em momentos de crise ou de guerra, e a crise da memória e do sentimento de identidade coletiva que frequentemente precede, acompanha ou sucede esses momentos.¹²⁵

Tomando o caso desses relatos, podemos dizer que há uma preocupação em revisitar o passado de maneira a afirmar o PT, justificar o presente. Estes que hoje bradam contra o governo Dilma dizem o mesmo que se dizia quando o PT lutava para se fundar. É como se, ao associar o inimigo atual -- O PMDB, o atual governo Temer, o PSDB e demais partidos que se opõem ao PT, mas também aqueles que são contrários ao Partido e associam a organização ao que se tradicionalmente entende como esquerda -- com aqueles que apoiavam o regime militar nos anos 1980, a certeza das posições atuais do Partido estivessem asseguradas. Aqueles que discordam do PT -- estejam em qual matriz política estiver -- necessariamente endossassem forças políticas conservadoras, reacionárias. E como estava correto o PT no passado, em lutar contra a ditadura, estaria agora, opondo-se a estes partidos e inimigos políticos. A partir desta operação de igualar os adversários distintos, de distintos momentos históricos, fortalece-se uma determinada identidade política. Operação de memória que aí mantém a identidade coletiva intacta.

Outro depoimento de Adelmo corrobora a declaração anterior e o movimento narrativo a que aludimos:

As... as organizações de direita, eles trabalhavam e sempre trabalharam, continuam trabalhando contra o Partido dos Trabalhadores. Eles procuravam divisionar, colocar para os trabalhadores, principalmente pros trabalhadores rurais, que a gente queria implantar no Brasil uma república sindical; queria implantar no Brasil é, um, é... um país socialista, né?, onde a gente era financiado pelo dinheiro do nosso povo, era financiado pela CIA, isso a direita sempre colocava isso para os trabalhadores, e muitos trabalhadores que se aproximavam da gente, a gente uma reunião numa cidade, num sindicato numa associação... uma reunião primeiramente com participação expressiva dos trabalhadores, nós marcávamos uma próxima reunião e quando chega nessa próxima reunião não havia ninguém para participar, pra

¹²⁵ Pollack. p.7

participar da fundação do Partido nem para ouvir a proposta do Partido...(Adelmo dos Santos)

O narrador insiste na continuidade em seu relato, entre um antes e um agora: "as organizações de direita, eles trabalhavam e sempre trabalharam, continuam trabalhando contra o Partido dos Trabalhadores." O PT é a organização da esquerda, forjada na luta contra as organizações de direita que "sempre trabalharam continuam trabalhando..." para sua destruição. O atual contexto de Onda conservadora e ascensão da direita¹²⁶ traria à tona forças que já existiam nos primórdios do PT e que sempre foram suas adversárias. A identidade política do partido está, nessa operação, reafirmada.

Visão bem diferente do peso deste imaginário anticomunista terá Geraldo de Majella. Na opinião de um dirigente que construiu o partido que encarnava toda a rejeição ao chamado marxismo-leninismo e seus símbolos o PT apareceria como um partido de imagem moderada e de relativamente fácil penetração em comparação com a iconografia vermelha comunista com suas foices, martelos e desenhos de traços duros e severos:

" Em Alagoas o PT em um certo sentido ele partia na frente porque ele tinha uma sigla que não, tinha sigla e não símbolo, e tem um símbolo que não atraía o anticomunismo como barreira tanto de campanha anticomunistas, você não acusava o PT de ser mais um partido comunista mas era um partido de trabalhadores, então isso facilitava pra você ir pro interior, para o movimento sindical, pra você recrutar militantes no ambiente de igrejas, né?" (Geraldo de Majella)

O PCdoB, sob o guarda-chuva do PMDB, teria se protegido também dessa fúria contra o imaginário comunista, apoiando o MDB em Alagoas, como em todo o Brasil:

"O PCdoB ele se organizou e tinha a bandeira do PMDB como um escudo muito bom, que foi o que facilitou muito né e o PCB ficou um tempo em torno da, já mermo na campanha, de abrir uma campanha de legalização do PCB, coisa que o PCB só veio a tratar dessa questão nacional algum tempo depois, e nós desde o começo a gente quis afirmar a identidade comunista aqui em Alagoas que hoje vendo acho que não foi uma boa estratégia de comunicação. Todos os nossos símbolos eles são símbolos que eram que causavam alguma repulsa na população de modo que o comunismo ainda era muito forte, como ainda hoje, ainda é um, bem

¹²⁶ Para uma discussão sobre a atual conjuntura, ver: <http://blogjunho.com.br/reflexoes-sobre-a-ascensao-da-direita/>. Acessado em 23/07/2016. 00:36.

diferente do passado mas ainda há uma resistência muito grande" (Geraldo de Majella)

Claro que aqui há o peso de uma outra perspectiva, certamente muito mais atingida pelo peso desse conservadorismo disseminado na sociedade. Porém, negar as dificuldades da construção do PT nesses interiores parece não coadunar com os demais depoimentos. Cabe notar ainda que o PCB também passou pelo calvário da requisição de assinaturas para regulamentar seu partido, nesse mesmo cenário adverso que o PT se embrenhou. Em suas memórias, Geraldo de Majella registra:

"Pelo simples fato de um cidadão se filiar ao Partido, invariavelmente essa pessoa sofrerá algum tipo de perseguição. Representa uma grande possibilidade de perder o emprego. Essa constatação, que demorou um certo tempo para ficar clara nas conversas com os amigos, levou tempo, só compreendida por mim depois de várias idas e vindas a Anadia."¹²⁷

A solução por esses problemas, pelo menos da parte do que Majella registra em seus diários, seria por meios controversos, não ortodoxos e inesperados. Se os quadros históricos do PT nas memórias que registramos falam até de concursos fictícios para requisitar assinaturas, Majella, em seus diários, conta até mesmo uma história, que tem ares de chiste e misoginia, em que preenche a lista mínima de assinaturas para filiação no município de Anadia com a assinatura de prostitutas...¹²⁸

2.7 O PAPEL DA IGREJA CATÓLICA

Se o movimento operário cumpria papel de grande importância na fundação do PT, bem como as organizações de esquerda clandestinas em combate contra a ditadura - trotskistas, sobreviventes da guerrilha etc. -, também é preciso dar destaque ao papel que cumpriram as alas progressistas da Igreja Católica, à época fortemente influenciadas pelas ideias da teologia da libertação¹²⁹, que propunha a aliança entre valores cristãos com valores marxistas. Graças à ação de um ativismo construído por meio das comunidades eclesiais de base, CEB's e posteriormente com a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

¹²⁷ MAJELLA. Geraldo de. Cadernos de Militância, p. 195

¹²⁸ IDEM, p. 196.

¹²⁹ Sobre a relação entre Marxismo e teologia da libertação Cf. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451989000400002>. Acessado em 17/10/2016.

(CNBB) a Igreja passaria gradativamente de sua posição inicial de apoio à ditadura para uma postura crítica ao regime militar, agravada pela fratura econômica imposta ao país pela crise do "milagre".

As narrativas divergem no que concerne ao papel da Igreja Católica na fundação do PT em Alagoas. Enquanto Alice Anabuki diz que não houve absolutamente nenhuma participação da Igreja, o que destoaria da articulação do PT nacionalmente, muito conectada aos setores progressistas da Igreja, Adelmo dos Santos ressalta a presença da Igreja e o auxílio que deu especialmente no interior, abrindo portas que até então seriam inacessíveis. A impressão que temos, comparando os relatos, é de que talvez no meio urbano a Igreja não tenha se envolvido tanto, tampouco tomado parte nas diretorias e órgãos internos, mas se fez presente nas conversas e articulações política mais informais, mas também importantes para a construção do Partido:

A gente foi... a igreja naquela época teve um papel fundamental. A igreja foi fundamental na construção, na fundação do PT aqui em Alagoas. É... nós tínhamos também um pessoal do movimento sindical que era muito bom. Movimento estudantil. Profissionais liberais, né? A gente teve um crescimento muito bom no Sertão graças ao apoio dado por padres franciscanos, padres que veio de Pernambuco para fundar o PT no Sertão... eu poderia citar Inhapi, Canapí, Santana do Ipanema, Delmiro Gouveia, é... Olho D'água das Flores, Arapiraca... enfim, nessas cidades aí nós tivemos apoio de setores da igreja, Setores da Igreja, não toda igreja. (Adelmo dos Santos)

Adelmo conclui o relato frisando que eram apenas alguns setores da Igreja, cremos que até mesmo não majoritários. Adelmo inclusive analisa como a relação com a Igreja estaria articulada também com a luta pela terra, o surgimento do Movimento Sem Terra e que atualmente há um prefeito que veio dessa relação:

Ah sim, sim, sim. Nós tivemos não toda a igreja mas alguns padres da igreja que ajudaram a construir tanto a CUT como o PT. Nós conhecemos um padre de Delmiro Gouveia, que depois foi para a cidade de Santana do Ipanema, Padre José Augusto; contribuiu... contribui muito na formação do PT e da CUT, na fundação do PT e da CUT; conhecemos um padre daqui () poderemos chamar de Padre Luís (), que também deu uma contribuição muito boa, para a fundação do PT; lá em Inhapi, padres que vinham lá de Pernambuco, já que Inhapi praticamente faz fronteira com Pernambuco, eles contribuíram muito na fundação do PT. E lá em Inhapi além da gente fundar o PT, lá foi onde começou a primeira discussão do movimento trabalhadores sem terra, né? A gente foi lá que começou a discussão e começaram as primeiras ações do MST. E hoje, Inhapi, aonde foi que começou essa luta dos

trabalhadores e nós fundamos o PT, hoje o Partido dos Trabalhadores tem o seu prefeito lá, José Cícero da Silva; José Cícero ele é do sindicato, participou da fundação do PT, hoje é prefeito da cidade de Inhapi. (Adelmo dos Santos)

Corroborando a visão de Adelmo, Ricardo Coelho salienta que não toda a Igreja, mas um pequeno setor assumiu a defesa da construção do Partido dos Trabalhadores e teve alguma importância no seu desenvolvimento nos primeiros anos:

A...tinha, a igreja católica teve alguns segmentos, na época a Teologia da Libertação tinha uma certa força, e ela incentivou setores da Pastoral Universitária, da Pastoral Operária, setores de CEB's, algumas comunidades eclesiais de bairros, de alguns bairros e alguns municípios como Cajueiro, como Atalaia, como Pilar, Viçosa... esse pessoal tinha um movimento de comunidades eclesiais de base forte, esse pessoal também entrou no PT e ajudou a organizar o Partido. A participação da igreja católica naquele momento foi muito importante. (Ricardo Coelho)

No relato de ambos fica patente que o que existe de Igreja está relacionado à organização do PT no meio rural. Nas narrativas não há registro de presença considerável da Igreja na vida urbana. Tutmés Airan chama a atenção para a relação que setores ligados à Igreja desempenharam no movimento universitário. Porém, sua visão parece muito mais ligada aos movimentos urbanos e por isso não há nenhum comentário sobre a relação que a Igreja desempenhou em cidades do interior, como aparece na fala de Adelmo dos Santos. A fala de Tutmés se limita à relação existente entre Igreja católica e movimento estudantil:

É, na verdade, veja... essa era uma dificuldade que nós temos porque na verdade a igreja em Alagoas nessa, pelo menos nessa época, ela não tinha muito esse papel de destaque, entende? Não, não havia assim, como havia em outros Estados, não havia assim um... um... uma igreja com militante... não é?, A... a grande maior parte da igreja era a igreja conservadora, né?, fruto de bispos conservadores que passavam muito longe por exemplo de... de um Helder Câmara, né? De um Evaristo Arns, né? De um Pedro Casaldaliga, lá de... né?, lá do Norte, né? Não, não não... nos primeiros tempos não foi uma igreja que tenha contribuído muito, agora é interessante que... ela contribuiu assim, que CEB de movimento estudantil, porque havia duas organizações das igrejas ligadas ao movimento estudantil que era a... parte das igrejas protestantes era ABU, aliança bíblico-universitária e tinha também a parte do... da igreja católica que era militante, bastante militante, eu me lembro que quem nos ajudava bastante, nunca teve muita militância partidária, mas nos ajudou bastante foi a Valéria que hoje é reitora da universidade, né? Ela era vinculada à esse movimento de igreja, igreja católica... que, é... enfim, articulava um movimento na universidade, né? E sempre teve muito próxima de nós, né? Não só ela como todo o movimento, é... católico universitário, né? Também muita gente boa na época, né? Essa foi a contribuição que a igreja deu nesse momento inicial, mas em relação aos jovens, enfim, ao ingresso de jovens dentro do PT, do que propriamente assim à

uma, à uma, à uma... igreja que tivesse claro o seu papel, né?, no cenário político alagoano. (Tutmés Airan)

Por todos esses relatos, o papel da Igreja na cidade de Maceió parece ser incipiente. Por fim, a posição de Alice Anabuki, a mais distante da visão trazida por Adelmo dos Santos. Para Alice não houve contato com a Igreja Católica na construção do PT:

Não, aqui, que eu me lembre, não. A principal base era o movimento sindical. Seja sindicato dos trabalhadores rurais de Atalaia, sindicato dos trabalhadores rurais de Inhapi, deixa eu ver que mais... se não me engano Água Branca... porque como éramos pouco a gente dividia o Estado, quem ia pra cá, quem ia pra lá... que eu me lembre era mais a base sindical, mas igreja mesmo, eu não me recordo...(Alice Anabuki)

Poderíamos dizer que Alice, também conectada à militância urbana, subtrairia a importância das igrejas por não estar inserida no meio rural. Mas o fato é que no parágrafo anterior são citados vários sindicatos rurais. Então, por que Alice não recorda da presença de setores da Igreja? Sabemos que o esquecimento também é parte do trabalho da memória. Muitas vezes, o esquecimento não é um ato de má-fé daquele que recorda, mas um artifício da memória para dotar de mais coesão aquilo que é narrado. Alice, talvez no ritmo de uma narrativa que ressalta o caráter classista, independente politicamente da burguesia, operário, subtraia de sua narração aquilo que poderia soar como contradição, justamente a presença da Igreja Católica. Como afirma Pollack, toda memória é seletiva.¹³⁰ Portanto, o esquecimento de Alice tem relação com uma identidade que subtrai a importância da Igreja por uma operação de coerência interna do relato.

2.8 OS NÚCLEOS

Desde o surgimento do PT seu funcionamento era intentado através do que a militância política chamava de núcleos de base¹³¹. Segundo Secco, estes tinham menos relação com as células dos Partidos comunistas e assemelhavam-se muito mais às estruturas das comunidades eclesiais de base. O autor também aponta que para muitos sindicalistas os núcleos serviam como ferramenta para limitar a influência das organizações de esquerda e eram muito distintos a depender do local em que a célula era instalada:

¹³⁰ Pollack. ver página.

¹³¹ Cf. Lincoln SECCO, em um boletim da época, os núcleos eram definidos como "a veia por onde passa a vida do PT" APUD SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Editora Ateliê, 2011. p.78.

Os núcleos do PT não eram uma herança das células comunistas e nem das seções socialistas. Em parte eles mimetizaram as CEBs e foram a expressão política de uma organização popular originalmente religiosa. Isto se comprova pela mistura de círculos de estudos, discussões e organizações de ações locais que substituíam muitas vezes carências da população.¹³²

Os núcleos serviram também durante largo período como uma ferramenta de controle das bases sobre a direção; serviram como entrave a processos de burocratização, eram espaços de debate, emissão de opiniões, polêmicas e escoamento de ideias. Porém, engana-se quem pensa que os núcleos cumpriram um papel prioritário na organização do PT.

Secco chama atenção para o fato de que a direção do PT, utilizando-se do argumento da legalização do Partido, já que a legislação eleitoral não permitia a existência de núcleos de base e sim outras instâncias, trabalhou para a sua dissolução. Os núcleos nunca organizaram mais do que 5% do Partido.¹³³

Por outro lado, se permanentemente travaram-se debates sobre a natureza dos núcleos e sua importância, eles nunca desapareceram completamente. Com funcionamento irregular, seguiu como foco de debate importante até o terceiro congresso¹³⁴, após o qual foi definindo politicamente.

Correlata aos núcleos estava a proposta dos conselhos populares. Os conselhos seriam órgãos de poder que se instaurariam nos bairros e cidades mais distantes para auxiliar os governos do PT, resguardar seu programa e manter a firmeza ideológica dos princípios petistas. Em um país de dimensões continentais como o Brasil e com as inúmeras possibilidades de desvio do programa petista de seu curso rumo a um viés mais conservador, os conselhos guardariam a função de: "apresentação de reivindicações; mecanismo de consultas; tomada de decisões; controle da implantação de políticas públicas; e fiscalização da execução dessas políticas."¹³⁵

¹³² SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Editora Ateliê, 2011.p.78

¹³³ O panorama em 1980 era mais ou menos o seguinte: "Alguns documentos aludem a 626 núcleos em todo o país outros a um número um pouco menor. De toda maneira, eles englobavam 28 mil filiados. Em 1982 havia cerca de mil núcleos." SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Editora Ateliê, 2011.p. 80.

¹³⁴ CF, IDEM,p. 86

¹³⁵ IDEM, p.90.

Abordando os núcleos de base, e resgatando a consideração de Anabuki sobre o fracasso da experiência dos núcleos, vemos que aqui há também interpretações consideravelmente divergentes. Tutmés, em sua fala, revela mais questionamentos e ceticismo à experiência dos núcleos de base:

Absolutamente residuais. Não tinham assim... Mesmo porque o PT como um todo não tinha essa, esse enraizamento, em consequência os seus núcleos não tinham, é... muita existência viva, né? Pulsante, né? A gente tentava, tentava, tentava, mas esbarrava sempre na falta de enraizamento inicial que a gente tinha, né? E isso tudo era muito novo, também, né? Fazer política desse modo era uma novidade muito grande, né? Precisava, inicialmente precisava até entender como é que era, né? Mas a ideia era, a ideia sempre... a ideia inicial era essa, né?, fazer a política a partir de núcleos, né? Núcleo dos bancários; núcleo dos urbanitários... Na prática isso aqui no Estado, aqui em Maceió pouco aconteceu, né? Pouco aconteceu. Acho que a grande virada do PT foi efetivamente a partir da... da eleição de Ronaldo Lessa e Heloísa. Aí sim o Partido ficou, assim, com cara e jeito, né?, no PT que a gente sempre sonhou em construir, né? Até então, era uma luta, né? A luta pra implantar uma novidade, uma luta inicial pela legalização, como eu já narrei, né? Enfim, pra encorpar o Partido, foi sendo encorçado, né?, a partir das Diretas Já! (Tutmés Airan)

A palavra "enraizamento" pode nos fornecer uma pista interessante dentro da memória construída por Tutmés. Ela se entrelaça com outros relatos no sentido em que há a transmissão da ideia de que ainda que houvesse a presença de dirigentes e lideranças sindicais não havia a presença de número expressivo de trabalhadores de base dispostos a construir a organização. Não há ainda a força política que se creditará ao futuro da organização no Estado, onde o PT é uma agremiação que participa das Eleições, toma parte nos governos. Esse futuro mais interessante do ponto de vista político será jogado para depois das Diretas. Em todas as falas há um contraste na memória sobre a experiência petista dos anos 1980 e aquela posterior ao movimento das Diretas até a entrada nos anos 1990. O Partido só começaria a se desenvolver significativamente, dentro da narrativa de Tutmés, após a experiência das Diretas e o crescimento eleitoral do Partido ao longo dos anos 1990. Esta visão vai aparecer em outros relatos.

Retomando a visão sobre os núcleos, o que vemos sim nessa fala é um tom desacreditado da proposta petista de organização por núcleos de base aqui no Estado. Alice Anabuki e Adelmo dos Santos falam sobre o funcionamento dos núcleos com um tom mais positivo. Embora esse tom positivo seja mais vago, apenas registrando a existência de núcleos na capital e no interior, sem muitos detalhamentos:

Ah, vários. Tinha Inhapi, tinha Atalaia... tinha em... Santa Luzia... Santa Luzia... Santa Luzia... hum... tinha Palmeira dos Índios, Arapiraca... é, tinha vários municípios, sim. (Alice Anabuki)

Haviam, haviam... havia... os núcleos de bairros, núcleos por categorias... esses núcleos eles participavam os filiados do PT... nós tínhamos, é... o núcleo dos urbanitários, núcleo radialistas, núcleo dos rodoviários, núcleos dos ferroviários, núcleo da construção civil, núcleo da universidade... ou seja, a gente tinha, cada categoria tinha os núcleos, que era uma espécie de... era um fórum de discutir a questão das categorias, a questão dos bairros, era importante sim... (Adelmo dos Santos)

Havia também, haviam... em muitas cidades, núcleos dos sindicatos... sindicatos rurais de Delmiro Gouveia, Craíbas, Inhapi... sindicato, ahn, é... Palmeira dos Índios, lembro perfeitamente disso... cidade de Campo Alegre, Campo Alegre, né... também... existiam esses núcleos nas categorias, dos sindicatos, que eram reconhecidos pelo Partido... no começo foi assim..." (Adelmo dos Santos)

Embora Adelmo e Alice enumerem alguns núcleos partidários, a visão de Tutmés de que os núcleos eram absolutamente residuais parece fazer mais sentido com o que foi de fato a organização por núcleos, que nunca teriam congregado nacionalmente mais do que 5% da militância partidária.¹³⁶

2.9 A COMPOSIÇÃO INICIAL DO PT

O PT desde seu surgimento agruparia dirigentes e militantes oriundos de fora do proletariado. Estudantes, trabalhadores do setor de serviços, funcionalismo público, trabalhadores rurais. O PT era um Partido que, ao passo que se constituía buscando o trabalhador produtivo como prioridade, era socialmente diverso. Vimos que Alagoas acompanhou essa identidade nacional. Embora nesses primeiros anos tenha tido uma dinâmica ainda muito lenta de desenvolvimento.

Concluimos este capítulo constatando que a formação do Partido se dá em torno de três segmentos sociais: Os dirigentes sindicais; os militantes oriundos do movimento estudantil; militantes que trabalhavam no funcionalismo público; e intelectuais.

Em um nível secundário, temos a presença de setores de esquerda católica e dirigentes de sindicatos rurais. A partir destes grupos sociais o PT foi se formando em Alagoas.

¹³⁶ SECCO, p. 82.

Por fim, dois problemas que vão acompanhar o partido dos trabalhadores nesse primeiro momento precisam ser tomados aqui como uma problemática nacional da agremiação. O primeiro deles é o problema das finanças. Diversos trechos dos relatos apontam para uma escassa possibilidade financeira do PT. Esse fato se altera somente no final dos anos 1980. Isso se deve à ausência do que vai se constituir como a principal fonte de renda de manutenção do PT: as verbas vindas dos mandatos e o fundo partidário. Lincoln Secco debruça-se sobre o problema:

"O PT sempre foi dependente do fundo partidário e das contribuições estatutárias. As receitas próprias derivadas de venda de material, doações e arrecadações em eventos também foram importantes. Como a legislação proibiu que os sindicatos colaborassem com o partido, as finanças oficiais originavam-se mesmo dos cargos de confiança e dos parlamentares. É evidente que ninguém pode ser inocente e esquecer que os partidos brasileiros usam o chamado "caixa 2" e que recebem contribuições não contabilizadas num montante significativo. Com o PT provavelmente não seria diferente, embora no caso dos outros partidos uma parte também significativa é dirigida ao enriquecimento pessoal de líderes partidários".¹³⁷

Excetuando o ano de 1989, marcado por uma forte eleição presidencial que alçou o nome de Lula à possibilidade da presidência, as finanças partidárias sempre vieram majoritariamente desse setor destacado por Secco.¹³⁸

Esse caráter confuso, aparentemente tão raquítico e disperso, também não é uma exclusividade do PT alagoano. A adversidade de penetrar nos rincões, interiores e territórios do Brasil profundo desconhecidos da militância de classe média, universitária, sindicalista e majoritariamente urbana foi um problema de todo o país. Ainda conforme Lincoln Secco:

"Em seus anos primaveris aqui narrados a formação do PT parece errática. É que o partido nasceu num solo histórico caracterizado pela dispersão, pelas lonjuras fatigantes, pelas dificuldades de comunicação e por violências assustadoras. Impor uma direção política coerente e única foi uma tarefa difícil e incompleta. Diante dessa complexidade o historiador muitas vezes se limita a multiplicar os exemplos quando se espera dele o ensaio de conclusões. É que aquele partido que buscava sua vez e voz na vida brasileira só começaria a ser ouvido depois da ameaça de uma verdadeira revolução democrática que de 1984 a 1989 sacudiu o país, embora não o suficiente."¹³⁹

¹³⁷ SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Ateliê editora. 2011. p. 106.

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Idem, p. 76.

Sendo assim, o PT em Alagoas acompanha esse desenvolvimento errático aludido pelo historiador. Mas guardadas as devidas proporções, o crescimento, que de fato se observará no Estado também após o período de lutas democráticas assinalado, operará de forma muito menor no Estado.

3 CAPÍTULO 3 - DAS ELEIÇÕES DE 1982 ÀS DIRETAS JÁ!

Neste capítulo analisaremos duas grandes intervenções políticas do PT na realidade brasileira. A intervenção do PT em 1982, nas eleições municipais e sua participação na campanha das Diretas Já. Simultaneamente, seguiremos acompanhado o Partido em Alagoas através da memória individual de alguns dos militantes que estiveram engajados nestes momentos.

A escolha destes dois momentos políticos não é fortuita. As eleições de 1982 representaram um movimento importante no contexto da abertura, e a frustração do PT alagoano em não tomar parte desse processo será observada. Em signo oposto ao dessa frustração está o fenômeno das Diretas. Investigaremos o que significou para o Partido regionalmente o movimento cívico de grandes proporções que questionou a transição proposta pelo regime militar.

3.1 AS ELEIÇÕES DE 1982

No ano de 1981 o PT aparecia como um Partido organizado em 21 Estados, e no ano seguinte lançaria candidato a governo em todos eles, exceto Alagoas. Se assinalamos que em sua formação estavam como linhas dominantes o "novo sindicalismo", as alas progressistas da Igreja Católica e as organizações clandestinas de esquerda, cada Estado iria ter uma "cara" própria e uma formação diferente. No Acre, por exemplo, foi fundamental a ação da militância seringueira ligada à figura de Chico Mendes. Em alguns Estados a presença do Partido era muito forte nas cidades do interior, em outros Estados, a presença era predominante na capital e se espalhava para o interior a duras penas.

Podemos considerar que a primeira grande prova de fogo para o Partido dos Trabalhadores foram as eleições de 1982. O PT lançaria candidatos em diversos municípios de país e cumpre assinalar que distintas avaliações surgiriam deste processo, a depender da posição de cada tendência e agrupamento dentro do PT.

O fato é que a eleição de 1982 não provocou muitas mudanças no cenário polarizado entre a ARENA, cuja tradição era mantida pelo novo PDS, e MDB, cujo sucessor era o PMDB. Nas disputas para a Câmara Federal o PT emplacou 8 parlamentares, cifra que foi

considerada decepcionante para a maioria dos entusiastas do Partido.¹⁴⁰ O mérito do PT estaria na conquista de sua estruturação em quase todos os Estados, exceto Alagoas.¹⁴¹ Tal fato é de vital importância para nossa pesquisa e avaliaremos melhor o porquê desta falha organizativa em Alagoas no próximo capítulo.

No terreno das vitórias para o executivo o PT vencia a prefeitura de Diadema e de Santa Quitéria, no Maranhão. A vitória de Diadema tem relação com a militância do ABC e a importância política do movimento sindical que transfere-se para o PT. O Prefeito Gilson Menezes porém terminaria retornando ao PSB, seu Partido de origem, após conflitos com a direção do Partido dos Trabalhadores, ancorado em discordâncias na condução da Prefeitura. Em Santa Quitéria a situação não foi muito melhor: o candidato eleito, Manoel da Silva Costa, ingressara no PT apenas por não ter conseguido espaço no PDS e se desfiliaria do PT apenas um ano depois de eleita, sem muitas concordâncias ideológicas com o Partido.¹⁴²

Pressionados pelo que era avaliado como uma derrota, dentro do desempenho eleitoral, o PT elegeu como tema central de seu II Congresso Nacional o balanço das eleições de 1982. Voltando-se contra o perfil construído até então pelo programa do Partido, baseado nos ideais do socialismo e da independência de classe, a ala mais conservadora do Partido optou por uma feroz crítica, culpabilizando este perfil pelo baixo desempenho eleitoral. Estas discussões se seguiriam dentro das fileiras do Partido dos Trabalhadores e dividiriam o Partido entre os militantes de esquerda considerados mais "radicais" e a direção majoritária do PT, que se agruparia como a tendência chamada "articulação dos 113", composta por sindicalistas "autênticos" e intelectuais próximos a Lula e estes sindicalistas:

Diante do balanço derrotista das eleições de 1982, os setores mais conservadores do Partido passaram a se chocar com o perfil de campanha eleitoral adotado, suas claras referências classistas e o seu diálogo com o socialismo, em função da pecha de 'radical' comumente explorada pelos adversários, que repelia a classe média e um amplo setor explorado pouco politizado. Lemas como o 'vote no 3 que o resto é burguês' e 'trabalhador vota em trabalhador' começaram a sofrer os primeiros questionamentos. E o resultado do acirramento produziu a iniciativa dos chamados sindicalistas de criar a *articulação dos 113*, uma tendência organizada que aglutinou o grupo dos sindicalistas mais influentes no PT e os setores moderados do Partido (principalmente os ligados à igreja) para se enfrentar com a ala esquerda e os grupos

¹⁴⁰ Cf. REIS, na disputa dos governadores o PDS venceu por pequena folga, com 12 representantes contra 9 do PMDB. Na Câmara federal o PDT faria 23 deputados, o PTB treze o PDS 235 e o PMDB 200 REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p.140.

¹⁴¹ NETTO, José Paulo. *Pequena História da ditadura brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014, p.234.

¹⁴² SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Editora Ateliê, 2011, p.54

revolucionários - sempre se apresentando para aglutinar em torno de si os 'petistas independentes' como aqueles que 'vestem a camisa do Partido' e não os que possuem suas organizações para 'impor ao PT suas teses'.¹⁴³

Esta posição obviamente não é nem nunca foi unânime. Afinal, para um Partido recém criado, o resultado era realmente interessante. Para muitos analistas, as expectativas iniciais do PT é que eram ambiciosas demais.¹⁴⁴ Cumpre lembrar que nas eleições de 1982, o PT se deparava concretamente com seus adversários dentro do campo da esquerda. Os Partidos Comunistas acusavam a criação do PT de "dividir as oposições", estando fora do MDB;¹⁴⁵ o socialismo moreno de Brizola, que aparecia como alternativa para muitos trabalhadores através de simbologias que resgatavam o ideário trabalhista¹⁴⁶ e o próprio MDB que era ainda o principal Partido de oposição.

Vemos então que as eleições de 1982 serviram para acirrar os conflitos internos dentro do PT, forjando a tendência "articulação dos 113", na verdade desde o princípio o grupo mais forte e articulado dentro do PT. Se os conflitos de interesses e visões de mundo distintas sempre existiram, começaram a se mostrar mais claramente para todo o conjunto de militantes do Partido dos Trabalhadores. A Articulação lançaria então um manifesto em 1983 declarando suas intenções frente ao PT e no terceiro encontro nacional do PT (III ENPT) em 1984 se firmaria como direção política majoritária do Partido.

3.2 A AUSÊNCIA NAS ELEIÇÕES DE 1982 EM ALAGOAS

O PT não consegue o número mínimo de filiações para obter o diretório Estadual e com isso não participa das eleições em 1982 dentro do Estado de Alagoas. O balanço que cada um dos entrevistados faz sobre o fracasso diverge em alguns pontos específicos, mas todos concordam que foi danoso para o Partido não participar das eleições e uma perda política importante nesse primeiro momento. Todos concordam com a frustração que se

¹⁴³ CHAGAS, Juary. *Nem classe trabalhadora, nem socialismo - O PT das origens aos dias atuais*. São Paulo: Sundermann, 2014. p.86

¹⁴⁴ "O PT elegeu oito deputados federais, 12 estaduais e 117 vereadores em todo o país, além de alcançar importantes votações para os governos dos estados, destacando-se a votação de Lula, embora derrotado, para o governo do Estado de São Paulo." REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 511-512

¹⁴⁵ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 508

¹⁴⁶ O jornal *Em Tempo*, órgão da corrente Democracia Socialista, travou diversas polêmicas com Brizola e seu socialismo moreno, dentro do contexto destes embates pela influência do movimento operário.

abateu sobre a militância. Adelmo opina que há inclusive um componente ideológico nesse fracasso:

...a gente tinha que ter dezenove cidades para ter o diretório Estadual. A gente conseguiu esse índice, só que perdemos, fomos barrados no tribunal regional eleitoral que alegava que nossa documentação não tava completa. Acho que foi mais por questões ideológicas mesmo. E a gente não fez, em 80, não participou das eleições em 82, mas participamos das eleições seguintes, e até hoje nós estamos aqui em Alagoas. (Adelmo dos Santos)

Observa-se a insistência de Adelmo em um componente ideológico externo ao PT para legalizar o Partido. O dirigente político afirma que o índice foi obtido, mas o Partido dos Trabalhadores foi barrado no Tribunal Regional Eleitoral por questões ideológicas. Adelmo, reiteradamente opinando que havia adversários ideológicos anti-petistas, apazigua em sua memória o fracasso do partido, transferindo a responsabilidade dessa derrota em um "outro", um inimigo do PT. Ricardo Coelho discorda da avaliação de Adelmo e afirma que o número mínimo de assinaturas não conseguiu ser obtido. Ele afirma que mesmo não abrindo o diretório os militantes do PT deram apoio a outras candidaturas alinhadas aos interesses populares:

Infelizmente não, porque havia uma exigência de um, de organizar um mínimo de diretórios, se eu não me engano eram vinte na época e nós não conseguimos organizar os vinte diretórios, organizamos só dezesseis, e por isso o Partido de 82, em 82 o Partido não participou das eleições aqui em Alagoas, eu acho que só quatro Estados, não me lembro bem, não teve participação do PT, foi aqui, Roraima e o Acre, não o Acre já houve, alguns Estados lá do norte e... um... Mato Grosso, mas de modo geral é... Alagoas não participou de modo geral não, Alagoas não participou das eleições de 82, o PT, alguns... alguns militantes foram apoiar candidatos chamados da Frente Popular dentro do PMDB, que eram ligados ao PCB, ao PCdoB ou que eram de esquerda independente como Ronaldo Lessa, Selma Bandeira que tinham vindo de outras organizações de esquerda da época da ditadura e... a maioria, uma boa parte, também não apoiou ninguém, defendeu voto nulo. Mas nós não participamos das eleições de 82 foi uma das nossas grandes frustrações, aqui em Alagoas na criação do Partido foi não ter participado das eleições de 82. (Ricardo Coelho)

Vemos um choque entre memórias individuais claro. Não há convergência entre as avaliações. Enquanto Adelmo credita a uma conspiração ideológica a não regulamentação do Partido, Ricardo Coelho afirma que simplesmente não se efetivou a constituição do mínimo

de diretórios efetivados, o que não impediu que diversos militantes construíssem individualmente candidaturas do PCB e do PCdoB, o que revela que essa rivalidade acirrada no movimento narrada anteriormente poderia ser suspensa em nomes de alianças episódicas.

Curiosamente, Alice Anabuki, quando questionada se a militância do PT participou de alguma outra campanha, para algum candidato de outro Partido, responde apenas que "não, não", e disse que: "... a gente sempre se manteve um pouco fiel à política de independência de classe." Aqui opera mais uma vez um esquecimento que corrobora com a visão do Partido "classista", "puro ideologicamente". Mantendo-se fiel à independência de classe, na memória de Alice o PCB e o PCdoB, ligados ao MDB não poderiam ter sido apoiados. Mais uma vez, a coerência narrativa é mantida em nome de uma identidade política.

O depoimento de Adelmo dos Santos, porém, encontra-se com o de Ricardo Coelho em diversos pontos. Divergindo da narrativa apresentada por Alice de que os militantes petistas não se engajaram em nenhuma campanha eleitoral:

É, em 82 a gente, é... não consegui, é, legalizar o Partido junto à justiça eleitoral. Eram necessários quinze... dezenove diretórios municipais para que a gente pudesse fazer a convenção e a partir daí tivesse condições para disputar as eleições. Não foi possível, o TRE disse que a gente não seguiu a legalização, que exigia várias, várias condições para que o Partido fosse legalizado. Então, como não houve a legalização a gente, o Partido se diluiu em várias candidaturas, passou a apoiar várias candidaturas à deputado estadual da época. Eduardo Bonfim, Selma Bandeira, é... Mendonça Neto, Ronaldo Lessa e cada um seguiu seu destino. Então nós apoiamos candidatos que naquela época tinham, estavam em confronto com os militares e nós estávamos começando a sair do regime totalitário, essa foi a razão por qual o Partido não participou das eleições, em função disso aí do TRE. (Adelmo dos Santos)

Curioso que o argumento de Adelmo dos Santos é contraditório com o que se acreditava na época tratar-se da abertura política proposta pelos militares. Uma das observações levantadas pela esquerda -- especialmente aquela que estava sob o guarda-chuva do MDB -- era a de que a criação de novos partidos "dividiria as oposições". Nesse sentido, é contraditório que o TRE tenha proibido a criação do PT, já que esta divisão enfraqueceria a classe trabalhadora.¹⁴⁷

Ricardo Coelho faz o balanço dessa experiência de frustração, apresentando um tema que vai se repetir no balanço final do PT, a baixa capilaridade no movimento operário, além

¹⁴⁷ MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. *O MDB e as esquerdas*. p. 299.

do já mencionado embate com o PCdoB nos movimentos urbanos. Vem à tona também uma outra problemática, a inexperiência dos ativistas no trato com a legalidade:

A avaliação é que nós vivemos um... uma pouca representatividade política, aqui no Estado, nós não conseguimos, não havia em Alagoas, um grande movimento sindical organizado, então, de trabalhador, então nós não conseguimos, é... nos enfrontar bem dentro desse movimento e onde havia movimento mais de classe média, que era movimento sindical mais de classe média, que era médico, engenheiro, bancário, outros segmentos, o PCdoB era muito forte aqui no Estado. O fato do PCdoB ser muito forte aqui em Alagoas prejudicou a nossa participação em 82. Agora também houve incompetência nossa, parte legal nós não tínhamos muita experiência. Os sindicalistas não tinham experiência nessa parte legal, ata de convenção, filiação, isso houve uma incompetência também. Agora, o fato do PCdoB ser muito forte em Alagoas também nos prejudicou. (Ricardo Coelho)

Nesta fala, Ricardo sumariza três elementos que dificultaram essa legalização:

a) A incompetência no trato legal;

Diferente da avaliação de Adelmo, aqui aparece um elemento prático-organizativo básico. Sem experiência política para além da vida sindical, os dirigentes teriam cometido erros no processo que inviabilizaram a legalização do Partido.

b) A ausência de bases operárias;

Repete-se elemento que analisamos no capítulo anterior: o PT alagoano não possuía a capilaridade que tinha entre os Trabalhadores de outras regiões do país. Esse elemento objetivo, dentro da narrativa, seria um empecilho quase que determinante à construção do Partido.

c) A força do PCdoB;

Ainda nessa estruturação de memória a partir do outro que era o PCdoB, a memória de Ricardo Coelho traz novamente para consideração a força desse Partido no Estado e sua rivalidade com o PT. Esses enfrentamentos nos parecem importantes para a constituição da identidade do Partido dos Trabalhadores no Estado.

3.3 OS EMBATES NA ELEIÇÃO DE 1982

Não é por não ter contado com a presença do PT que as eleições de 1982 não foram travadas sob um clima intenso de polarização e acirramento. A divisão entre PSD e PMDB se

mostrava em toda a imprensa alagoana. O *Jornal de Hoje* registrava no dia 01 de outubro do ano eleitoral entrevista com Renan Calheiros, à época Deputado, em que este se dizia preocupado com a corrupção eleitoral:

"Continuando a discorrer sobre o que lhe foi dado verificar em alguns municípios interioranos, o parlamentar opositor adiantou que 'há candidatos que ao chegar as localidades, mandam chamar prefeitos e vereadores, passando a oferecer tentadoras propostas financeiras, objetivando seduzi-los para um comportamento que de maneira alguma se compatibiliza com os ideais que devem presidir o ato eleitoral'".¹⁴⁸

Sob um clima de forte uso de aparato de poder político e financeiro por parte das forças alinhadas ao regime, a cobertura da mídia ia cada vez mais registrando, ou mesmo contribuindo para um clima de vitória acachapante do PDS. A capa do *Jornal de Hoje* do dia 18 de Outubro exibia em garrafais: "PMDB NA PIOR" e "Maceió não promete grande vantagem a oposição".¹⁴⁹

Foi sob esse clima que o PT tomou a decisão de apoiar o PMDB no pleito. O *Jornal de Hoje* dedicou uma pequena nota à posição do Partido, marcando a vinda do dirigente nacional Hélio Doyle e a posição de Adelmo dos Santos, a nota, com o título "Oposição tem apoio ao PT para todos os cargos em Alagoas", registra a decisão após reunião do Partido:

"Embora conseguindo formar 25 diretórios, o PT teve 16 deles sujeitos a sindicâncias pelo Tribunal Regional Eleitoral, que concluiu pela impugnação das 13 atas que registravam a criação de idêntico número de diretórios, devido a falhas na formação da diretoria.

"O radialista José Adelmo dos Santos, também presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Empresas de Rádio-difusão, declarou que a visita do sr. Hélio Doyle serviu para definir oficialmente a posição do Partido diante das eleições em nosso Estado. Para ele, o apoio aos candidatos do Partido do Movimento Democrático Brasileiro não é apenas uma saída, mas a única existente no momento."¹⁵⁰

A matéria, porém, seria desmentida em outro veículo de comunicação. Em matéria do *Jornal de Alagoas* do dia 06 de Novembro é publicada uma pequena matéria com esclarecimento de Hélio Doyle de que na verdade o que houve foi a liberação para que a

¹⁴⁸ *Jornal de Hoje*. 01/10/82. p. 3

¹⁴⁹ *Jornal de Hoje*. 18/0/82. p.1

¹⁵⁰ *Jornal de Hoje*. 01/11/1982. p. 3

militância petista votasse como melhor lhe aprouvesse. Responderse individualmente pela decisão de votar em branco ou no PMDB, mas estando a agremiação se colocando fora de qualquer campanha da oposição. Essa decisão é interessante por apontar que o voto em branco era sim uma possibilidade decisória que passava pela cabeça da militância de esquerda naquele momento político. É que no período é muito forte o sentimento de votos nulos, brancos e forte a pressão sobre os indecisos, que dariam o voto que a grande imprensa chama de "Cabeça de Camarão."¹⁵¹ Na capa do *Jornal de Hoje* do dia 05 de novembro vinculou-se matéria com violenta crítica ao voto em branco e nulo, com o título "Voto em branco ofende o eleitor brasileiro".¹⁵² Prova de que a abstenção e o não comparecimento eleitoral atingia a legitimidade do regime. Na matéria, o dirigente nacional petista se posiciona:

"Na condição de membro da Comissão Executiva Nacional eu me manifestei claramente contra o apoio do PT de Alagoas ao PMDB ou a seus candidatos, assim como contra o PT pregar a anulação do voto nas eleições por não ter apresentado candidatos. Disse que o PT alagoano deveria se concentrar no esforço para se viabilizar legalmente no Estado e que cada militante, como o Partido não tem candidato, não deveria assumir a responsabilidade por sua posição diante das eleições, seja lá qual fosse. Frisei que a decisão deveria ser tomada pelo PT de Alagoas, estando eu apenas manifestando a opinião do comitê eleitoral unificado nacional, que poderia ser ou não acatada."¹⁵³

Curioso que, mesmo não tendo candidatos lançados para a disputa eleitoral no Estado, não foi o partido poupado de críticas. Aos balanços que se seguiram apontando a derrota da Oposição e da esquerda, sobrou até mesmo para o PT, em coluna de Isnard Vieira que caracterizava o Partido como uma agremiação fundada por trotskistas da Convergência Socialista e, atribuindo peso político irreal à tendência trotskista, apresenta os sindicalistas Lula e Jacó Bittar como joguete e mera fachada para atrair operários para o radical partido de forte viés ideológico.¹⁵⁴ Após analisar que os votos oriundos das CEB's foram debandados para alimentar as candidaturas do PMDB e que os trabalhadores não se alinharam ao radicalismo petista, o colunista sentenciou:

¹⁵¹ *Jornal de Hoje*. 05/11/1982. p.1

¹⁵² *Idem*.

¹⁵³ *Jornal de Alagoas*. 06/11/1982. p.3.

¹⁵⁴ *Jornal de Alagoas*. 03/12/1982. p. 3

"É necessário, portanto, que as lideranças do Partido dos Trabalhadores tenham a necessária humildade para reconhecer os enganos cometidos. Que façam a sua autocrítica, atividade tão salutar que sucede as derrotas da esquerda radical. Que se convençam, de uma vez por todas, que a grande deficiência dos comunistas, sempre foi e será a sua notória incapacidade de avaliar as reais aspirações do povo brasileiro."¹⁵⁵

Esse é apenas um indicativo do conservadorismo que atingia a construção das esquerdas em Alagoas.

3.4 RELAÇÃO COM AS ORGANIZAÇÕES E GRUPOS DA DIREITA TRADICIONAL

As figuras tradicionais também não tiveram muita aproximação com o PT. Aqui os motivos ficam mais claros. Primeiro, havia, por óbvio, a postura radical do PT frente à política da época. Por outro lado, há nas narrativas o elemento do desdém por parte dos políticos tradicionais frente à proposta do PT:

Não...! O pessoal... veja, não era um movimento de base massivo, mobilizado, organizado... os Partidos de centro-direita, direita, nunca, (risos), nunca se molestaram com a existência do PT. O PT não era uma força. O PT... pra esse pessoal, a referência era a força eleitoral, o PT não era uma referência de força eleitoral. Participava das eleições, é... municipais, assim, no sentido de, no sentido de... como diz né...? não eram assembleias legislativas, era vereadores, era um ou outro candidato, sem expressão eleitoral. Nunca incomodou, nunca incomodou. Nunca sofremos represálias... Até porque o pessoal achava que o PT era muito... meio exótico, meio petulante, pedante. Porque nessa ocasião o PT não... não, não fazia da eleição a questão central, entendeu? Era mais a organização de base, era mais a política de fortalecimento do Partido pela nucleação, que foi uma experiência muito positiva, construir um Partido por organizações de base que eram os núcleos de base. O grande problema que talvez tenha levado à derrota dessa experiência foi porque os núcleos não tinham poder. Ele era instâncias de base para organização, para discussão das políticas do Partido, mas eles não eram instâncias de decisão. As decisões eram sempre os diretórios, os encontros municipais, estaduais e nacionais. (Alice Anabuki)

Vemos que Alice além de mostrar em sua fala que a militância era vista como irrelevante pelos políticos tradicionais ainda é acrescentada a problemática dos núcleos.

Ricardo Coelho aponta que as aproximações que houve por parte de um campo político mais conservador foram absolutamente residuais. Como exemplo ele cita a figura de Mendes de Barros:

¹⁵⁵Idem.

Olhe, teve alguns segmentos da direita que... não sei porquê cargas d'água simpatizaram com o PT e com o Lula. A gente teve uma figura muito tradicional daqui que depois ficou conhecida como "Marajá-mor", que era o Mendes de Barros, que na campanha do Collor de 89, o Collor elegeu com o combate aos marajás, e exemplificou o Mendes de Barros, porque era procurador da assembleia, como "Marajá-mor" daqui de Alagoas. E ele em 84, não sei porquê cargas d'água, se aproximou da gente. Queria apoiar o PT, ajudou a organizar o PT aqui no Estado. E antes a... setores, ou, por exemplo o... a família Sampaio, que era do Geraldo Sampaio, o filho do Geraldo Sampaio, o Jucá Sampaio, se aproximou também, só que o Juca se aproximou mais à esquerda, porque ele tava, é..., como é... rachando com a família politicamente e eles vieram nos ajudar, nos ajudar de alguma forma. A... a... de modo geral, a nossa aproximação mais com a... alguns setores mais conservadores se dava sempre em disputas eleitorais segmentadas. Por exemplo, DCE; a gente lançou uma chapa algumas vezes e alguns setores da direita, que eram contra o PCdoB naquele momento, vieram nos apoiar. Mas nada assim muito sistemático. A não ser essa aproximação do Mendes de Barros, a direita nunca nos viu com bons olhos aqui não, nem circunstancialmente. (Ricardo Coelho)

Por fim, a longa fala que se segue, de Tutmés Airam, antecipa um balanço da experiência desses anos de PT ao mesmo tempo que revela uma concepção de movimento, que, conforme já aludido, seria "fechada", "sectária":

Não, na verdade nos primeiros momentos a direita achava que o PT era uma excentricidade, que não tinha o menor futuro, me compreende? Coisa de... de menino, é... menino sonhador, veio de universidade, né? Coisa de um bando de padre, é... meio doido lá do... coisa de um punhado de sindicalistas que, bom, mais cedo ou mais tarde vão perceber que não tem futuro nenhum, né? Então o PT, assim, não chegava a, ao menos aqui no Estado, não chegava a incomodar as elites, né? Era visto como uma excentricidade, né? Depois, não. Depois que a gente foi ganhando musculatura, né?, nós fomos incomodando e... já éramos vistos de outro modo, né? Já éramos vistos como um dos atores do processo político, né?, em Alagoas, né? E aí os embates começaram a surgir, não só por conta da realidade alagoana mas, enfim, por conta da realidade nacional, né? Sobretudo da realidade nacional, né? Nos impusemos, né? Campanha, as campanhas que participamos, né? Veio a campanha de Lula, depois veio a segunda, a terceira, né? E eram campanhas assim ahn... as campanhas do PT, é... iniciais, enfim... não só pra presidência, mas, eu me lembro, o quanto nós vibramos quando nós elegemos os nossos primeiros deputados federais, né? Porra, aquilo ali era um sonho, né? Deputada Bete Mendes, que era atriz; deputado Airton Soares, que era advogado; Deputado José Eudes, lá do Rio de Janeiro. E tudo era muito bonito, muito romântico, né? Porra, e os companheiros eles, eles cumpriam um papel muito interessante no parlamento, né? Muito interessante... Pra não falar das campanhas presidenciais... As campanhas presidenciais eram muito, muito ricas. Ricas no sentido de, assim, ideologicamente muito fortes... Nós acreditávamos muito naquilo que dizíamos, né? Aí, isso tudo acabou gerando frutos aqui no Estado né, o Paulão inicialmente tinha muita resistência é, a fazer política partidária, entendeu essa necessidade... Cabou entrando no PT, não é? O Judson, também, é... que tinha resistência à lógica partidária, acabou se convencendo da necessidade de construir uma alternativa política, né? E aí o Judson era um cara que tinha raízes na igreja; na igreja conservadora, né? mas ele por conta da presença dele, da habilidade dele, conseguiu trazer parte dessa

igreja pelo menos pra ficar na órbita assim, é... dos simpatizantes, enfim. E aí as coisas foram melhorando até que nós elegemos os primeiros deputados estaduais, né? Os primeiros vereadores em Maceió... e desaguássemos enfim na campanha de Heloísa Helena. Mas era tudo muito difícil. Eu me lembro que teve um cara que teve uma participação muito interessante, Fernando Barreiros. Fernando Barreiros é um médico, um médico conceituado, né?, aqui em Alagoas... ele, ele... é um cara da igreja... ligado à hierarquia da igreja católica, né? Tinha pronto acesso à igreja, né? E era um cara, assim, que não tinha, vamos dizer, uma sólida formação petista, mas era um cara assim, muito aberto pra aprender, pra crescer politicamente, né? Ele tinha um prestígio social enorme rapaz, ele teve... ele foi candidato a deputado, é... dentro do PT ele foi candidato a deputado federal e o cara teve 16.000 votos. Sem comprar um voto, só na base do... de visitar as pessoas, de conversar, de discursar, enfim... É, mas o PT era alguma coisa tão estreita, certo? Era nessa época tão sectário que tratava muito mal o Fernando, né? E o Fernando porra, cansou, terminou saindo, né? Por causa do nosso sectarismo, um sectarismo, assim, mais ou menos estudantil, né? E achávamos, na época, eu menos, eu tinha sempre uma posição muito mais de conciliação, mas muita gente achava o Fernando um burguês, um pequeno-burguês e dentro dessa perspectiva o Fernando não tinha nada de petista, não tinha nada que tá no PT. Esse estreitismo nos dificultou bastante, né? Nos dificultou bastante. Interessante que depois o tempo passou e o PT saiu, assim de um estreitismo muito grande pra enfim admitir nas suas fileiras gente como Delcídio, né? Saiu de um, eu diria que saiu de um extremo a outro, né? Não, não encontramos um meio termo, mas aí veio a discussão da governabilidade, da importância da governabilidade, enfim, né? E o Partido que não podia nos primeiros tempos, era muito refratário à receber as pessoas no seu ninho, né? Foi... passou a ser muito generoso pra recebê-las, né? Nos primeiros momentos, primeiros tempos o cara pra aderir ao PT ele tinha que ter muita convicção porque cobravam... cobrava-se muito, muita retidão ideológica, né? Com a proposta, os compromissos, enfim, não é? Como o PT sempre foi movido dentro da lógica de tendências, né?, às vezes fratricida, né? Muitas vezes fratricida, o cara entrava assim ficava meio tonto, né? O que diabo é isso, uma briga dessas, todo mundo é petista, mas a maior briga interna, né? E aí pra o cara se acostumar dentro dessa lógica, desse debate e até pra entender diferenças entre uma tendência ou outra era difícil, né? Isso assustava muito as pessoas, né? As pessoas boas que podiam ter contribuído mas que se afastavam do PT pela própria lógica do seu funcionamento, né? (Tutmés Airam)

A citação é longa, mas ilustrativa do que significa essa mudança do PT. Abandona-se uma visão excêntrica, a especificidade do que seria a construção petista para a constituição de um Partido viável eleitoralmente. Singer argumenta que as duas almas, o espírito do Sion e o espírito do Anhembi, vivem em conflito e compatibilização, convivem, por assim dizer, dentro do Partido dos Trabalhadores. Sendo assim, a fala de Tutmés, também à luz do atual momento, de denúncias de corrupção após as delações de Delúbio Soares¹⁵⁶, constrói em sua memória uma ponderação ao exagero do que foi a abertura a essas alianças, em uma

¹⁵⁶ Delúbio Soares foi tesoureiro do PT e um dos pivôs do escândalo do Mensalão. O Mensalão foi o nome como ficou conhecido o esquema de desvio de verbas, supostamente comandado pelo Partido dos Trabalhadores, conforme denunciado do Deputado Roberto Jefferson. Desde esta denúncia o PT sempre esteve nos holofotes das investigações da imprensa sobre corrupção e desvio de verbas. Para um bom jornalismo político, construído através de perfis políticos e investigação ponderada sobre o tema da corrupção e como os sucessivos escândalos alteraram o cotidiano do PT e de seus dirigentes Cf. WERNECK, Humberto (org.) Vultos da República: Os melhores perfis políticos da Revista Piauí. São Paulo: Cia das letras, 2010.

repactuação com o espírito de Sion. Entretanto, aqui nota-se a presença de uma adesão a um projeto político mais aberto, mais disposto a alianças, crítico da atuação petista do passado. Marcos Nobre aponta que há no Brasil uma Cultura Política conciliatória, pregadora do aliancismo, que se instituiu na transição para a Nova República, batizada por ele de Pemedebismo, em alusão ao maior Partido da política brasileira atual (PMDB) e sua dinâmica de construção de hegemonia a partir de acordos cupulistas suprapartidários. Essa Cultura Política teria contaminado, ao longo dos anos 1990, todos os grandes Partidos, incluso o PT. Pensamos que a fala de Tutmés é reflexo dessa Cultura Política:

Sua forma primeira e mais precária foi a unidade forçada contra a ditadura militar (1964-1985), que veio a repercutir de maneira importante na maneira como se deu o processo de redemocratização. Nos anos 1980, o partido que detinha a liderança absoluta do processo político, o PMDB, impôs como indispensável a união de todas as forças “progressistas” para derrotar o autoritarismo. Com exceção do PT, todos os partidos participaram da eleição indireta de janeiro de 1985, no chamado Colégio Eleitoral, controlado pelas forças da ditadura. Tancredo Neves foi eleito presidente. Morto em abril do mesmo ano sem ter sido empossado no cargo, deixou no cargo o seu vice, José Sarney, quadro histórico de sustentação da ditadura militar, indicado pelo PFL (em 2007, a sigla mudou o nome para DEM). Mesmo com Sarney na presidência, o “progressismo” continuou a representar a ideologia oficial de uma transição morna para a democracia, controlada pelo regime ditatorial em crise e pactuada por um sistema político elitista.

A primeira crise enfrentada por essa blindagem se deu durante a Constituinte, quando essa unidade forçada deu de cara com movimentos e organizações sociais, sindicatos e manifestações populares que não cabiam nos canais estreitos da abertura política. Sob o comando do chamado Centrão, bloco suprapartidário que contava com maioria de parlamentares do PMDB, o sistema político encontrou uma maneira de neutralizá-los, apostando na ausência de uma pauta unificada e de um partido (ou frente de partidos) que canalizasse as aspirações mudancistas. Nasceu aí a primeira figura da blindagem do sistema político contra a sociedade. A esse processo de blindagem deu o nome de pemedebismo, em lembrança do partido que capitaneou a transição para a democracia.¹⁵⁷

A fala de Tutmés parece representar um reflexo dessa Cultura Política do pemedebismo. Tal aceitação tácita do pemedebismo viria de anos de acomodação lulista no poder. Parte da sociedade teria absorvido essa Cultura Política como a única forma possível de se fazer política no país:

Seria possível resumir o diagnóstico em uma formulação ambivalente. Tanto o “neoliberalismo” do período FHC como o que se chama de “lulismo” são figuras do

¹⁵⁷ NOBRE, Marcos. *Choques de Democracia*. São Paulo: Companhia das letras. 2013.p. 6.

pemedebismo, são configurações mais avançadas dessa cultura política inerentemente conservadora. Mas são também momentos e figuras da construção do social-desenvolvimentismo que se cristalizou a partir do segundo mandato de Lula. Se a própria consolidação do social-desenvolvimentismo só se deu acoplada a certa instrumentalização do pemedebismo, isso acabou levando também a tornar o pemedebismo algo de “normal” e “aceitável”, algo de “justificável” em vista da conquista de avanços sociais.¹⁵⁸

Outro elemento político interessante nessa fala é que o avanço político do Partido no Estado se dá a partir de exemplos eleitorais. A vida política é igualada às campanhas eleitorais, em um processo que mostra como o PT passou de um partido radical, de contestação à ordem, a um partido acomodado a esta. Na convivência entre o Sion e o Anhembi, o último parece ter levado a melhor na maior parte do tempo.

3.5 O PT E A CUT EM ALAGOAS

O âmbito sindical também era palco de uma forte luta contra o PCdoB no Estado. Estes possuíam a hegemonia no movimento, dando pouco espaço para a construção do PT. Tutmés tenta lembrar essa disputa, ressaltando a dificuldade que era construir movimento sindical nesse período em Alagoas:

O movimento sindical, ele era basicamente, é... hegemônico pelo PCdoB, né? Quer dizer, nós não tínhamos muito... nós não tínhamos muito acesso, não. É... só algum ou outro, assim, nós temos uma base, que era a base lá dos urbanitários, do presidente Pedro Luís, nós tínhamos uma base também lá no... no... é... na construção civil, e nós tínhamos uma base nos bancários. Pronto, era o que a gente tinha. Todos os outros sindicatos ou eram sindicatos pelegos ou eram ligados ao PCdoB, né? Nós não tínhamos uma base sindical muito forte, não. Isso também foi um problema na nossa... no nosso nascimento, porque dificultou nosso enraizamento, né? Quando você se constrói em cima de bases sociais o enraizamento se dá de forma muito mais fácil, né? Quando não... vislumbra-se muita dificuldade pelo caminho. Mas nós não tínhamos muita base, não. Eu... o PT, ele nasceu pouco, digamos, pouco orgânico no Estado, né? Mas foi vencendo isso tudo, se construindo, né?, até que se consolidou tanto quanto, né?

Não, a CUT já era assim, eu acho que a CUT, a ideia da CUT já era uma coisa mais simples de viabilizar, né? Porque havia, assim, alguns sindicatos em Alagoas assim, bastante combativos, não é? Mas eu posso traçar um paralelo, porque, também havia uma disputa, é, de controle nacional das centrais, né? Inicialmente a gente disputava sempre com o PCdoB, né? PCdoB tinha lá a ideia de central, deles, que não era na CUT, né? É, só que a CUT, ela se afirmou em Alagoas pela sua extraordinária força nacional, né? Porra, a CUT era, sempre foi muito forte, né? Ahn... E a CUT era meio assim, porra, pra nós era até assim meio mitológica, né?, porra, porque os caras todos que a gente admirava, né?, fruto das lutas sindicais que até levaram à construção do PT, pô, os caras todos eram da entidade, pô, então, porra, simplesmente a gente ficava assim, é... entusiasmado né, pô. Você ter um

¹⁵⁸ Idem. p.27

dirigente sindical como o Lula, como... é, como... Lula não, porque Lula propriamente nunca foi ligado muito à CUT, Lula foi pra tarefa propriamente partidária, mas aí tinha Jair Menegheli... Depois você teve Vicentinho, né? Tudo uma coisa... Então a força nacional da CUT acabou entrando a CUT em Alagoas, né? Mas fazer política sindical em certa medida é mais fácil do que fazer política partidária, né? Os obstáculos são menores porque a luta é menor, né? A luta é menor. Mas vivemos assim, dificuldades semelhantes, né? Porque a gente tinha vamos dizer, entre aspas, né?, um grande inimigo e o grande inimigo, na disputa aqui, na hegemonia era o PCdoB absolutamente consolidado, né. (Tutmés Airan)

Mais uma vez o embate com o PCdoB e a crítica à falta de enraizamento do Partido dos Trabalhadores no que deveria ser sua base nos setores assalariados. Ricardo Coelho dá mais detalhes de quais eram as bases operárias do PT e da CUT nos anos 1980:

Olhe, o que a gente tinha na, quando a gente foi organizar o PT na década de 80...a gente tinha, como eu falei, urbanitários, que era o mais forte, construção civil, é... radialistas, alguns setores não todos, alguns diretores, não todos e... urbanitários, construção civil, radialistas, ferroviários nós tínhamos influência forte e algumas coisas soltas assim, como alguns diretores do sindicato dos bancários... Esse primeiro momento, realmente, é... a gente tinha poucos sindicatos, e, também além de ter poucos sindicatos, esses sindicatos não tinham tanta força, a não ser urbanitários, tinham uma força considerável porque CEAL e CASAL eram duas empresas estatais e havia uma maior liberdade pro movimento sindical nas três estatais. A construção civil era muito pouco, os ferroviários apesar de ser uma empresa estatal também, a gente tinha pouca influência... Mas eu sei que o movimento sindical naquele tempo ainda era um pouco incipiente. Você há de convir que a gente vinha de uma ditadura, havia tido uma perseguição muito grande à esquerda e à segmentos dos movimentos sindicais, então, o movimento sindical estava se reconstruindo naquele momento e... até por força de influência da igreja católica essa reconstrução. Mas o que a gente pode dizer é que por força dessa nossa primeira participação no movimento sindical, em 80, na segunda década de, na segunda metade de 80, aliás, na segunda metade de 80 a gente ajudou a construir vários sindicatos: químicos, correios, é.. que foi mais?, o... o pessoal, depois o pessoal dos servidores públicos, previdência, é... como é... os servidores públicos federais, os empregados do setor do SESC, SENAI, que é o SENALBE, então a gente, esse primeiro momento de acúmulo, junto com a conjuntura, junto com a mudança da constituição permitiu o surgimento de vários sindicatos no nosso campo. Até porque várias pessoas saíram do movimento estudantil e foram trabalhar e levaram essa experiência para construir sindicatos, como aconteceu com os químicos, etc. Então, esse primeiro momento eu posso dizer que foi um momento de acúmulo de forças, importante, que depois propiciou o surgimento de um movimento sindical muito mais forte aqui em Alagoas. E depois que foi liberado a questão do movimento sindical do servidor público nós demos um salto de qualidade. (Ricardo Coelho)

Questionado sobre os principais inimigos que a CUT travava para se consolidar no Estado, Ricardo Coelho foi ao encontro de outros que já haviam salientado o peso do PCdoB e ressaltou o papel que esta agremiação teve como adversária do PT e da CUT:

Ah, quem a CUT... a CUT enfrentava... o nosso maior enfrentamento era, de um lado era com os pelegos que vinham, ainda da época do PTB que tavam nos sindicatos como o sindicato do comércio, sindicato de alfaiataria, alguns sindicatos mais segmentados e, do outro lado o PCdoB. O nosso grande embate tanto no movimento estudantil como no movimento sindical era com o PCdoB. O PCdoB tinha sindicatos fortes como bancários, associação dos professores que depois foi o Sinteal. é... médicos, etc., engenheiros, e esse pessoal polarizou muito contra a gente porque não queria a criação da CUT nesse momento. (Ricardo Coelho)

Alice Anabuki reitera a dificuldade da disputa que existia com o PCdoB e como a proposta da CUT foi saldada justamente por se contrapor tanto ao sindicalismo de resultados quanto ao sindicalismo ligado aos PC's:

Teve, ela teve. A CUT, me lembro, só... claro, sempre com um pessoal que era oposição não só aos grandes Partidos tradicionais, mas sobretudo ao PCdoB... então a CUT ela conseguiu canalizar, mobilizar o pessoal que fazia oposição, do campo da esquerda, ao PCdoB, que aqui era muito forte. O PCB era praticamente inexistente, a não ser através de umas figuras, né, históricas, mas o PCB aqui, na minha lembrança nos anos 80 o PCB não era uma força política, era o PCdoB. Era o surgimento da UNE, era o soergimento do DCE, era o PCdoB. O PCdoB tinha uma forte base social, principalmente em organismos de classe média. Era muito forte, o PCdoB. Então aqueles que faziam oposição ao PCdoB, eles vieram tanto pro PT quanto pra CUT. (Alice Anabuki)

Dentro dessa disputa, Alice Anabuki narra o quão significativa foi a vitória do sindicato dos bancários para a construção da CUT, uma vitória em composição com o PCdoB, o que mostra que essa disputa não se dava somente através de enfrentamentos diretos, mas também com acordos e compromissos entre ambas organizações:

Sim, logo depois. Logo depois não, minto... mas ou menos em... 85,8, por aí, eles tomaram um sindicato expressivo aqui, o pessoal do PCdoB, com gente do PT, que foi o sindicato dos bancários. Foi assim, foi um evento significativo para Alagoas, porque o sindicato dos bancários sempre esteve na mãos dos pelegos. Então foi um grande marco no movimento sindical no Estado, foi o PT e o PCdoB, numa composição, ganhar as eleições do sindicato dos bancários. E era a CUT né... era a CUT. (Alice Anabuki)

A CUT em Alagoas, a partir dos relatos, estrutura-se com muita força no emergente sindicalismo do funcionalismo público urbano à medida que o PCdoB diminui seu espaço. Interessante notar esse movimento, talvez constituindo aí uma solidificação maior do PT no Estado, com o fortalecimento desse setor.

Passando à narrativa de Adelmo dos Santos, vemos o depoimento deste que se fez presente desde os primeiros passos da CUT:

A fundação da CUT aqui foi muito difícil no começo. A gente participou do encontro da CONCLAT em São Paulo. CONCLAT era a conferência nacional das classes trabalhadoras. Eu me lembro que foi em Santos. Num prédio inacabado do sindicato dos comerciários. E a gente lá nesse CONCLAT tirou uma comissão nacional para criar a CUT, né? Isso foi em 80. Que a CUT foi fundada antes do PT. E a gente marcou para 82, criar a central única dos trabalhadores, só que antes em 80... 1980, 82, alguns segmentos, alguns setores do movimento sindical, eu poderia destacar Joaquim Andrade dos Santos, Joaquinção, presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo, juntamente com a federação das indústrias de São Paulo, eles postergaram até 82, não fundar a central única dos trabalhadores. E a gente, né, nós provocamos um... fomos pra luta e fundamos a CUT à nível nacional em 1982, me lembro, vinte e três de agosto de 1982, no velho estúdio da Vera Cruz, aonde Mazzaropi fazia seus filmes... e lá nós criamos a central única dos trabalhadores, aí depois criamos as centrais nos Estados. (Adelmo dos Santos)

Adelmo Ressalta o impacto mais direto do regime militar na organização dos trabalhadores, o clima político da época:

Aqui, por exemplo, eu diria a você que a gente tinha a federação dos trabalhadores das indústrias que ficava ali perto do mercado público, o presidente era o José Rodrigues Filho. Nós procuramos, marcamos uma reunião lá na federação das indústrias. Marcamos pras 20 horas, convocamos alguns sindicatos, quando chegamos lá as portas da federação estavam fechadas. Ele não permitiu que a gente ficasse lá a reunião pra discutir a fundação da central única dos trabalhadores. Essa foi a dificuldade enorme... poucos sindicatos naquela época, é... se dispunham a... se colocavam pra fundar a CUT... é, a gente, tinha, naquela época também tinha uma divisão muito grande com a CGT, né, a CGT era a central geral dos trabalhadores, que tinha à frente o pessoal do PCdoB, né? PCdoB, que rivalizava com a gente. A gente tentou fundar a CUT, e a CGT... e o PCdoB querendo fundar a CGT. Mas a gente, eu lembro que... sindicatos, poucos, foram à essa reunião. Depois foi que a gente começou a gente, é... ganhar sindicatos, fazendo oposições sindicais, aí a partir daí a gente começou a achar que a própria CGT, que era do PCdoB, reconheceu que a central única dos trabalhadores era aquela que mais agregava, era a que mais reunia trabalhadores... que iam a greve, que faziam greve, né, que rompiam, que passavam por cima da CLT, que não acatavam as decisões do ministério do trabalho, que na verdade naquela época o ministério do trabalho tinha a finalidade de impedir que os trabalhadores se organizassem livremente, e a gente não aceitava isso, o governo intervinha nos sindicatos, a gente criava comissão paralela e a gente organizava mesmo assim os trabalhadores e a gente conseguia... foi a partir daí, foi com essa luta, foi com essa mobilização que a gente conseguiu criar a central única dos trabalhadores aqui em Alagoas. (Adelmo dos Santos)

Ah, sim. A CUT foi o seguinte, quando a gente veio, quando nós fomos pra participar da CONCLAT, que foi ali em São Bernardo do Campo, lá com os amigos do instituto... estúdio da Vera Cruz... aonde o Mazzaropi fazia os seus filmes, é... nós fomos para esse encontro e lá ficou definido que a gente iria criar a comissão provisória, CUT, pró-CUT nos Estados. E aqui nós marcamos uma reunião para o palácio do trabalhador, que fica aqui... aqui... na elevada. Nós marcamos uma reunião pra oito horas lá, falamos com o presidente da federação que era o José

Rodrigues Filho, quando foi oito horas tava tudo fechado. A gente não conseguiu nessa primeira reunião marcar a comissão pró-CUT. Mas com o tempo os sindicatos começaram a se fortalecer, começaram a lutar, né? Em busca de melhores condições de trabalho, salariais, aí logo adiante a gente conseguiu fundar a CUT aqui em Alagoas. (Adelmo dos Santos)

Aqui temos mais uma vez a afirmação do confronto entre PCdoB e PT, dessa vez alicerçado através do confronto entre CTG e CUT.

Vemos portanto que estes anos iniciais do PT são de fato penosos e eivados de dificuldades. Seria apenas com as lutas democráticas do final da segunda metade dos anos 1980 que as coisas melhorariam para o Partido de Lula no Estado.

3.6 AS DIRETAS JÁ

O PT nem bem terminava de lidar com as eleições de 1982 e as consequências em que implicaram sua atuação e já se viu diante de outro grande desafio político. As Diretas Já, grande movimento cívico reivindicando eleições diretas para presidente e questionando a ditadura militar em seu âmago.

Considerado o maior movimento político da história da república¹⁵⁹, começou em 1983, lento, mas no ano de 1984 atingiu proporções de massas em todo o país. Parte do sucesso do movimento esteve na grande articulação unitária que se constituiu entre diversos agentes políticos. Embora divergissem em alguns aspectos, a maioria de seus participantes e Partidos políticos convergiam no aspecto central: a necessidade de eleições diretas para os órgãos executivos.

As Diretas Já representaram um curto-circuito na transição pactuada pensada pelos militares. A mobilização popular foi impulsionada pelo descontentamento no plano econômico, a situação de penúria dos trabalhadores e a consequente divisão burguesa com os rumos do Brasil:

No Brasil, o fator detonador foi o impacto da crise econômica deflagrada pela crise da dívida externa. Em dois anos, entre 1982 e 1984, o crescimento da inflação e do desemprego abriram uma crise social que incendiou o mal-estar no proletariado e provocou uma séria, ainda que minoritária, divisão burguesa, arrastando a classe

¹⁵⁹ "Na reta final, houve comícios de 300 mil pessoas em Belo Horizonte (24 de fevereiro), 250 mil em Goiânia (12 de abril), 200 mil em Porto Alegre (13 de abril). Os maiores reuniram 1 milhão de pessoas, no Rio de Janeiro (10 de abril), e 1,5 milhão, em São Paulo, no comício de encerramento, em 16 de abril." REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

média para o campo da oposição à ditadura. Essa nova relação de forças se traduziu em um isolamento político do governo que inviabilizou o projeto da transição.¹⁶⁰

A convocação feita pelo PMDB conclamando a população a tomar as ruas pela bandeira da eleição presidencial direta surpreendeu o regime. O chamado foi obedecido massivamente e provocou uma divisão no partido do regime, impossibilitando que Maluf e Andreazza mantivessem o controle sobre o colégio eleitoral.

A principal cisão no movimento era a existente entre os Partidos políticos e organizações de cunho ideológico revolucionário e aquelas organizações com identificação mais próxima ao liberalismo. Enquanto aqueles tendiam à defesa de rupturas mais radicais e enfrentamentos com o regime militar, estas se inclinavam mais para os pactos e negociações com o governo Figueiredo. Longe de atrapalhar o movimento, esta divergência acabou por conferir um caráter menos personalizado a apenas algumas figuras do movimento, embora Ulysses Guimarães, Teotônio Vilela e Leonel Brizola (PDT), dentre outros, tenham ocupado importante papel de destaque nos comícios e manifestações, e sim um caráter mais amplo. Soma-se a essa amplitude a presença de organizações muito distintas da sociedade civil como a União Nacional dos Estudantes (UNE), que havia sido refundada no congresso de Ibiúna em 1979, a OAB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dentre outras. Cabe mencionar que a posição do PT era ideologicamente a de não fazer nenhum acordo com a ditadura, Lula sendo portanto um dos expoentes vistos como mais radicais do movimento das Diretas. Emblemático dessa postura é seu discurso de 21 de Março de 1984:

Quando se fala em público, assume-se o compromisso moral com o povo, que não pode ser traído com conchavos e negociatas. Estão falando em conchavos e negociações por baixo do pano. Não adianta, porque o povo nas ruas vai passar por cima de quem ficar na frente.¹⁶¹

Enquanto Ulysses aliava-se a setores sociais a outra ala do PMDB dividia-se na proposta de negociação com o PDS. Comandada por Tancredo, essa ala buscava a negociação e a chegada à presidência. Concordamos com Arcary:

¹⁶⁰ ARCARY, Valério. *O Martelo da História: Ensaio sobre a insurgência da revolução contemporânea*. São Paulo: Editora Sundermann. 2015. p. 158-9.

¹⁶¹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. "Diretas-Já: vozes das cidades." IN: *Revolução e democracia (1964...)* Ferreira, Jorge & Reis, Daniel Aarão. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2007.p., 415

Aliás, o que merece ser considerado excepcional no processo das Diretas não é que Tancredo tivesse conspirado com a ditadura, mas que Ulysses e Montoro tenham convocado a mobilização de massas contra Figueiredo. A desconfiança da participação popular foi o padrão da conduta política da burguesia brasileira. Só a obstinação da alta oficialidade das Forças Armadas na defesa obtusa do regime, quando uma nova relação de forças interna e internacional o deixou obsoleto, pode explicar a decisão *in extremis* de Ulysses e Montoro de resolver apelando à mobilização de massas.¹⁶²

O jornal *Gazeta de Alagoas* de 11 de Abril de 1984, dia seguinte à grande manifestação da Candelária, exibiu em sua capa foto da Avenida Presidente Vargas tomada de manifestantes e matéria que destacava a pluralidade do movimento:

Foram cinco horas e meia de concentração pública, a que estiveram presentes muitos artistas famosos, dirigentes, políticos como o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, o presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva, 'Lula', o jurista Sobral Pinto, que emocionou a grande multidão quando, ao encerrar seu discurso citou a Constituição da República, em cujo primeiro artigo diz que 'todo o direito emana do povo e em nome dele será exercido'. E os governadores Franco Montoro, Tancredo Neves, José Richa e Gerson Camata.¹⁶³

O Jornal *Gazeta de Alagoas* ainda menciona o momento em que Fafá de Belém cantou a música "Menestrel das Alagoas", em homenagem ao alagoano Teotônio Vilela e o discurso de encerramento do governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola.

A mesma edição da *Gazeta*, porém, esgrimia em seu editorial críticas às greves que ocorriam no país e aos líderes Franco Montoro e Tancredo Neves. Chamava o movimento paredista à responsabilidade frente aos impasses da transição democrática e questionava a condução dos governos pemedebistas de São Paulo e Minas Gerais:

Enquanto o sr. Franco Montoro e sua medíocre equipe de auxiliares se resumem - após um ano de governo inexpressivo - a culpar as administrações anteriores pelos descabros que ocorrem em São Paulo, o sr. Tancredo Neves usa, em Minas Gerais, os mesmos métodos que condenava, empregando ameaça de medidas legais para demover ao trabalho os mestres.¹⁶⁴

Além da união entre as já mencionadas organizações sociais e proeminentes figuras políticas, o engajamento de importantes personalidades da intelectualidade e da cultura deram

¹⁶² ARCARY, Valério. *O martelo da história: Ensaio sobre a urgência da revolução contemporânea*. São Paulo: Editora Sundermann. 2015 p. 159.

¹⁶³ *Gazeta de Alagoas*. 10/04/1984. p.1

¹⁶⁴ *idem*. p.2

fôlego e força ao movimento. Nomes de proeminência nacional como Chico Buarque, Maitê Proença, Lygia Fagundes Telles, Oscar Niemeyer, Alceu Valença, Paulinho da Viola, Maria da Conceição Tavares, Francisco Weffort, apenas para citar alguns, aderiram ao movimento."¹⁶⁵

O Dia da votação da Emenda Dante de Oliveira, nome do parlamentar do PMDB que deu entrada na emenda, foi acompanhado com profunda atenção em todo o país. Os telejornais foram proibidos de transmitir imagens ao vivo da votação e mesmo uma marcha que fora planejada para chegar em Brasília no dia da votação fora cancelada.¹⁶⁶ A comoção nacional porém não se fez menor apesar desses contratemplos. Uma grande vigília foi armada em Brasília acompanhando a votação e em todo o Brasil placares improvisados eram montados, as votações eram acompanhadas por boletins de imprensa e todos permaneceram ligados ao que acontecia no congresso nacional.

A disputa institucional, porém, terminaria derrotada. A emenda Dante de Oliveira, proposta que estabeleceria o voto direto, foi vitoriosa, mas não atingiu o número necessário para chegar à maioria absoluta do quórum, não sendo portanto aprovada devido à ausência - certamente política, em sua maioria - de 133 deputados.¹⁶⁷

Mesmo com a emenda derrotada o PDS se viu acuado com a formação da Aliança Democrática, uma unidade constituída entre o PMDB e políticos saídos do PDS que fundaram um novo Partido, o Partido da Frente Liberal (PFL). A coligação formada para a disputa presidencial era encabeçada por Tancredo Neves do PMDB e José Sarney do PFL, que se grassariam vitoriosos e, com a súbita morte de Tancredo, Sarney assumiria o poder e consolidaria a transição para a Nova República.

A postura do PT seria a de boicote ao Colégio Eleitoral, diante da derrota da emenda Dante de Oliveira, duramente criticada pelo PMDB, Partidos comunistas - que à época ainda atuavam dentro do PMDB - e organizações e entidades da sociedade civil engajadas na campanha a favor da coligação de Tancredo e Sarney no colégio eleitoral. O PT alegava não concordar com uma transição pactuada entre as elites:

¹⁶⁵ ¹⁶⁵ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. "*Diretas-Já: vozes das cidades*". IN: *Revolução e democracia (1964...)* Ferreira, Jorge & Reis, Daniel Aarão. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2007. p.419

¹⁶⁶ IDEM, p. 424

¹⁶⁷ foram 298 votos a favor, contra 65 e três abstenções. REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 145

A promessa de não legitimar o Colégio Eleitoral foi cumprida. No dia 6 de maio de 1984 o Diretório Nacional divulgou para a imprensa uma nota esclarecendo que o PT não participaria do colégio eleitoral, e conclamando os participantes do Comitê Suprapartidário a perseverar na campanha pelas diretas, a despeito da decisão do Congresso.¹⁶⁸

Esta postura não se daria sem, como quase todas as posições políticas do PT, disputas internas, polêmicas públicas entre dirigentes e militantes do Partido e cisões. Alguns parlamentares petistas desobedeceram à orientação partidária e compareceram ao Colégio Eleitoral.¹⁶⁹

Iniciado como um movimento de defesa das eleições diretas, a campanha pelas diretas já se tornaria gradativamente muito mais do que isso, se tornaria o grande símbolo das lutas por democracia no país, pela redemocratização e demonstração de força da população contra o regime militar. A campanha das Diretas Já foi na prática um escoadouro de todas as insatisfações políticas com o regime militar e também econômicas: a insatisfação com a inflação, as consequências do fracasso do "milagre", desemprego e arrocho salarial.

Ainda que não tivesse iniciado e nem sido o principal protagonista do movimento, o PT foi uma das expressões das mudanças e lutas contra a ditadura de todo o período que corresponde ao final dos anos 1970 e anos 1980, tendo a campanha das diretas expressado um grande batismo de fogo para o Partido que sem dúvida conquistou o protagonismo das ruas, destacando-se nas manifestações e crescendo sua importância e influência a cada comício.

Em meio às transformações pelas quais passava o país, o fim do bipartidarismo, o ascenso operário e surgimento da Central Única dos Trabalhadores como expressão organizativa do "novo sindicalismo", a falência do regime econômico militar e toda a explosão cívica no país, surgia um Partido de esquerda sem nenhum alinhamento com a antiga URSS, crítica do comunismo stalinista e seus PC's e tentando constituir-se como representante política da classe operária. Era o PT irrompendo como agente social na História política de nosso país.

¹⁶⁸ COELHO, Eurelino. Uma esquerda para o capital: o transformismo dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). São Paulo: Xamã, 2012. p.81

¹⁶⁹ cf. Lincoln Secco, compareceram ao colégio Eleitoral os parlamentares Beto Mendes (SP); Airton Soares (SP) e José Euder Freitas (RJ).

3.7 A CAMPANHA DAS DIRETAS JÁ! EM ALAGOAS

Inegavelmente a campanha das Diretas Já! foi um marco para a construção política das esquerdas no país. Aqui em Alagoas constituiu-se uma grande universidade, na esteira do que acontecia nacionalmente. Atos grandes, massivos e de ampla unidade progressista tomaram as ruas de Maceió. O PT dentro desses atos constituiu uma grande oportunidade de crescimento, com a abertura dada para a esquerda na nova cena política. Algumas das falas tentaram dar a dimensão dos atos e comícios que tomaram as ruas de Maceió:

Era muita gente cara... Era muita gente. Foi um comício que a gente fez acho que na Pajuçara, Ponta Verde era aberto, juntava gente. Era assim, uma frente, né?, muito ampla, todo mundo queria as diretas, né? Então não tinha muita dificuldade, né?, era só você propagandear. A tese por si só já... já justificava, né, não precisa... não precisava de grandes argumentos, né? E, e contava também a seu favor um engajamento muito forte de artistas, de intelectuais, né? E um artista quando vem prum comício, dependendo do artista ele por si só já é uma atração, né? Eu lembro que eu, num desses comícios inclusive eu falei em nome do PT estadual. Nesse comício estava... Pelo PT nacional veio o companheiro Olívio Dutra. Que à época era, acho que era... salvo engano, se o instinto não me trai era governador do Rio Grande, não sei se já era governador do Rio Grande... Mas era um cara assim, de destaque, né? Dentro do PT. Gaúcho mesmo, daqueles gaúcho bem gaúchão, né? Uma coisa muito bonita, viu? Ali valeu a pena. Não passou, mas enfim, era uma coisa inevitável, mais cedo ou mais tarde ia ter que acontecer, né? E aconteceu, né? (Tutmés Airam)

As Diretas Já representaram para a construção do Partido dos Trabalhadores um acontecimento constituinte da identidade política Petista. Em todos os relatos identificamos nos atos massivos das Diretas uma viragem na atuação política no Estado. É que a partir das Diretas o Partido cresce nacionalmente, e essa alavancagem auxilia o PT estadualmente. No cenário nacional é inegável o destaque político do Partido dos Trabalhadores:

Para o PT, a campanha foi de extraordinária importância. De um lado, porque o partido a assumiu desde o início, engajando-se nela com grande decisão e entusiasmo, Assim, quando ela cresceu, e se tornou maciça, foi o PT que mais se beneficiou com os dividendos políticos daí advindos, embora outros políticos e lideranças, mesmo aderindo num segundo momento, também tenham se projetado, ou consolidado sua projeção, através da campanha.¹⁷⁰

¹⁷⁰ REIS FILHO, Daniel Aarão. *O Partido dos Trabalhadores: Trajetórias, metamorfoses, perspectivas*. p. 512-13.

Desse modo, o PT cresceu em visibilidade e potência política nacionalmente, e assim também se deu em Alagoas. As Diretas foram uma grande provação política para o Partido se consolidar nacionalmente, ao mesmo tempo que permaneceram na identidade política do Partido como um de seus acontecimentos constitutivos.

Contribuiu para a efervescência da luta das Diretas o duro cenário social alagoano do ocaso da ditadura:

A segunda metade da década de 70 e a década de 80 foram marcadas por um estado de crise econômica crescente, com breves momentos de retomada de crescimento e alguns instantes ilusórios -- a exemplo dos anos de 1986 e de 1987, em que foi implementado o Plano Cruzado. No final da década de 80, registraram-se altas taxas de inflação, de 1000% em 1988 e de 2000% em 1989.¹⁷¹

Para Ricardo Coelho o crescimento do PT mais efetivo se daria no momento posterior às Diretas. O movimento em si foi profundamente hegemonizado, à esquerda, pela força política do PMDB e seus agrupamentos internos, como o PCdoB. Mesmo assim, o PT conseguiu aproveitar o espaço disponível para crescer em suas bases e alargar sua militância:

Olha, a campanha das Diretas já! aqui no Estado ela começa tímida, porque o PMDB num primeiro momento não tinha jogado muita força no começo, no final de 1983, começo de 1984, mas logo depois ela cresce exatamente pela força do PMDB, entrando. PCdoB entra com PMDB, e isso deu uma grande alavancada na campanha das Diretas já! aqui. Nós tivemos uma participação importante do PT, mesmo sendo ainda um Partido pequeno, nós tivemos intervenções importantes, ainda conseguimos mobilizar muitos estudantes, alguns trabalhadores, mas a nossa base cresceu muito aqui no movimento estudantil, aqui na Ufal, e a gente teve uma participação boa. Agora, é... tivemos problemas porque, com o controle do PMDB na campanha, o PMDB deu muito o tom das Diretas Já! e o PMDB preparou mais ou menos aqui o espírito de setores, segmentos importantes de movimentos sociais aqui, de movimentos políticos, para que se não passasse no colégio, não passasse a emenda das Diretas, fosse para o colégio eleitoral. Tanto é que foi uma grande briga no dia das votação da, das diretas no congresso nacional da emenda Dante de Oliveira, porque nós do PT queríamos, quando soubemos que não passou a gente queria sair numa grande mobilização, chamar a população e o PMDB e o PCdoB acomodando para tentar de alguma forma já criar o espaço, o campo político para um apoio ao candidato do PMDB dentro do colégio eleitoral. Mas a campanha foi boa, agora com esse clima e sempre dominada pelo PMDB. Na época o PMDB tinha figuras mais democráticas, mais populares como Zé Costa, Mendonça Neto, Moura Rocha, Eduardo Bonfim era do PCdoB na época, Renan... então esse pessoal monopolizou muito o discurso da esquerda aqui em Alagoas. (Ricardo Coelho)

¹⁷¹ ALMEIDA, Leda Maria. *Rupturas e permanências em Alagoas: o 17 de julho em questão*. p. 85.

O conflito entre PMDB/PCdoB e PT segue até as Diretas. Mesmo na decisão do que fazer após encerrada a votação da Emenda Dante de Oliveira a memória individual registra uma querela política. Mas há sobretudo o registro de que as Diretas representam um marco de crescimento para o PT.

Mas é fato que à época o PMDB ocupou no Estado o papel de liderança nas Diretas. A imprensa noticiou iniciativas dos parlamentares pemedebistas em diversas frentes. No jornal do dia 19 de Abril de 1984, a menos de uma semana de votação, a *Gazeta de Alagoas* veicula matéria em que a liderança feminista, a vereadora Kátia Born e outras dirigentes do movimento de mulheres vão à Brasília com delegação de ativistas pelas Diretas:

No ponto alto da manifestação -- um comício pró-diretas na rampa do Congresso Nacional -- Taís Normandes falou em nome da delegação de Alagoas, afirmando que 'nós que viemos da terra de Teotônio Vilela, aqui estamos para reafirmar que a mulher alagoana também exige as diretas já e que esse direito do povo é inegociável'. Denunciou a emenda do Governo como 'tentativa de iludir a nação' e afirmou que 'estaremos lá em Alagoas, realizando manifestações e fazendo uma vigília cívica no dia 25, quando o Congresso Nacional votará a Emenda Dante de Oliveira.'¹⁷²

Taís Normandes, presidente da União de Mulheres de Maceió, é acompanhada no ato por lideranças feministas do PMDB, dos partidos comunistas e também do PT, conforme a matéria:

Às 18 horas começou o ato em frente à rampa do Congresso. O clima era de muito entusiasmo, como relatou de Brasília, Taís Normande. 'A platéia eram as caravanas de mulheres de todos os Estados que lá estavam. Havia parlamentares, ativistas, personalidades como D. Lucy Montoro, mas a grande maioria das delegações era de mulheres do povo, donas de casa, operárias, aposentadas, professoras. Havia muita animação, apesar do cansaço. A toda hora eram gritadas palavras de ordem, denunciando o Governo Figueiredo e o regime militar, exigindo as diretas já'.¹⁷³

Mas não era só em Brasília e com representações nacionais que o PMDB se destacava, em unidade com o PT. Também nas pequenas cidades do interior eram convocadas manifestações e comícios. A campanha pelas diretas tomou todo o país. Na mesma edição do

¹⁷² *Gazeta de Alagoas*. 19/04/2016.

¹⁷³ *Idem*.

jornal, um pouco abaixo da reportagem anteriormente citada, há uma matéria falando da convocação de uma manifestação em Palmeira dos Índios, no interior de Alagoas:

O vereador João Rosa, líder do PMDB na câmara municipal de Palmeira dos Índios, explicou que o comício pró-diretas será realizado na Praça da independência, no centro da cidade, e começará às 18 horas com um show de artistas locais. Em seguida falarão líderes políticos e representantes de organizações populares e democráticas de Alagoas.¹⁷⁴

Sim, o PT cresceu dentro da campanha das Diretas. Mas não foi sua principal liderança. Este papel coube ao PMDB. Em São Paulo, o governador Franco Matoro liberava as catracas do metrô para ampliar as manifestações e engrossava os comícios com discursos em moções. Junto a isso, o destaque dado pela imprensa, como o *Jornal Folha de SP* e revistas de grande circulação como a *Veja*, ajudava também a engrandecer os protestos.

Mas no contexto geral, o PT se fortalecia. Mesmo derrotada a Emenda Dante Oliveira no Congresso comícios seguiram acontecendo, como o comício no Ceret - Centro Recreativo do Trabalhador na Zona Leste de São Paulo, comícios gigantescos em diversas capitais, o comício de 26 de Junho na Praça da Sé, o ato de 31 de Julho na Assembleia legislativa de São Paulo, dentre outros.¹⁷⁵

Nesse ínterim as questões se deslocaram para a questão do Colégio Eleitoral e a participação ou não do PT, polêmica que dividiu o partido. No fim, a campanha das Diretas acabou sendo útil também para que o PT se organizasse internamente, organizando congressos, reuniões nacionais como o Encontro Nacional Extraordinário realizado em Diadema nos dias 12 e 13 de Janeiro de 2015¹⁷⁶, dentre outras iniciativas.

Alice vê o momento das Diretas com muita simpatia. Lembra que Lula chegou a vir para comícios na Pajuçara e que os atos eram massivos:

Ah, Pegou fogo! Foi muita mobilização, foi muita participação, eu acho por conta do peso do PT em nível nacional, sabe? E é claro que os tempos também eram outros. Você já não tinha mais aquele... o rigor do regime militar, ou seja, já se respirava novos ares, já se tinha passado pelo movimento da anistia ampla, geral e irrestrita... ou seja, já havia um certo acúmulo de experiência de lutas democráticas, e o PT

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Ateliê editora. 2011 p. 115

¹⁷⁶ Idem. p. 116.

evidentemente, ele... ele surgiu como uma inovação, com capacidade de aglutinar os setores mais da esquerda. Então, nesse sentido, a participação nas Diretas Já!, o próprio Lula como é... é, oriundo do movimento sindical combativo, né? Com setores combativos da igreja... ou seja, isso contagiou nacionalmente, portanto Alagoas também. Então foi muito... Lula que aqui acho que no processo das Diretas Já!, se bem me lembro... um comício eu tenho certeza, ele fez, lá ná... acho que na pajuçara. Mas o Lula mesmo acho que ele passou aqui duas vezes... passou duas vezes... e antes dele ir fazer o grande comício do Pacaembu, lá em São Paulo, o pessoal lá já tava aglomerado organizado, mobilizado, o Lula saiu daqui direto pra... pro comício, pra manifestação no Pacaembu... aí, foi dinâmico, foi forte. (Alice Anabuki)

Também na narrativa de Alice há o sentimento de que devido ao peso do PT a nível nacional há um respaldo da atuação petista em nível local. Repete-se esse caráter reativo em relação ao resto do Brasil. A identidade política não só passa aqui pelo acontecimento das Diretas, mas também relembra a personagem de Lula, que esteve aqui no Estado. Além disso, ressalta que houve sim muito espaço de visibilidade para o PT, que cresceu muito no período:

Muita, claro! Muita, muita gente! O PT é, nesse período ele já era um Partido de massa. Ele já era um Partido de massa. Não era um Partido apenas de... de, de figuras tradicionais, sabe?, dos coronéis do Sertão, sabe? Já não era mais aquela base, voto de cabresto, não, já era aquela coisa mais moderna. O pessoal também já tinha um certo acúmulo de experiência de lutas democráticas, né? A luta pelo fim da ditadura militar; a luta pela anistia ampla, geral e irrestrita; a criação, a refundação da UNE... a, sabe? A retomada dos DCE's... já havia um certo acúmulo de experiências... então o PT nesse sentido eles é, o movimento sindical também, combativo, então foi uma convergência de vários fatores que propiciou o fortalecimento do PT. Então as Diretas Já!, nossa! Foram assim uma coisa massiva, massiva... massiva. Assim, muita simpatia... Era um Partido de massa. Coisa que foi inédito na história dos Partidos políticos no país. (Alice Anabuki)

Mais uma vez o reforço do ineditismo do PT, o reforço de que o PT era uma absoluta novidade na vida política. De fato, o PT representava sim uma oxigenação para o movimento de massas no Brasil. Sua composição heterogênea tinha comum o berço das lutas e mobilizações do final da ditadura. Se é exagero ver no Partido um marco zero das mobilizações no Brasil e um ponto de superação com a prática militante dos comunistas, que à época estavam ainda no MDB, por outro lado é também equivocado não reconhecer o peso político que o Partido político desempenhou nas manifestações:

O surgimento do PT em 1980 era uma expressão da reorganização da esquerda e dos movimentos operários, estudantil e popular. O impulso de uma onda de ascenso de lutas, que começou em 1978/1979, foi poderoso o bastante para radicalizar uma

parcela da burocracia sindical, atrair uma parcela dos líderes populares articulados pela Igreja Católica, e favorecer o reagrupamento de algumas organizações marxistas, todas com algo próximo de mil ativistas, embora na maioria jovens, para um projeto político legal comum: CS (Convergência Socialista), OSI (Organização Socialista Internacionalista), DS (Democracia Socialista), MEP (Movimento de Emancipação do Proletariado), PRC (Partido Revolucionário Comunista), entre outras menores. Essas forças criaram um partido de esquerda *sui generis* para os anos 1980: um partido operário independente da burguesia, ainda que reformista. ¹⁷⁷

Adelmo dos Santos coloca-se como alguém muito por dentro de todos os processos. Enquanto falava-se que não havia contato direto entre o MDB, a essa altura da narrativa, PMDB, e o PT em outras narrativas, Adelmo confessa que chegou a receber a visita de Teotônio Vilela em sua casa para discutir a atuação nas Diretas. Comenta ainda que estava em São Paulo quando viu o início do movimento das Diretas:

Ah... a campanha das Diretas Já! eu me lembro perfeitamente disso. Eu estava em São Paulo por acaso, no sindicato dos bancários, que era presidido pelo companheiro Luís Gushiken, e tinha um clássico: Palmeiras e São Paulo. Dezesseis horas da tarde e nós távamos em frente ao Pacaembú, mais ou menos trezentos companheiros, começando a defender as eleições diretas. E a partir daí a gente começou, foi o primeiro Partido no Brasil a ir às ruas pra defender as eleições diretas. Eu me lembro que em frente ao Pacaembu um grupo de trezentos companheiros começaram a gritar por liberdade, começaram a gritar para que a gente pudesse escolher o presidente do Brasil, governadores e prefeitos, nas capitais. (Adelmo dos Santos)

Quando a campanha começou a tomar conta do país aqui em Alagoas muitos setores ligados ao poder econômico, usineiros, latifundiários, também abraçaram essa, essa bandeira das diretas, né? Lembro perfeitamente que certo dia eu recebi a visita em casa do senador Teotônio Vilela "pai", eu era presidente do sindicato dos radialistas, pra participar de uma reunião pra gente discutir as eleições diretas. O senador Teotônio Vilela "pai" era senador pela ARENA e dizia pra nós que era preciso naquele momento unir forças para que pudéssemos sair do Estado de exceção para garantir a democracia e, não só ele, mas muitas pessoas que hoje combatem o PT naquela época se juntaram ao PT e à outras organizações para que a gente pudesse ter as eleições diretas. E aqui em Alagoas não só, mas todo o Brasil nós conseguimos esse feito que fez com que a gente hoje possa viver realmente numa democracia. (Adelmo dos Santos)

Apesar da rivalidade nos movimentos sociais de base, Adelmo admite agora a unidade das Diretas. Essa unidade é reafirmada através da elaboração de uma lista de forças e segmentos sociais presentes nas mobilizações.

¹⁷⁷ ARCARY, Valério. *O martelo da História: Ensaio sobre a urgência da revolução contemporânea*. São Paulo: Editora Sundermann. 2015 p. 162.

Olha, havia muitas forças políticas, até antagônicas... elas participaram da, da campanha das Diretas aqui em Alagoas, né. Tinha... o pessoal do PMDB, MDB na época, né?, religiosos, estudantes, líderes sindicais, líderes do movimento popular... né? companheiros que vieram do exílio na época, com a anistia, até pessoas que do setor do açúcar, pessoas do açúcar... pessoas que em 64 lutaram, lutaram contra os trabalhadores, lutaram pra derrubar João Goulart em 64, essas pessoas também estavam lutando pelas Diretas. (Adelmo dos Santos)

Geraldo de Majella corrobora com a visão de um movimento plural e dinâmico, comportando diversas forças:

A participação nas Diretas é... Como as Diretas ela tinha uma característica muito ampla, né?, e atendia a todos o espectro, ela atendia ao PCdoB, atendia ao PCB, atendia ao PT, ao PDT...ao PMDB, também, todos os partidos que estavam aqui, tinham interesse. Nesse momento das Diretas o Collor já tava no PMDB e já era Governador de Alagoas com o apoio do PCdoB, do Renan, do Djalma Falcão, do grupo majoritário do PMDB, né? O PSB tinha sido fundado saído de dentro do PMDB, Ronaldo Lessa... Então, o PMDB, o PDT, o PCB, O PCdoB, o PT, o PSB, esses partidos... eles trabalharam em conjunto nas Diretas além do papel desempenhado pela sociedade civil, os sindicatos, CUT, as outras centrais sindicais, os movimentos populares, a OAB teve um papel interessante aqui com o, acho que o presidente era o Marcelo Lavener, ou já era o Nabor Bulhões, não me recordo muito bem, mas tava entre o Marcelo Lavener e o Nabor Bulhões, a OAB teve um papel importante, inclusive a vigília da votação das Diretas do 25 de Abril de 1987, 1988, sei lá, quando aconteceu a votação da Emenda Dante de Oliveira ela, essa vigília aconteceu na porta da OAB, então foi bastante movimentada (Geraldo de Majella)

O *Jornal de Alagoas* do dia 12 de Abril de 1984 cobre a reunião dos parlamentares do PMDB para avaliar os trabalhos da campanha das Diretas no Estado e a posterior criação de um Comitê composto por diversas organizações. A matéria dá muito destaque ao peso político dos parlamentares e ativistas do PMDB:

Com maciça participação de políticos, representantes de entidades comunitárias, sindicais, estudantis e democráticas de Alagoas, além de várias personalidades, o Comitê Político Unificado do deputado Eduardo Bonfim, vereador Edberto Ticianelli e vereadora Jarede Viana realizou no último final de semana o 1º Encontro de Avaliação da ação dos três parlamentares nas lutas do povo.¹⁷⁸

A matéria segue destacando a inauguração da sala que servirá de base ao comitê. Destaca a presença de lideranças do PT e do PCdoB, como Alberto Saldanha, liderança

¹⁷⁸ *Jornal de Alagoas*. 12/04/1984

estudantil, o jornalista Ênio Lins dentre outras lideranças importantes na campanha das Diretas no Estado:

"Compareceram a abertura, entre outros, o conselheiro Geraldo Sampaio, o presidente da OAB, Macelo Lavénere, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santana do Ipanema, José Vieira, o representante da FETAG, Francisco Souza, o vice-prefeito de São Miguel, Rinaldo Soares, o presidente do PT de Alagoas, José Antônio; o jornalista Ênio Lins, representando a comissão estadual pela legalidade do PC do Brasil, o presidente da União Estadual de Estudantes de Alagoas, Alberto Saldanha, e vários outros políticos. Após a inauguração da sala, vários dos presentes usaram a palavra e houve um coquetel".¹⁷⁹

A matéria prossegue ilustrando a participação de representantes políticos do interior do Estado e encerra com a composição de uma comissão organizadora. Cremos que essa matéria é importante para visualizarmos o que aparecia para a sociedade civil como os setores sociais à frente da campanha das Diretas, suas principais lideranças:

No domingo, as atividades do Encontro de Avaliação começaram pela manhã, no auditório da Reitoria da UFAL. Além dos políticos do Comitê e outros do Interior, participaram dos trabalhos os representantes das entidades sindicais, estudantis e democráticas, e mais 71 delegados do Interior (destacando-se uma delegação de 22 operários de São Miguel dos Campos), além de caravanas dos bairros da Ponta da Terra, Tabuleiro, Ouricuri, Jacintinho, Poço, Pinheiro, Bebedouro e Vergel.¹⁸⁰

Por fim, a composição do Comitê Unificado, conforme a mesma matéria:

Assim, a partir de domingo, o Comitê Unificado passa a ser composto, além do Deputado Eduardo Bonfim e vereadores Edberto Ticianelli e Jared Viana, dos vereadores Anísio Amorim (Murici), Mirta Correia (Quebrangulo), Gabriel Correia (operário de Rio Largo), Ricardo Alves (Cajueiro), João Rosa (Palmeira dos Índios), Telmo Henrique (Porto Calvo), Zoroastro Freitas (Coqueiro Seco), Cliuton Santos (Pão de Açúcar) e Sílvio Gomes (Joaquim Gomes).¹⁸¹

Daí se vê que muitas das referências vêm do PMDB e do PCdoB, ocupando o PT um papel muito diminuto como liderança do processo no Estado. Diferentemente de em outros

¹⁷⁹ idem.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ Idem.

locais, em Alagoas o PT não aparece com grandes quadros acompanhados pela mídia impressa.

Apesar de toda a unidade, foram poucos os empresários que compuseram o movimento com efetividade e subiram aos palanques.¹⁸² Da parte da imprensa, apenas a *Folha de S. Paulo*, como jornal de grande circulação, apoiou o movimento, ainda assim quando este já se encontrava desenvolvido e controlado. Majella, porém, registra em Alagoas a participação de um importante empresário da comunicação:

"Teve um elemento aí importante que muita gente esquece mas quem tava no bastidor e é minimamente honesto haverá de reconhecer o papel desempenhado pelo empresário Geraldo Sampaio. Porque o Collor, como governador, ele apoiou, mas a TV Gazeta aqui era Globo, então a TV Gazeta não tava na campanha das Diretas. Como a Globo não estava na campanha das Diretas. Mas a TV Alagoas que acho que era SBT, o empresário Geraldo Sampaio colocou à disposição da campanha das Diretas a TV Alagoas. Então ele como empresário, do ponto de vista empresarial, não era uma boa atitude essa do ponto de vista empresarial, do ponto de vista político foi importantíssimo pra todos nós, porque você tinha programas com bastante audiência na TV Alagoas que nós íamos para a televisão fazer campanhas abertamente pelas Diretas, fazer cobertura dos comícios, entrevistar as figuras, a vinda por exemplo aqui do Tancredo Neves. O Tancredo foi recebido na casa do empresário Geraldo Sampaio. O Brizola, Arraes, todo mundo que teve aqui na campanha das Diretas tinha cobertura da TV aqui de Alagoas. Então esse é um momento em que dali a campanha, ela chegou a trinta e poucas mil pessoas, pelo cálculo daquela época, se você for pesquisar no Jornal de Alagoas, o Jornal de Alagoas, estampou manchete principal uma foto grande na primeira página do comício da Pajuçara. O comício pelas Diretas na Pajuçara. E esse comício contou com o apoio pela TV Pajuçara, de outras rádios e de todas essas organizações, e cada um dos partidos procurou mobilizar as suas lideranças, movimentos populares etc. E participar da coordenação, porque a coordenação da campanha das Diretas era suprapartidária. Um grupo muito grande que reunia na OAB, tinha a OAB como o centro da mobilização e até mesmo de concretude, a OAB como não tinha sigla partidária, nunca teve uma sigla partidária definida, tanto é que o presidente podia ter simpatia ou não por um partido ou outro mas de modo geral a constituição neutra e que tava empenhada na campanha das Diretas. Então a OAB teve um papel também muito importante nisso."(Geraldo de Majella)

Mas essa unidade não se deu sem divisões internas nos projetos e propostas para condução do movimento das Diretas. Arcary destaca três posições em disputa dentro do CNPD (Comitê Nacional Pelas Diretas): "a proposta de greve geral levantada pela CUT, a proposta de extensão de dois anos do mandato de Figueiredo apresentada por Brizola com eleições presidenciais em 1986, e a proposta de participação no Colégio Eleitoral defendida,

¹⁸² Cf. ARCARY, Valério. *O martelo da história: ensaios sobre a urgência da revolução contemporânea*. São Paulo: Editora Sundermann. 2015 p. 165.

finalmente, por Ulisses Guimarães, Franco Montoro e Tancredo Neves."¹⁸³ Tais posições refletiriam as pressões sociais e deslocamentos ocorrendo na base do movimento.

Essa divisão ganhou as ruas, espaços de comunicação e instrumentos de todas as classes e segmentos políticos. Na *Gazeta de Alagoas* de 10 de Abril de 1984 é publicada matéria em que o Vereador Lamenha Marreco desafia o PCB e o PCdoB e acusa os partidos de usurparem o caráter original das Diretas. Segundo a liderança alinhada ao regime estes partidos teriam mudado o caráter das manifestações para algo mais próximo a ideais socialistas, instando os comunistas a construir suas próprias mobilizações:

não participei das manifestações das Diretas porque os comunistas tomaram 'bigú' no que não dizia respeito a eles". Esta declaração foi feita pelo vereador Jorge Lamenha Marreco, quando perguntado sobre a sua ausência dos comícios promovidos pela oposição neste Estado a favor das eleições diretas para presidente da República. Marreco, continuando em sua resposta, faz um desafio aos membros do Partido Comunista em Alagoas: 'que façam um comício comunista, pedindo a legalização do seu partido, para testar o prestígio nesse Estado'.¹⁸⁴

O PT não foi poupado da indignação de Marreco. Continuando a diatribe, o parlamentar atacou o que ele chamou de partido trabalhista:

Sou a favor das Diretas, esta é uma causa que devemos defender', afirma o edil, que se declara contrário a uma paralisação nacional para que todos possam acompanhar a votação da emenda Dante de Oliveira. 'O Partido Trabalhista não deveria ter cogitado isto. Um partido dos trabalhadores não poderia pedir para que os trabalhadores parassem suas atividades. O país já tem muitos feriados e satisfeitos; isto custa muito à uma nação.'¹⁸⁵

Sem dúvida este não é um ataque isolado, dentro da imprensa de todo o Brasil, à proposta de greve geral do Partido dos Trabalhadores. Na mesma edição do jornal há outros pequenos ataques. Em uma pequena nota, da seção "Registro", nota essa intitulada "Recuo", consta a seguinte mensagem:

¹⁸³ ARCARY. p. 167

¹⁸⁴ *Gazeta de Alagoas*. 10/04/1984

¹⁸⁵ *idem*.

O recuo dos subversivos e inocentes úteis que pretendiam promover uma greve geral no país, no dia da votação da emenda das Diretas, confirmam antigo dito popular nordestino: 'não há boi ladrão, há cerca frouxa'.¹⁸⁶

Na véspera do dia da votação ocorreu uma grande manifestação pelas Diretas na cidade de Maceió. O jornal *Gazeta de Alagoas* do dia 24 cobriu a chegada de caravanas de mais de 35 municípios de todo o Estado para a manifestação com participação popular e de diversas instituições, como a Universidade Federal de Alagoas, que prometeu a passagem da "tocha acadêmica" e outras intervenções:

'Essa será sem dúvida a maior festa cívica já ocorrida em Alagoas', garantiram Messias de Souza e Eduardo Davino, coordenadores do Movimento Teotônio Vilela, sobre a passeata pró-diretas que será realizada hoje às 16 horas. É pra dar um exemplo do êxito que a iniciativa pode alcançar, eles afirmaram que '35 municípios do Estado já confirmaram que estarão presentes ao ato, com grandes caravanas'.¹⁸⁷

A matéria prossegue afirmando a presença de associações de direitos humanos, sindicatos e outras entidades, como um atestado do caráter plural do movimento.

No dia seguinte, a cobertura da manifestação afirma a presença de mais de vinte mil manifestantes, que caminharam por mais de 4 horas ao longo das ruas do Centro da Cidade, muito apoiados pela população nos prédios que os recebia com chuvas de papel picado. Os comerciantes fecharam mais cedo seus estabelecimentos, o trânsito da cidade, conforme a matéria, foi modificado para facilitar o acesso á manifestação e até mesmo alguns ônibus circularam gratuitamente. Ao final, o ato concentrou-se na frente da Assembleia Legislativa, que teve as suas atividades encerradas mais cedo.¹⁸⁸

Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos eleger o presidente do Brasil.' Estas foram as palavras de ordem que explodiram da boca de mais de 20 mil pessoas que participaram da passeata, realizada ontem a favor das eleições diretas para presidente já. Acompanhados de longe por policiais da Polícia Civil do Estado, os manifestantes percorreram diversas ruas do centro de Maceió, exibindo centenas de cartazes e faixas pedindo a aprovação da Emenda Dante de Oliveira.

Os estudantes do curso de Arquitetura da Universidade Federal de Alagoas surgiram no meio da multidão conduzindo o que eles denominaram de 'o minhocão das diretas', nas cores verde e amarelo.¹⁸⁹

¹⁸⁶ idem.

¹⁸⁷ *Gazeta de Alagoas*. 24/04/1984

¹⁸⁸ *Gazeta de Alagoas*. 25/04/1984.

¹⁸⁹ idem.

O *Jornal de Alagoas* também cobriu a manifestação do dia 24. Entrevistando a liderança política de Eduardo Bonfim, cobrindo mais uma vez a manifestação ressaltando a pluralidade de setores da sociedade civil e contribuindo para construção de um forte sentimento de unidade cívica, a matéria também coloca as figuras do PMDB/PCdoB como centro político. A matéria também cobre algumas das palavras de ordem utilizadas na passeata:

Caravanas de várias cidades demonstravam a participação e interesse do povo do Interior em favor das diretas já, cuja emenda definindo seu restabelecimento será votada hoje, na Câmara Federal, num clima de grande expectativa dos políticos, autoridades governamentais e de praticamente todos os brasileiros.-- Queremos escolher nosso presidente... Chega de autoritarismo... Temos o direito de participar das decisões do nosso país... A hora é esta, vamos mostrar nossa força, união e dever cívico de defender os interesses nacionais... Democracia e participação... É isto que queremos... O país não pode ser entregue a um pequeno grupinho, somos uma Nação...

"Frases como essas e muitas outras eram vistas em cartazes, faixas ou mesmo cantadas em forma de corinho durante o percurso da maior manifestação pública dos últimos tempos em Maceió. A passeata, como estava prevista, teve como local de concentração a Praça Montepio, na sede da OAB-Alagoas.¹⁹⁰

As manifestações terminaram com um acordo que derrotou a Emenda Dante Oliveira. O PT se retirou do colégio eleitoral e o governo Figueiredo, mesmo politicamente derrotado, manteve-se no poder, embora combalido. A transição efetivou-se de maneira negociada, mantendo muito do antigo regime ainda sobrevivente dentro do acordo político surgido para o pós-ditadura.

3.8 O BALANÇO POLÍTICO DA CAMPANHA DAS DIRETAS JÁ!

O resultado da construção da campanha das Diretas foi, para a esquerda, a possibilidade de crescer no Estado, derrotar o regime e abrir espaço político para tirar a ARENA do poder. Ricardo Coelho fala que o resultado eleitoral imediato à campanha das Diretas foi a chegada ao poder, no âmbito estadual, do PMDB:

¹⁹⁰ *Jornal de Alagoas*. 25/04/1984.

Ela foi, foi importante, ela foi, teve um impacto importante. Inclusive ela criou bases para que o PMDB lançasse candidato a governador na eleição de 86. O PMDB tava fortalecendo para lançar ou o Zé Costa ou o Moura quando ele foi tomado pelo Fernando Collor. Fernando Collor entrou no PMDB no final de 85 e foi candidato em 86. Mas eu acho que o grande impacto da campanha das Diretas aqui em Alagoas foi exatamente fortalecer esse campo do PMDB. Nós ficamos muito à deriva e o, naquele momento Ronaldo Lessa surgia como uma força importante, ele era Deputado Estadual e ele tinha um projeto político mais... mais majoritário e ele se lançou governador e nós tivemos que entrar, o PT foi apoiá-lo porque o PT não tinha força para lançar um candidato a governador aqui. (Ricardo Coelho)

Essa identificação entre crescimento nacional e crescimento local do PT, que aparece também em outras falas, reaparece aqui. Ainda seguindo a fala de Ricardo Coelho, vemos uma avaliação do crescimento petista após a atuação do Partido nas Diretas. O PT encerra os anos 1980 como uma força política real no Estado, capaz de entrar na disputa pelo poder:

Cresceu, o PT cresceu. O PT começou a ter visibilidade. O PT participou da campanha das Diretas, o PT ganhou, a gente ganhou a eleição do DCE aqui, a gente conseguiu organizar alguns sindicatos mais importantes como o sindicato dos químicos, a gente cresceu na nossa base social lá nos urbanitários, e então a gente teve um crescimento significativo, a CUT ajudou muito também, o surgimento da CUT foi 83 e a organização da CUT aqui... Então em 86 nós já estamos legalizados, nós participamos das eleições com candidatos a Deputado Federal, à Deputado Estadual... apoiamos o Ronaldo Lessa para governador. Não disputamos as eleições majoritárias, mas a nossa participação nas eleições de 86 já foi uma participação mais importante. Nós tivemos um candidato à Deputado Federal chamado Fernando Parreiros, que foi um candidato que vinha da igreja, movimento da igreja, teve uma participação significativa. Lançamos cinco candidatos à Deputado Estadual, o mais votado foi um rapaz da... do movimento agrário de Craíbas o Florisval, que teve 1.900 votos, e eu tive, eu fui candidato a Deputado Estadual naquela eleição e eu tive 1.860 votos, bem próximo dele. Então nós podíamos ter eleito um Deputado Federal, por quê? Porque, Estadual aliás, porque a nossa coligação ela teve um puxador de votos muito forte que foi o Sabino Romariz que era do PDT e nós ficamos na segunda suplência. O Florisval ficou na segunda e eu fiquei na terceira suplência com a diferença pequena nós poderíamos ter eleito um Deputado Estadual naquela eleição já. (Ricardo Coelho)

Esse crescimento local tem direta relação com a moralização nacional pela qual passava o Partido. Para Valério Arcary esse fortalecimento do PT deve-se também à ousadia e intransigência da oposição feita à ditadura, através também da CUT e da proposta de ações radicalizadas, o que valeu um aumento de seu peso político:

Foi no calor dos noventa dias de luta que o PT (Partido dos Trabalhadores), a CUT (Central Única dos Trabalhadores) e Lula conseguiram aumentar sua audiência e credibilidade política. E foi porque o PT decidiu não esperar mais e tomou a iniciativa de ir para as ruas, em 27 novembro de 1983 no Pacaembu, em São Paulo

(reunindo cerca de 25 mil militantes), que o governador Montoro, temendo ser ultrapassado pela esquerda, tomou a iniciativa de chamar o primeiro comício para o dia 25 de janeiro de 1984.¹⁹¹

Em um cenário de inflação de mais de 100% ao ano, o núcleo paulista do MDB comandado por Ulysses e Montoro responde à iniciativa do PT e convoca o povo para as ruas. A presença massiva -- ao todo contabilizaram-se 5 milhões de pessoas nas ruas de todo o país -- surpreendeu a todos. Acentuou-se também aí sua divisão.

Vemos que as Diretas funcionam para todos os entrevistados como um marco. A partir daí o PT começa a ser uma força política de respeito no Estado. Tutmés Airam concorda que as Diretas foram uma campanha política importantíssima para a consolidação do PT. Sua avaliação é que a pauta, por ser ampla e capaz de aglutinar diversos interesses políticos, facilitou o fortalecimento da esquerda:

É... Bom, eu diria que foi um... era um movimento assim... plural, né? Plural, aglutinou muita gente, inclusive gente que não era nem de esquerda, meramente, vamos dizer, democrática, né? Porque era um pleito muito simpático, né?, não era difícil, é, você convencer as pessoas que... que as diretas era alguma coisa, assim, muito razoável, né? Então uma coisa que contagiou muito... As reuniões eram sempre muito amplas, muito... muito... muito entusiasmadas, né? Porque a coisa foi ganhando um volume tal que contagiava a todos, né? E nós fomos... Eu me lembro que no dia, no dia lá da aprovação, da desaprovação das diretas nós fizemos um ato na porta da antiga ordem dos advogados do Brasil, né?, isso todos nós unidos, carro de som, enfim, transmitindo ao vivo, a sessão, ouvindo lá o voto dos senhores deputados, né? E havia assim, é, muita esperança, mas uma esperança que era ao mesmo tempo, eu diria que uma esperança meio cética, né? Porque se fazia as contas e se percebia que talvez não desse pra passar, né? E foi efetivamente o que aconteceu... Muita tristeza, muita gente chorou, foi, assim, no final foi um desalento, né? Mas, é, acho que foi uma coisa muito boa porque unificou todo mundo, né? Acho que o movimento democrático-popular saiu, se fortaleceu muito, não é? Tanto que isso acabou sendo, assim, um divisor de águas na eleição municipal que veio, né? Que foi a eleição que, surpreendendo todo mundo, né?, que efetivamente não era assim, o candidato favorito, né? Surpreendendo todo mundo, o Ronaldo Lessa ganhou a eleição, né? Na eleição de dois candidatos fortes, a eleição do Téo Vilela e entrou o Zé Bernardes. E aí, é... a câmara também municipal deu um salto de qualidade enorme, não é? Muita gente boa, né?, sendo vereador. E isso permitiu que o PT ganhasse uma outra dimensão no Estado, né?, porque nós tivemos a candidata a vice-prefeito que acabou sendo assim um destaque absoluto na campanha, pela performance dela, né? Performance pessoal muito boa, né?(Ricardo Coelho)

¹⁹¹ ARCARY, Valério. *O martelo da história: ensaios sobre a urgência da revolução contemporânea*. São Paulo: Editora Sundermann. 2015 p. 166.

Mais uma vez, ressalta-se o crescimento do Partido a partir dos anos 1990. Em quase todas as falas destaca-se a atuação do Partido após a década de 1980. No caso específico aqui, a atuação de Heloísa Helena¹⁹². É como se fosse ponto comum que o Partido tivesse dado um salto representativo após a década de 1980.

Tutmés assinala que o crescimento após o movimento das Diretas se deu acompanhando o movimento de crescimento que o Partido teve no país inteiro, acompanhando o espaço de um cenário nacional mais aberto e propício ao crescimento da esquerda, em sua visão:

Foi. Foi a partir daí. A partir daí. E a gente aqui também coincidindo com o crescimento e a consolidação do PT no Brasil como um todo, né? E aí vieram as célebres campanhas do Lula, né? A mais bonita delas que foi a de 88, né? Foi uma campanha belíssima, né? Os comícios eram, assim, coisas emocionantes, não é? E já naquela época, não é, vamos dizer, há alguma coisa que surgia de novo no horizonte político, né? Irradiou o Brasil todo, né? Crescemos nacionalmente e crescemos aqui, né? E deixamos de ser uma coisa de alguns poucos, né? Idealistas, né? Pra ser realmente uma legenda que também em Alagoas teve que ser uma legenda levada a sério, né? Protagonista da cena política, né? Então é isso. As diretas possibilitaram esse salto de qualidade. (Tutmés Airam)

O discurso de Tutmés e de Ricardo joga para a década de 1990 o crescimento petista. Esse crescimento é exemplificado com o aumento das possibilidades eleitorais. A partir das Diretas, o PT assume a forma que viria a adquirir ao longo dos anos 1990, entrando de vez nas disputas. Também é a partir daí que o PT começa a metamorfosear-se em direção ao espírito do Anhembi mencionado por André Singer. O PT entraria em uma nova fase, uma fase mais flexível, taticamente, até entrar no comando do Estado, em 2002.

Alice Anabuki, com discurso mais alinhado às críticas comumente feitas pela esquerda do PT, assinala que esse crescimento se deu, em sua opinião, com o progressivo abandono das bases programáticas que geraram a fundação do Partido dos Trabalhadores:

¹⁹² Professora da Universidade Federal de Alagoas, foi dirigente política do Partido dos Trabalhadores no Estado. Ocupou a vice-prefeitura no mandato de Ronaldo Lessa (1992-1996), foi Deputada Federal, candidata à Prefeita de Maceió. Senadora e uma das lideranças políticas do Movimento do 17 de Julho, contra o Governo Suruagy. Posteriormente rompeu com o PT e ajudou a fundar o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), no qual concorreu à Presidência da República. Atualmente compõe, juntamente com outras lideranças dissidentes do PT, Como Marina Silva, A Rede Sustentabilidade (REDE).

Cresceu muito! Se bem que eu também passei praticamente oito anos fora logo depois. Eu fui fazer o mestrado, e... logo em seguida fiz o doutorado... militei em São Paulo nessa época. E nesse período, quando eu voltei do doutorado, né, depois de sete, oito anos, o PT já tinha... já tinha mudado bastante a sua composição social. E... não só localmente, regionalmente, mas no plano nacional o PT, com a participação das campanhas presidenciais, a... esse programa classista, a... a insígnia da, do governo dos trabalhadores ele já haviam sido abandonados... sabe? Já se insinuava com bastante força uma política de alianças com outros Partidos, mais... eu não posso lhe falar desse período que me ausentei. E quando eu voltei não tive interesse... aliás, já em 93, nas campanhas, acho que era a segunda campanha pra presidente, eu já achava que o PT se distanciava das suas origens programáticas. (Alice Anabuki)

Mais uma vez, o enquadramento da memória de um PT das origens. A avaliação de Alice a respeito da experiência é petista, embora ela pontue que há o esfacelamento do projeto original, em sua visão, sob as bases do projeto implementado pela Articulação:

Eu acho que foi extremamente positivo, porque foi um Partido com base social, coisa que não havia Partido com a base social como o PT teve. É... ele teve um, um viés classista muito positivo também. Ele também tinha uma política de organização pela base que era a política de nucleação. Isso foi uma experiência muito boa para organizar a militância. E também uma referência na independência de classe inclusive nas campanhas eleitorais, no... nas insígnias de um governo dos trabalhadores. Nesse sentido o PT, ele... ele gerou expectativas muito positivas, tanto que também várias correntes da esquerda também se integraram no PT. Mas... o esfacelamento das correntes de esquerda criou o paradoxo que foi o fortalecimento da Articulação, né? Nessa aproximação de uma visão mais social-democrata, de uma visão mais eleitoreira, parlamentar... o PT criou expectativa também para esses setores. Classista, mas ainda elegendo o campo parlamentar como prioridade nas lutas, nas conquistas... mas foi um embate, o tempo todo era um embate interno. Então nesse sentido ele foi positivo. Foi um Partido com um viés de esquerda capaz de articular a esquerda radical, revolucionária, reformista, e... com uma prática de organização pela base, acho que esse foi o grande mérito do PT. Mas com calendário eleitoral da democracia representativa, isso jogou o PT pro espaço, eu acho. O PT foi obrigado, pra alcançar cadeiras no parlamento ele foi obrigado a se abrir. E no que ele se abria pros... pros oportunistas, pros eleitores, ah!, o programa também ia pro espaço, claro. Mas aí depois do período que me afastei não posso lhe dizer, militei mais em São Paulo (). (Alice Anabuki)

Adelmo dos Santos nota que mesmo o anticomunismo que havia sido apontado arrefecera, diante do crescimento do Partido, quando perguntado se as Diretas haviam atrapalhado ou ajudado a construção do Partido:

Não, pelo contrário, ajudou muito, né? O PT com as Diretas, nós começamos a ter... aí já não havia mais aquela perseguição no interior do Estado pra fundar um Partido político, né? Antes já tinha... As pessoas já aceitavam o PT como um Partido político, antes era o Partido da besta-fera, antes a gente ia mudar a bandeira do

Brasil, como eles dizem hoje... antes a gente ia tomar terras de quem tinha pra dar aos trabalhadores, eles diziam que quem tinha duas casas a gente ia tomar uma e ia ficava com... com, com, com o Partido... tudo isso eles pegavam, né?, com as lutas das Diretas, já o quadro já começou a melhorar e aí começou a ter um pouco de inserção no movimento, principalmente no interior do Estado. (Adelmo dos Santos)

Percebemos então que, ainda que com eventuais discordâncias, todos os entrevistados concordam com o impacto da campanha das Diretas e sua importância para a construção local do PT. É como se o evento operasse, na memória política de todos, como um verdadeiro marco da construção do Partido no território alagoano. Somente a partir da intervenção nas Diretas o PT veria uma alteração na sua inserção política e maior crescimento.

A partir das narrativas, podemos concluir que para os entrevistados é indubitável que o PT cresce politicamente após a atuação na campanha pela aprovação da Emenda Dante de Oliveira, ao passo que entra de vez no jogo eleitoral, sendo uma força política de peso considerável na sociedade alagoana. O debate classista, no entanto, é abandonado. Abra-se a visão voltada para a disputa eleitoral após a hegemonia da Articulação nos debates internos.

O PT, com as Diretas, consegue se firmar no debate político local. Constrói para si um espaço de maior inserção através do sindicalismo e o fortalecimento da CUT, fortalecimento esse muito preenchido pelo sindicalismo do funcionalismo público, bem como as participações eleitorais, que vão aumentar o peso político do PT no Estado. As Diretas representam não só um acontecimento de memória na identidade política do PT, mas são realmente um ponto de virada na força política da organização no Estado. Amparada pelo desenvolvimento nacional do Partido, o PT encerrará os anos 1980 com uma nova localização política, capaz de disputar a presidência em 1989 e entrando os anos 1990 como uma força real no Estado de Alagoas.

4 CAPÍTULO 4 - AS ELEIÇÕES DE 1989.

Cumpra mais uma vez retornarmos ao tema da transição para melhor compreendermos o significado das eleições de 1989. Como primeiro espaço de disputa política para o executivo depois de décadas, é importante entender como se pavimentou o caminho para a arena em que, no segundo turno, encontravam-se Collor e Lula.

Para autores como Codato, a política de transição foi iniciada pelos militares, e não pelo movimento de massas. Tendo as forças populares contribuído apenas na aceleração dos acontecimentos, no seu desenvolvimento e não exatamente na sua origem, o autor também observa que os militares iniciaram essa transição mais por conta de disputas e interesses internos do que por súbito surto democrático.¹⁹³

Estes conflitos teriam se agudizado, para o autor, com a volta ao poder de uma facção até então marginalizada desde o período de Costa e Silva à frente do executivo. Este retorno ao centro político ocorreu em 1974, com Geisel. O agrupamento teria então estabelecido como grandes tarefas a estabilização do regime, afastando os setores repressivos das decisões executivas, afastando esses setores da política global; igualmente, teria esse setor assumido como tarefa uma maior estabilização do regime, através de uma maior liberalização das instituições. O objetivo, aqui deixando claro, não seria instaurar uma forte democracia no país, mas apenas um regime mais estável e com menos sobressaltos, maior controle dos movimentos e da população, nos dizeres de Codato, "tornar a ditadura menos conservadora politicamente."¹⁹⁴

De acordo com essa leitura, o período que vai da Campanha das Diretas até as eleições de 1989, passando pela nova Constituinte e pela eleição indireta via Colégio Eleitoral, instauraria o que ficou conhecido como Nova República. Esse é o momento em que o PT se fortalece em todo o Brasil como Partido político.

A partir dessa leitura, o autor conclui que o que se forma no Brasil é um regime onde as Forças Armadas ainda conservam muito poder e influência no aparato estatal. Tanto é assim que, derrotada a proposta de transição trazida no bojo do debate da Emenda Dante de

¹⁹³ CORDATO, Adriano. *Uma história política da transição brasileira: da ditadura à democracia*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n25/31113.pdf>. Acessado em 07/10/2016

¹⁹⁴ idem.

Oliveira, situação e oposição ao regime estabelecem uma conciliação e montam o novo governo, com o beneplácito das FFAA:

"Os militares não transferiram todo o poder ao partido do governo (Arena, depois PDS). Eles conservaram posições estratégicas no aparelho do Estado e sua capacidade de vetar certas iniciativas dos políticos civis em temas constitucionais e institucionais, como se viu na década de 1980 (a comparação com o caso argentino fala por si). A conciliação promovida pela elite política foi tão ampla que, uma vez derrotada a alternativa para a transformação do modelo político pela via eleitoral, em 1984, tanto representantes do regime quanto opositores do regime formaram o primeiro governo civil, após a aprovação das Forças Armadas"¹⁹⁵

A "política de abertura" consistiria então em um processo de liberalização de regime, de maior espaço político, mas não necessariamente de fim do Regime Militar e instauração de uma plena democracia. Não estava inscrito no plano dos militares, não necessariamente dada a instituição de um governo democrático.¹⁹⁶

O culminar dessa transição seria o Governo Sarney (1985-1990), no caso um governo que, ainda que representado por um político da sociedade civil, mantinha os traços autoritários. Este cumpriu então a função de ocultar o autoritarismo e transitar com mão de ferro para uma democracia anti-popular e com ainda muitas marcas de rejeição à participação das classes mais baixas.

Com a derrota da Emenda Dante de Oliveira, o debate desloca-se para o Colégio Eleitoral. A figura de Tancredo Neves cresce no período. Enquanto Ulysses Guimarães, líder das caravanas pela democracia, era celebrado como um político que apostava nos comícios e manifestações de massa, Tancredo se fortalecia como um político bom de negociação e capaz de fazer escolhas corretas. E foi assim, buscando alianças e aproveitando-se de brechas no PDS, que Tancredo derrotou Maluf -- seu desastrosos rival, envolvido em escândalos de corrupção por sua passagem na administração de São Paulo e atual Deputado Federal -- na disputa das eleições indiretas.¹⁹⁷ Tancredo angariou o apoio de Geisel, criou o Partido da Frente Liberal (PFL), dividindo o PDS e organizou a Aliança Democrática, profunda frente política que englobava de trabalhistas do PTB à comunistas do PCB. Não teve o apoio do PT na vitória de 480 à 180 votos contra Maluf.

¹⁹⁵ idem.p.10.

¹⁹⁶ Ainda de acordo com Cordato, é curioso que essa transição se dê com um fortalecimento do executivo e com acréscimos de autoritarismo, onde a demissão do ministro do Exército Sylvio Frota funcionou como lance político decisivo. Cordato, idem.

¹⁹⁷ Cf. SCHWARZ. Lília. & STARLING, Heloísa Murgel. *Brasil: Uma Biografia*. São Paulo: Companhia das letras. 2015. p.606

Por ironia da política, Tancredo piorou gravemente de saúde e faleceu abruptamente, após internação. Seu sucessor foi José Sarney, político oriundo de velhas oligarquias do Nordeste, imagem também atrelada ao pior do regime militar: autoritarismo, truculência, mandonismo, patrimonialismo e atraso político. Mas foi no seu governo, não por seus méritos, que foi promulgada a Constituição mais emblemática desse período da democracia brasileira, a chamada Constituição Cidadã.¹⁹⁸ Embora guarde contradições -- manutenção da estrutura fundiária desigual, autonomia relativa dos militares em diversas questões problemáticas, dentre outros -- o legado mais regressivo de todo este debate foi sem dúvidas a divisão do PMDB em duas alas, uma delas compondo um grande centro político que estabeleceria relação fisiológica com o regime de tão forte alçada que chegou a receber o nome de "Pemedebismo"¹⁹⁹. O PMDB tornou-se o grande fiel da balança de todos os governos posteriores, sempre estando na situação política e garantindo a famigerada governabilidade aos presidentes eleitos, o que acarretava um círculo de vícios, trocas de favores, negociação de cargos e ministérios e apoderação da máquina pública de maneira burocrática e retrógrada. É aí que se efetiva o que Marcos Nobre define como Pemedebismo:

" A característica mais geral dessa correlação de forças pemedebista da década de 1980 é sua orientação para impedir transformações profundas, especialmente em um momento em que uma reorientação radical do padrão de sociedade do país se impunha. Em um modelo político como esse, leva a melhor quem tem maior poder de veto, o que inclui posições estratégicas sólidas, encasteladas no Estado, ocupação eficiente da mídia, com colonização do debate público, poder de fogo para chantagear a política pública do momento, ou uma combinação desses elementos.

Essa é figura primeira do pemedebismo, aquela consolidada na década de 1980: uma cultura política dotada de mecanismos de administração de conflitos que, dado seu peculiar sistema de vetos, se caracteriza por travar mudanças profundas, mesmo que tenham se tornado urgentes, prementes em vista de problemas estruturais postos a descoberto. Também o processo constituinte e o próprio texto constitucional resultante espelham à sua maneira a cristalização dessa dominância pemedebista. Se, a partir dos anos 2000, com todas as transformações legislativas e de interpretação jurídica por que passou, a Constituição Federal de 1988 terminou por se tornar base e referência para um novo modelo de sociedade, diferente do nacional-desenvolvimentismo, essa não foi a visão que predominou no momento de sua promulgação. Ao ser promulgada, a Constituição Federal de 1988 não se apresentou primeiramente como uma saída para os impasses de um nacional desenvolvimentismo já caduco, mas antes como sua cristalização.

O texto constitucional foi, a princípio, o resultado do brutal descompasso entre um sistema político elitista e conservador e uma maciça, variada, inédita e organizada mobilização popular, nos anos 1980, especialmente visível no período da

¹⁹⁸ Com mais de 250 artigos, foi a maior constituição da história do país até aqui, arregimentando para a sua discussão figuras fundamentais da política brasileira como Plínio de Arruda Sampaio, Lula, José Serra, Fernando Henrique Cardoso, dentre outros. Cf. idem. p. 610

¹⁹⁹ NOBRE, Marcos. Imobilismo em movimento: Da abertura democrática ao Governo Dilma. São Paulo: Companhia das letras. 2015. p.20

Constituinte. O emblema do pemedebismo dominante no período constituinte foi o chamado Centrão, enorme bloco suprapartidário que, de fato, determinou como nenhum outro o processo e seu resultado final. Essa é a primeira figura consolidada do pemedebismo tal como se constituiu na década de 1980."²⁰⁰

É aí que se mantém o nó da dominação política. Esse Centrão cumprirá o papel de manutenção das forças que comungam da construção de um novo pacto político de dominação. As reivindicações populares se verão órfãs até a consolidação do PT como representante de um polo dessas lutas e demandas das classes subalternas:

"Na ausência de um polo com legitimidade e respaldo para concentrar e unificar as novas reivindicações populares sob a homogeneidade de um programa político coerente — como veio a ser o pt (Partido dos Trabalhadores) após a eleição de 1989 —, o processo constituinte sob a égide do pmdb e do Centrão impôs-se à fragmentação das reivindicações de transformação. Na ausência de um programa político unificado no campo popular e com a dominância da fragmentação hierarquizada do pmdb, o objetivo primordial de cada movimento social passou a ser conseguir inserir no texto constitucional o tema que lhe concernia mais diretamente, sozinho ou em aliança heterogênea com outros grupos. Mas, de qualquer maneira, em uma lógica bastante fragmentária."²⁰¹

Lincoln Secco também irá tecer comentário de tom crítico ao formado "Centrão". No entanto, reconhecerá que apesar do caráter conservador da maioria de seus parlamentares a Assembleia Constituinte, acuada pela pressão política dos movimentos sociais mobilizados na época, terminará por aprovar uma Constituição com alguns poucos momentos abertos aos anseios populares e com pontos que significam vitórias das lutas dos anos 1980, apesar de manter os traços de autoritarismo do período ainda não totalmente findado:

"A Assembleia Nacional Constituinte galvanizou as esperanças radicais da sociedade que se viram canalizadas institucionalmente por uma constituinte congressual e não exclusiva. A formação do 'centrão', grupo majoritário de deputados que resistiam às mudanças, acabou por criar uma Constituição que, entre outras mazelas, manteve a tutela militar sobre o poder civil."²⁰²

4.1 O EMBATE LULA X COLLOR E O PAPEL DA MÍDIA

As eleições de 1989 também foram importantes por marcar, a nível da disputa para o executivo federal, a entrada de um novo instrumento político: a televisão. A mídia operou

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ Idem.

²⁰² SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Ateliê editora. 201. p. 128.

com todas as forças para demonizar a candidatura de Luís Inácio. A Rede Globo utilizou, às vésperas do segundo turno a imagem de uma ex-namorada de Lula, acusando-o de supostamente ter a incitado a praticar um aborto. A notícia, em um Brasil recém saído de um período militar, caiu com uma bomba. No meio do pacote ainda houve a escandalosa manipulação do debate realizada pela Rede Globo e o sequestro do empresário Abílio Diniz por um grupo guerrilheiro que -- misteriosamente -- apareceu diante das câmeras trajando camisetas do Partido dos Trabalhadores.²⁰³

A Rede Globo foi durante todo o período uma aliada do Regime Militar. Apoiada pelas Forças Armadas, a emissora pode crescer seu império de comunicação e estabelecer-se como uma presença cativa no lar dos Brasileiros. Seus noticiários, onde o Jornal Nacional figura como maior expoente, tornaram-se elementos decisivos em debates políticos. Nas eleições de 1989, primeiras eleições para presidente desde a década de 1960, os brasileiros conviveram com a presença e a influência ideológica da emissora da família Marinho. Manipulações de debates, antecipações, estáticas posteriormente desmentidas tornaram-se corriqueiras ao longo da campanha.²⁰⁴

A presença da Rede Globo como elemento fundamental do debate político só aumentou a medida que se aproximava a votação do segundo turno. Lula e Collor tiveram sua imagem e personalidade exaustivamente exploradas pela mídia. Avelar aponta dados sobre a cobertura da mídia na acirrada campanha de segundo turno:

" A intensificação da cobertura pela TV foi crescente: em 06/12/89, entre as eleições de primeiro e segundo turnos, uma pesquisa divulgou os seguintes números: "a Rede Globo, pelo Jornal Nacional, dedica 87% do seu noticiário político à sucessão. O Jornal da Rede Manchete, 92%, e o Jornal Bandeirantes, 92%". Estes números vieram acompanhados de uma grande controvérsia sobre o modo como as redes de televisão dão maior espaço a um candidato ou outro. Um relatório da DENTEL (Departamento Nacional de Telecomunicações), divulgado em 08/12/89, aponta o favoritismo da Rede Globo para Fernando Collor de Mello: ele teria 78,55% mais tempo de divulgação no noticiário político, se comparado ao do seu concorrente Lula, no período de 27/11 a 06/12/89. No programa "Eleições 89", por exemplo, transmitido pela Globo, em 03/12/89, Collor foi contemplado com um tempo de 22 minutos e 2 segundos, e Lula, nada"²⁰⁵

²⁰³ Cf. AVELAR. Lúcia. *As eleições na era da televisão*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v32n4/a05v32n4.pdf>. p.2. Acessado dia 07/10/2016.

²⁰⁴ " Nas campanhas eleitorais durante a transição política, seu papel foi em alguns momentos dramático, em vista da pretensão de substituir a apuração oficial dos votos, transmitindo os resultados de equipes da televisão contratadas para trabalharem no âmbito das juntas apuradoras, adiantando-se aos resultados finais e que necessariamente não coincidiam. Nestas ocasiões, ela teve de se retrair e se recompor quanto ao seu real papel de transmissora dos resultados finais." Avelar. Idem. p. 8

²⁰⁵ idem. p.9

É difícil delimitar se o perfil das coberturas eleitorais feitos pela mídia, em especial Rede Globo, foram imparciais ou favoreceram algum candidato. O que ficou marcado no debate público posterior às eleições foi o que ficou considerado como uma manipulação por parte da emissora da família Marinho das imagens do debate final no segundo turno. De qualquer forma, o elemento da imagem foi largamente explorado por ambos os candidatos. Lula, como candidato vinculado ao movimento sindical e com larga experiência de trato e diálogo com a população mais humilde teve reconhecida desenvoltura frente às câmeras.²⁰⁶ Collor, por sua vez, através de assessoria especializada desenvolveu também sua imagem de gestor e homem de sensibilidade, através de slogans e frases de efeito que apelavam para a emoção dos eleitores. Mais do que a importância atribuída a temas que eram sem dúvidas parte das preocupações dos brasileiros, como a inflação, o preço dos alimentos, o desemprego, a dívida pública, dentre outros, o que funcionava como eixo ordenador dos debates era a disputa por uma imagem pública de estadista equilibrado e capaz de resolver os problemas. Os candidatos tornavam-se então imagens. Suas atribuições pessoais, sua capacidade de falar com intimidade e segurança com a população ganhavam o centro do debate político. Collor vendia a imagem de "caçador de marajás"; Lula, a de representante dos povos subalternos dentro do embate de classes que atravessava o país. Estas imagens representavam interesses políticos maiores e mais profundos, evidentemente. Collor, o gestor neoliberal, prometendo aumentos exponenciais do salário mínimo através do enxugamento da máquina pública, extirpação da corrupção, eficiência como gestor e afastamento de figuras como Sarney e outros elementos que considerava ligados à "velha política". Com essa postura Collor acenava para uma nova elite econômica, a elite do capital financeiro, dos interesses privatizantes, das novas doutrinas econômicas afastando-se dos ideais estatistas do período militar; Lula, como representante dos trabalhadores, também buscava se afastar de velhas imagens, no seu caso da esquerda e de velhos ideais comunistas. Seu discurso valorizava o vocabulário da cidadania e responsabilidade social, justiça e equanimidade, afastando-se da iconografia comunista soviética, mas principalmente afastando-se também dos ideais estatistas do regime militar, entulho do qual Collor também fazia questão de se desvencilhar, embora estivesse irrepreensivelmente ligado devido a trajetória política inicial, como prefeito de Maceió indicado pelos militares, dentre outros cargos públicos.

²⁰⁶ idem. p. 10.

O fato é que Fernando Collor ganhava os holofotes da política nacional como o salvador que a população precisava. Vinda de sucessivas decepções e do fracasso do planos Cruzado I e II, com a hiperinflação batendo a porta de todos os brasileiros, seu discurso de "caçador de marajás e as promessas de colocar a economia em ordem cativaram a maioria dos eleitores, caracterizados pelo próprio candidato como a "nação de descamisados". O fato é que seu discurso sobre os "marajás" era na verdade uma hipérbole oportunista para imputar aos funcionários públicos e servidores a conta da crise econômica. Uma forma espalhafatosa de mostrar um pendor maior para a iniciativa privada.

Mas não foi só na política nacional que Collor teve empurrões da mídia. Em Alagoas os órgãos de mídia jogaram apoio ao candidato desde o primeiro turno. Em chamada de capa na véspera do *Jornal de Hoje*, era exibida a frase "Eleição em Alagoas: Collor e os outros". O jornal aqui chama a responsabilidade dos eleitores para eleger um candidato "da terra" e quase acusa os votos em outro candidato como votos ressentidos e pessoais:

"Por isso, em Alagoas, o pleito está dividido entre Collor e os outros. Ou se vota em Collor ou não se vota em Collor. Para não votar, o eleitor nem examina os prós e os contras. Exceção para aqueles que tem ideologia. Não quer saber se o seu escolhido, estranho à terra, merece confiança, se seu discurso, na prática, é verdadeiro."²⁰⁷

Segundo o jornal, o voto contra Collor é ideológico, contra a terra, rompe com o sentimento de unidade constituído entre os habitantes de Alagoas. Expediente político de jogar para os outros a pecha de aferrados a conjuntos de ideias e não aos problemas reais. Diga-se de passagem que o argumento ganha autoridade em um período de Guerra Fria (em seu ocaso), e demonização do comunismo operada à décadas dentro do regime militar:

"Vota contra Collor, quase sempre, por haver sido frustrado em interesses pessoais ou numa pretensão qualquer. Se dispensa ao exame da conduta do seu preferido, na sua área de atuação, no seu campo anterior de atividade.

Assim se elege um Presidente da República, votando contra alguém."

O voto contra Collor é um voto contra. Não se concede ao adversário político a dignidade sequer de proponente de ideias contrárias. É uma diminuição completa do outro. A

²⁰⁷ Jornal de Hoje. 13/11/1989. p.1

imagem de Collor como o "Candidato de Alagoas" e a depreciação do candidato Lula ganha acento quando se anuncia o segundo turno. Em nova capa do jornal, agora no dia 20 de novembro, está estampado que "Collor de Mello leva Alagoas para a disputa final pela presidência":

"Collor afirmou que pode até mesmo trocar o seu candidato a vice-presidente, o mineiro Itamar Franco, se este for o desejo do PSDB de fazer aliança com o PRN. No entanto, o partido do senador Mário Covas não parece disposto a formar qualquer acordo com o partido de Collor, a julgar por nota oficial que fez divulgar ontem em vários jornais do país."²⁰⁸

Dias depois, o jornal publica os resultados oficiais da eleição no Estado:

"Em números absolutos Collor obteve 682.989 votos, mais do que o triplo da votação de seu adversário., que obteve 214.890 votos em todo o Estado. Em nenhum município Lula conseguiu superar a votação de Collor, mas ficou bem perto em Canapí, terra da família Malta, à qual pertence Rosane Malta, esposa de Collor, e Palestina. No primeiro a diferença entre os dois foi de apenas 120 votos, e no segundo a diferença foi de 151 votos.

"O número de votos brancos e nulos foi bem maior que no primeiro turno, e isso explica-se pelo momento decisório e pela diminuição considerável do número de candidatos. Se no primeiro turno era fácil o eleitor se confundir com uma lista de 21 candidatos, agora foi bem mais fácil, votar com apenas dois nomes na cédula de votação. O percentual de votos brancos foi de 1,59%, o que significam 19.309 votos, e os nulos foram 47.422 votos, um percentual de 3,92% do eleitorado do Estado."²⁰⁹

O cenário em Alagoas era de muita expectativa. À época, Alagoas contava com 1 milhão 272 mil e 398 eleitores, segundo o *Jornal de Hoje*²¹⁰. Dentro de um contexto acirrado, a mídia local também desempenhava papel de legitimar o candidato Fernando Collor. A partir da vitória eleitoral, o *Jornal de Hoje* seguia a sua cobertura, iniciando os resultados da apuração comemorando a vitória do jovem candidato:

"Os primeiros resultados finais das urnas apuradas apontam para uma vitória estrondosa do ex-governador Fernando Collor em Alagoas, sobretudo no interior do Estado, onde até ontem no final da tarde ele não tinha perdido para nenhum outro candidato, em nenhum município alagoano. O segundo lugar no Estado continua

²⁰⁸ Jornal de Hoje. 20/11/1989. p.1

²⁰⁹ idem.

²¹⁰ Jornal de Hoje. 15/11/1989

indefinido, assim como em todo o país, dando uma boa votação para Mário Covas, do PSDB, e acirrando a disputa entre Lula, do PT, e Brizola, do PDT."²¹¹

A aposta do jornal na figura de Mário Covas como o segundo lugar das eleições se mostrou fracassada. Mas há o reconhecimento da disputa entre Lula e Brizola. Diga-se de passagem que esse desdém pelo PT não é compartilhado por outros analistas. Sílvio Leite, colunista de Brasília com espaço no mesmo jornal opina que as eleições, em um forte clima "anti-partido", "anti-governadores"²¹², dentre outros "anti". Só o PT e o PSDB, para o autor, sobreviveriam à hecatombe partidária. E elogia o Partido de Lula:

"O Partido dos Trabalhadores -- nunca é por demais repetir -- é o único de militância verdadeira, autêntica, coerente. Daí essa ascensão, eleição a eleição, além de pouco desgaste, menos desconfiança, enfim, maior projeção e conquistas de camadas, até então discriminatórias. A pujança conseguida nas eleições municipais do ano passado, aumentou nesta campanha presidencial."²¹³

Curiosa também é a cobertura de *O Jornal de Hoje* à segunda vinda do candidato Luís Inácio por Alagoas. O veículo registra que ele teve uma passagem rápida, uma pequena brecha entre o seu comício em Recife, muito mais significativo inclusive por coincidir com a ida de Brizola à capital Pernambucana. Depois de registrar que a equipe eleitoral do PT nem sequer passou em Alagoas, o jornal afirma que a caminhada do candidato acontecerá no horário da tarde, um péssimo horário, segundo os coordenadores locais de campanha, mas o único possível na agenda do ex-metalúrgico:

"A chegada de Lula em Maceió está prevista para as 14 horas e para não atrasar a programação os coordenadores de sua campanha no Estado decidiram não incentivar a ida de pessoas ao aeroporto e não fazer carreata. A concentração será na praça dos Martírios a partir das 14 horas, de onde sairá a caminhada pelas principais ruas do centro. Reconhecem os líderes dos partidos que integram a Frente, que o horário é inconveniente, uma vez que as pessoas estão ocupadas e por isso mesmo não programaram comício".²¹⁴

²¹¹ Jornal de Hoje. 17/11/1989. p.1

²¹² idem.p.2

²¹³ idem.

²¹⁴ Jornal de Hoje. 06/11/1989. p.5

Ainda assim, os representantes da campanha acreditavam que Lula faria um breve discurso no calçadão do comércio. Mas fica a impressão lendo a matéria de que Alagoas não era uma prioridade de campanha, e sim um destino de passagem em meio ao percurso nordestino do candidato. Outra matéria do mesmo jornal, porém, complementa que a caminhada sairá sem o candidato e encontrará com ele na praça da Catedral. O comício, que era atividade descartada em semanas anteriores foi incluído como atividade de campanha. A matéria diz ainda que:

"Esta é a segunda vez que Lula vem a Maceió em sua campanha. Ele foi o primeiro candidato a fazer comício na Capital alagoana (no Calçadão do Comércio) e ficou entusiasmado pela representatividade de sua candidatura, demonstrada pelo número de pessoas que o acompanhou em carreata, desde o Aeroporto dos Palmares até o Centro da Cidade."²¹⁵

Curioso que mesmo com o impacto positivo e com o registro de que por aqui se iniciou a campanha do Candidato ainda assim se faça uma passagem tão rápida, curta e sem muito corpo a corpo com os eleitores. Poderia aí estar um indicador de que Alagoas não seja, dentro do cenário eleitoral, uma prioridade petista.

O comício porém, pela cobertura do mesmo jornal, foi muito grande. Se as passeatas das Diretas, de cinco anos atrás, foi coberta pela mídia como uma atividade, na sua culminância, na passeata do dia 24, como uma atividade que contou com mais de 20 mil pessoas, o *Jornal de Hoje* registrou no comício de Lula no centro da cidade cerca de 15 mil presentes. O que significa dizer que uma ampla atividade, cívica e republicana, como ficou definida, suprapartidária, com diversas entidades, contou com apenas cinco mil atividades a mais segundo registro da imprensa. Em rápida entrevista para o citado meio de comunicação, Lula diz não acreditar na passagem do candidato Sílvio Santos ao segundo turno, visto por ele como um instrumento de Sarney. A matéria também registra que ele pensa que Collor também não irá para o segundo turno, embora não haja nenhuma citação explícita do candidato petista sobre o ex-governador de Alagoas. A matéria encerra com os votos de uma aliança entre Lula e Brizola, seu principal adversário à esquerda no pleito:

²¹⁵ Idem.

"Para o candidato da Frente Brasil Popular, que fez um comício em Maceió para cerca de 15 mil pessoas, o fato de estarem, ele e o candidato do PDT, Leonel Brizola, muito próximos na disputa eleitoral não inviabiliza uma aliança no segundo turno, que ele acredita, vira quase que automaticamente. É verdade que essa proximidade acirra o clima de disputa, e neste momento eles são adversários, lutando por uma vaga no segundo turno, mas a partir do resultado do primeiro turno ele acha que, automaticamente, os dois candidatos estarão juntos, um apoiando o outro que conseguir passar."²¹⁶

Mas se pegarmos a cobertura de outros jornais da época sobre o mesmo comício, vemos desmentida a matéria do *Jornal de Hoje*. Enquanto o outro jornal avisava que não haveria carreata, o *Jornal de Alagoas* cobre que não só houve a recepção no aeroporto como o comício na praça D. Pedro:

"A greve dos trabalhadores nas empresas de transportes urbanos da Capital não prejudicou a manifestação de apoio à candidatura de Lula, que foi recepcionado no aeroporto Campo dos Palmares, ontem, às 17h, por uma grande multidão, que o acompanhou em carreata até o centro da cidade. Na praça D. Pedro II, Lula falou para um público estimado em 30 mil pessoas.

"Aclamado por todo o itinerário, o candidato petista veio acompanhado do seu vice, Paulo Bisol, do presidente nacional do PCdoB, João Amazonas, e de lideranças do PSB, partidos que formam com o PT a Frente Brasil Popular."²¹⁷

No dia 11 de Dezembro de 1989, Lula esteve pela única vez no segundo turno em um último comício. Às vésperas do debate eleitoral, Lula se diz confiante para desmascarar Collor. O *Jornal de Alagoas* do dia seguinte cobre a vinda do candidato e o impacto político de sua passagem pela Capital de Alagoas:

"Num discurso de 35 minutos, Lula atacou Collor de Mello, domingo, na Praia de Pajuçara, no showmício que contou com Djavan e Chico Buarque de Holanda, grande público.

"O showmício da Frente Brasil Popular não teve nenhum esquema de segurança, porque as polícias Militar e Civil do Estado estão em greve por melhores salários, mas tudo transcorreu em clima pacífico, mesmo com algumas bandeiras de Collor sendo acenadas em meio aos petistas por seus partidários, antes de subir ao palanque, Lula conversou com os integrantes da Frente Brasil Popular sobre a situação crítica em que se encontra o Estado."²¹⁸

²¹⁶ *Jornal de Hoje*. 09/11/1989. p.5

²¹⁷ *Jornal de Alagoas*. 09/11/1989. p.1

²¹⁸ *Jornal de Alagoas*. 12/12/1989. p.1

Lula passou ao segundo turno após uma apertada disputa com Leonel Brizola. Terminou derrotado no segundo turno por Collor, que obteve 44% dos votos válidos. Foi uma campanha com forte apoio dos aparelhos de mídia e de empresas de todo o Brasil, porém. Com as estratégias que já aludimos anteriormente. Mesmo derrotado, estava feito: Lula era a principal liderança das esquerdas no Brasil, embora não isolado, com figuras como Brizola e Luís Carlos Prestes ainda possuindo larga influência, e o PT tornava-se o principal partido de oposição à esquerda do governo Collor e seu sucessor, FHC.

O resultado eleitoral surpreendeu o PT. Pouco antes, o partido havia realizado o seu VI Encontro Nacional, entre os dias 16 e 18 de Junho de 1989 em São Caetano. Ali foi elaborado um Plano de Ação de Governo que prometia a suspensão do pagamento da dívida externa, menciona o socialismo 46 vezes e promete ataques ao capital monopolista.²¹⁹ Mas o partido pensa principalmente nas futuras eleições como um momento para dialogar com a população e elaborar um discurso amplo.

4.2 O FORTALECIMENTO DO PT

Em uma eleição que contou com candidatos do PMDB (Ulysses Guimarães) ao PCB (Roberto Freire), passando por figuras como Maluf, Mário Covas e outros, a pequena coligação composta pelo PT e seus aliados PCdoB (agora aliados, depois de muito tempo de polarização, como vimos) e PSB o crescimento de Lula se deve também ao contexto de mobilizações, greves e enfrentamentos políticos. Destaca-se aí a repressão aos operários da CSN em 1988, greves em fábricas importantes como a Manesmann, dentre outros eventos. Sobrevivendo ao ataque ideológico forte da reação, Lula seguiu até o final da campanha em disputa com o candidato Collor, estando em empate técnico a disputa até a semana final, onde a fundamental incursão da Globo decidiu o pleito.

É a partir desse marco que os relatos colhidos em nossa pesquisa começam a apontar para um crescimento do PT realmente significativo no Estado. A partir desse fortalecimento no campo eleitoral nacional o PT começa também a se fortalecer em território alagoano:

" Nos anos 80 o partido era fraco. Eu digo a você que nos anos 80 nós não conseguimos legalizar na década de 80... 82, () nós não conseguimos legalizar o partido época, não. Como eu disse a você, a gente teve que (...) Ronaldo Lessa, Selma Bandeira, (...) PMDB (...). Depois quando o partido começou a disputar as

²¹⁹ SECCO. Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Ateliê editora.2011. p. 133

eleições para prefeito nas capitais, o candidato foi Ronaldo Lessa, o vice foi Heloísa Helena, foi que o partido começou a deslanchar, foi que o partido começou a realmente ser.... ser muito influente, ser uma força política no Estado de Alagoas, foi a partir dessa... fizemos deputado, senador, fizemos deputado federal, estadual, fizemos prefeito, vereadores, na capital, foi a partir daí que o partido começou a crescer, chegou a virar... virou a senadora da república, foi a Heloísa Helena." (Adelmo dos Santos)

Adelmo, de forma imprecisa, colocando inclusive Ronaldo Lessa como um candidato do PT, o que ele nunca foi, começa a destacar nas disputas eleitorais da cidade uma maior inserção do PT. Destaque inclusive para a figura de Heloísa Helena, que cresceria muito nas lutas contra o governador do PSDB Divaldo Suruagy nos anos 1990 e cresceria em escala nacional quando rompeu com o PT para fundar o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e disputar a presidência em 2006.

Tutmés Airam também vê na atuação de Heloísa como vice-prefeita um ponto de virada na trajetória do PT no Estado:

"Heloísa, né? Que foi a vice do Ronaldo, né? E pela atuação dela como vice-prefeita que catalisou muito as coisas assim pra o fortalecimento da... não só da aliança de esquerda que se formava né, mas, propriamente até do PT. E coincidiu também com um dado muito importante, e isso precisa ser registrado, que foi o ingresso de uma parte significativa da militância do PCdoB, né?, que rachou porque, enfim, o PCdoB resolveu pragmaticamente apoiar pro governo do Estado Fernando Collor e o preço dessa decisão política foi, acabou sendo um racha tremendo, né?, na legenda."(Tutmés)

Então, jogando para os anos 1990 o que seria o crescimento do PT, dentro dessa narrativa, está aqui também mais uma vez o conflito com o PCdoB, desta vez através da ruptura narrada por ambos os militantes, que dá conta de uma entrada de muitos filiados do PCdoB ao PT. Esse deslocamento é mencionado por Tutmés quando questionado sobre o cenário de crescimento do Partido dos Trabalhadores no Estado. Vemos que essa polêmica nunca deixou de ser uma tônica nas relações, e mesmo o crescimento do Partido é registrado após a perda desses ativistas do PCdoB para a nova -- agora já não mais tão nova -- organização:

"... E, essa parte muito significativa dos militantes, alguns militantes históricos do PCdoB acabaram dentro do PT, né? E deu ao PT uma... Fortaleceu o PT do ponto de vista sindical, né? Porque até então a gente não tinha, assim, grande

penetração em alguns sindicatos, enfim, né?, e fortaleceu o PT como um todo, né? Tinham pessoas importantes, lúcidas: Thomaz Beltrão; a própria Heloísa que era área de influência do PCdoB, na época, na universidade; Edberto Ticianelli, tinha sido um combativo vereador aqui em Maceió, né?; o Mário Agra, que hoje tá no PSOL, né?, é dirigente do PSOL. Enfim, um pessoal, uma galera muito boa, inclusive do movimento estudantil. Não sei se... Fortaleceu o PT, né?, fortaleceu bem o PT, a postura do PT dentro da aliança de centro-esquerda também foi muito boa, administrativamente se destacou bastante, não é?, e aí a gente foi se fortalecendo, né? Deixamos de ser, assim, um partido... um partido inexpressivo do ponto de vista eleitoral e até mesmo do ponto de vista de base sociais, né?, pra ser um já protagonista, né? Eu acho que foi aí a grande virada, foi uma virada que começou, que teve como mote o movimento das diretas." (Tutmés Airam)

Claro que dentro desse contexto não poderia faltar a relação com as campanhas de Lula, especialmente a de 1989. Tutmés se emociona ao narrar o que foi a experiência de "1988":

" Foi. Foi a partir daí. A partir daí. E a gente aqui também coincidindo com o crescimento e a consolidação do PT no Brasil como um todo, né? E aí vieram as célebres campanhas do Lula, né? A mais bonita delas que foi a de 88, né? Foi uma campanha belíssima, né? Os comícios eram, assim, coisas emocionantes, não é? E já naquela época, não é, vamos dizer, há alguma coisa que surgia de novo no horizonte político, né? Irradiou o Brasil todo, né? Crescemos nacionalmente e crescemos aqui, né? E deixamos de ser uma coisa de alguns poucos, né? Idealistas, né? Pra ser realmente uma legenda que também em Alagoas teve que ser uma legenda levada a sério, né? Protagonista da cena política, né? Então é isso. As diretas possibilitaram esse salto de qualidade." (Tutmés)

O passado "idealista", de "alguns poucos" era deixado pra trás em função de uma legenda que passava a ser "levada a sério", "protagonista". Sendo as diretas a campanha que proporcionou, para o narrador, esse salto de qualidade, a campanha de 1988 aparece como a culminância de toda a luta dos anos 1980. Toda a canalização do partido é eleitoral, reforçou-se. Não há menção ao crescimento de lutas urbanas, movimento estudantil, sindical. O que se valoriza é a trajetória institucional na maior parte do relato.

Mas a campanha de 1989 tinha, nos discursos de Lula e nos documentos oficiais de campanha, outro sentido. Se as diretas foram para muitos a culminância das indignações com a ditadura, a insatisfação social e econômica de grande parte da população canalizadas para a luta pela democracia, houve um esforço consciente por parte da direção nacional do PT de fazer da candidatura de Lula um momento de disputa contra o Governo Sarney que contemplasse todos os movimentos sociais. A candidatura de Lula era sempre acompanhada

de um chamado pela luta popular, como na "Carta Aberta ao povo Brasileiro" lançada em seu 5º encontro Nacional:

" Vamos garantir os direitos do povo na Constituição. Vamos sair às ruas para impedir que Sarney permaneça no poder por mais de quatro anos. Vamos às ruas para lutar pelos direitos dos trabalhadores, pela estabilidade, pelas 40 horas, pelo direito à moradia, pela reforma agrária, contra o pagamento da dívida externa. Trabalhar pela candidatura de Lula é lutar pela conquista desses direitos. O PT conquista cada vez mais a confiança do povo porque tem sido coerente, tem acertado em suas previsões, não se deixou enganar pelo Colégio Eleitoral nem pelo Plano Cruzado . O PT tem dado provas de firmeza na luta sindical junto à CUT, no movimento popular e na atuação corajosa e limpa de seus 16 deputados na Constituinte."²²⁰

Sistematizando nossas reflexões, o gráfico a seguir mostra de forma mais precisa o crescimento do PT no Estado após a eleição de 1989. Vemos que as afirmações dos entrevistados de que os anos 1990 foram mais pujantes e de maior dinâmica partidária não são equivocados:

Gráfico 1 – Número de Filiações do PT Obtidas por Ano no Estado de Alagoas de 1981 a 2016.

²²⁰ Disponível em : <http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/5.perseu8.documentos.pdf>. Acessado dia 06/10/2016.

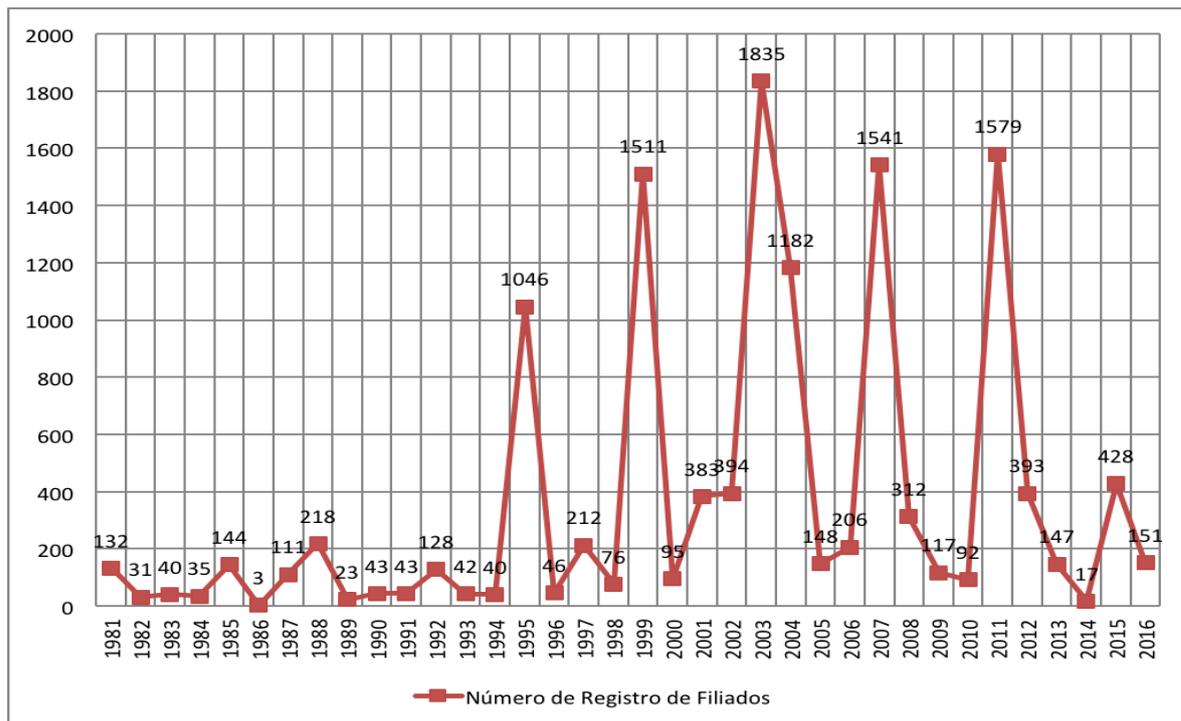


Gráfico sistematizado com base nos dados²²¹ disponíveis no Portal Brasileiro de Dados Abertos <<http://dados.gov.br/>> Acesso em 15 de Setembro de 2016. Elaboração: Wibsson Ribeiro Lopes.

É somente em 1995, depois do ano eleitoral, que vemos um verdadeiro salto no número de filiados no Estado. Antes disso, identificamos dois períodos de crescimento elevado. O primeiro dele é no ano de 1985, com a quase quintuplicação no número de filiações, provavelmente um saldo político da campanha das Diretas. Depois, no ano de 1988, provavelmente com o forte clima de preparação para a disputa eleitoral de 1989, haja visto que a candidatura de Lula já havia sido anunciada em 1987, no 5º encontro.

Muitas são as avaliações, dentre os nossos entrevistados, sobre o porquê desse baixo crescimento. Geraldo de Majella atribui ao caráter estudantil da organização, a preocupação com temas internacionais e a falta de lastreamento e preocupação com as questões locais como principal causa desse crescimento irregular:

"Eu creio que a própria forma como o PT se organizou, era um partido de estudantes essencialmente, hegemônico por estudantes e radicalizado. Então a discussão entre a derrubada do General Jaruzelski na Polônia era muito mais importante do que discutir como estávamos vivendo na situação política de Alagoas, estávamos vivendo os trabalhadores da Cana-de-açúcar, ou do Porto, ou dos metalúrgicos, etc. Então, se gastava horas discutindo a questão internacional, que é importante, não

²²¹ Três casos do banco de dados encontravam-se com as informações corrompidas e foram retirados dos dados

tem como negar, mas não era pra se discutir tanto tempo. Isso é um exemplo que pode ser até caricato, passados tantos anos, mas quem viveu aquela época sabe o quanto de energia que se desprendia nessas discussões quase que estéreis e o quanto de luta interna se fomentou em torno de questões que não tinham nenhum indicador prático aqui pra Alagoas. Por exemplo. Então você tinha essa discussão em São Paulo? Tinha. Você tinha essa discussão nos congressos da UNE? Tinha. Mas você tinha coisas mais concretas de como resolver problema estudantil, resolver problemas de organização de estudantes em tal Estado tal, local, situação da oposição sindical em determinados momentos de Belo Horizonte, de São Paulo, Rio de Janeiro, ou aqui em Alagoas, mas quando você tinha esse grupo de dirigentes e de estudantes naquela época tanto no diretório de Maceió quanto no Diretório Estadual, se polarizava em torno dessa discussão. Como eram vários grupos de origem trotskista, a discussão internacional acabava prevalecendo diante de questões locais que eram questões importantes. Não quer dizer que não era pra ser discutido não, você podia discutir aquilo lá em meia-hora, uma hora, mas você tinha horas, dias discutindo isso, meses, e sem nenhuma importância do ponto de vista da organização partidária. Então o PT não cuidou da sua organização. Ele tinha um grande capital que era não ter o anticomunismo como seu opositor, não tinha símbolo como a foice e o martelo, era um partido com um nome fantástico, nome dos trabalhadores, nascido no meio dos trabalhadores, com um apelo de classe média muito grande, que podia também chegar nos outros trabalhadores, das várias categorias aqui de Alagoas, sem grandes problemas. Só que quem tava dirigindo não tinha essa percepção. Essa é a minha leitura de porque o PT não cresceu tanto ou cresceu efetivamente de maneira sustentável na década de 1980, por exemplo. Não sei se essa é a melhor interpretação mas é a que eu tenho no momento." (Geraldo de Majella)

Majella credita talvez exageradamente a importância dos ideais trotskistas no Estado, e ainda assim apresenta uma visão caricata das organizações. Exagerada também é a imunidade da organização ao anticomunismo, já que como vimos o Partido sofre diversos ataques da imprensa e das elites. Mas parece acertada, por tudo que vimos, a caracterização do PT aqui no Estado como "um partido de estudantes essencialmente, hegemônico por estudantes e radicalizado." Diversos outros trechos dos depoimentos atestam esse caráter. O PT em Alagoas foi um Partido majoritariamente de classe média urbana. Esta foi a principal face do Partido no Estado. Seu crescimento esteve lastreado pelas possibilidades organizativas que essa localização de classe lhe fornecia. Daí que o crescimento do Partido tenha dado saltos de qualidade principalmente com as conquistas parlamentares, a partir delas o Partido registra um maior número de adesões e filiações. Organizando em séries de cinco anos fica melhor ainda a visualização deste salto:

Gráfico 2 – Total das Filiações do PT Obtidas no Estado de Alagoas – 1981 a 2016 – Serie Temporal de 5 anos.

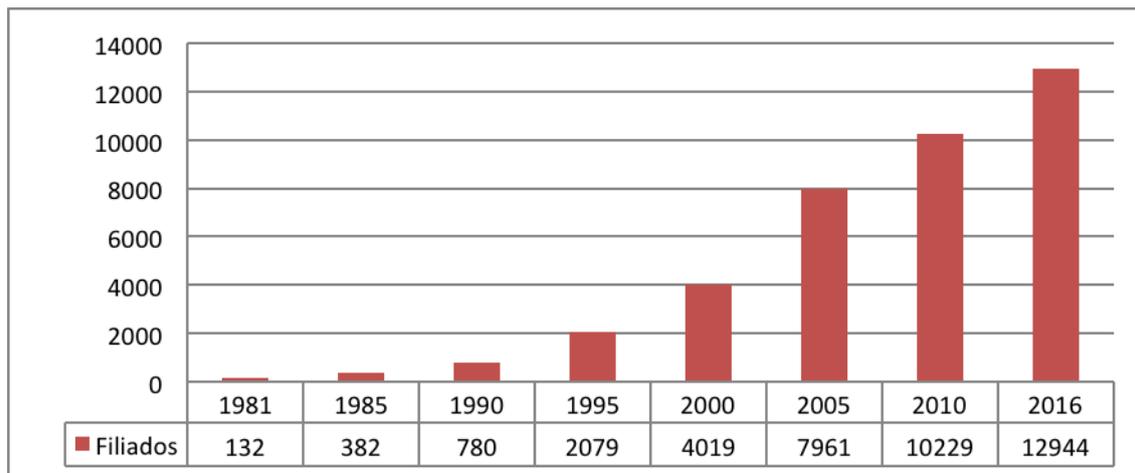


Gráfico sistematizada com base nos dados²²² disponíveis no Portal Brasileiro de Dados Abertos <<http://dados.gov.br/>> Acesso em 15 de Setembro de 2016. Elaboração: Wibsson Ribeiro Lopes.

Vemos que a partir do intervalo entre 1985 e 1990 as filiações vão no mínimo duplicando em quantidade. Creditamos essa virada principalmente as intervenções parlamentares, que saltam de qualidade com a vice-prefeitura de Heloísa Helena e, pouco antes, a campanha eleitoral de Lula em 1989.

Ricardo Coelho avalia que houve erros durante esse período que justificariam esse baixo crescimento. Para ele, o PT se constituiu como um Partido de fora, de uma realidade distinta da alagoana. O PT alagoano não soube aproveitar, em sua visão, a força do movimento do campo, tradicional em Alagoas. A avaliação também é positiva, mas esses aspectos são sublinhados:

Olhe, o balanço é que o Partido, ele surge com influência de... do meio externo, com influência de São Paulo, do movimento de São Paulo Minas, Rio Grande do Sul... Mas Alagoas é um Estado muito conservador. Um Estado agrário, um Estado com usineiros, com grandes latifúndios...Então não havia bases sociais muito fortes para o surgimento de um Partido como o PT com uma proposta alternativa, uma proposta de independência de classe, uma proposta de organização dos trabalhadores para a construção de um projeto político. Então eu acho que, esses fatores, e além da falta de uma tradição histórica de luta de esquerda aqui em Alagoas, que era muito incipiente, não permitiram que a gente crescesse como cresceu em outros Estados. Como cresceu na Bahia, como cresceu em Pernambuco, inclusive, até em Sergipe. É lógico também tivemos alguns problemas de lideranças políticas, nossas lideranças políticas não tinham grande formação, o pessoal do movimento estudantil sem muita experiência também prejudicou a nossa participação nesse momento, esse momento inicial. Eu acho que depois de 86 acho que a gente vem criar corpo, criar força mais a partir dessas experiências que vêm. Agora, as experiências iniciais não foram boas. A minha avaliação é que deixaram a desejar, mas que foram fruto das nossas limitações que a gente tinha naquele momento. Éramos muito novos, apenas uns

²²² Três casos do banco de dados encontravam-se com as informações corrompidas e foram retirados dos dados

estudantes, e a gente assumiu o PT, a gente, eu assumi a direção municipal do PT em 85; o Tutmés, a estadual em 87. Então, a gente muito jovem terminou assumindo a direção do Partido pela falta de experiência política, de capacidade política de outros companheiros. E a gente também não tinha isso, e fomos fazendo da forma que a gente teve condição de fazer. (Ricardo Coelho)

Além do ponto de que uma direção muito jovem assumiu a condução do PT, Ricardo Coelho, concordando com afirmação dada também por Alice Anabuki, fala sobre a carência de formação política como um fator importante para analisar os erros iniciais na construção do PT:

Acho que há erro. Primeiro erro foi a falta de formação política. Nós não, talvez até

| Estado | 1980/1990 | 1991/2000 | 2000/2016 | S/ Data | Total |
|---------------|------------------|------------------|------------------|--------------------|--------------|
|---------------|------------------|------------------|------------------|--------------------|--------------|

por não tê-la, né?, a gente não priorizou a formação política. Organização de base, como o PT tem a ideia do núcleo de base, naquela época os núcleos eram uma das propostas principais do PT, até por influência das CEB's, então, nossa ideia de criar núcleos... nós criamos muito poucos núcleos aqui. Nós não tivemos formação, nós não tivemos núcleo... e também, nós não tivemos.. também até porque nós éramos muito pobres, a verdade era essa (risos), a gente não tinha condição de... até de viajar era difícil pra ir pro interior, pra poder... Então, nós não tivemos força política, mobilidade para uma construção que é, que o momento exigia, o momento de uma construção de um Partido como esse exigia, ela nos faltou. Nos faltou eu acho que, os nossos grandes problemas além do problema conjuntural de Alagoas e estrutural, que era não ter uma grande tradição de esquerda no começo de história, não ter um movimento agrário forte, já que nós éramos tão agrários na nossa economia, tão agrária, nós não tínhamos, deveríamos até ter uma resposta do movimento agrário, que não tínhamos. Então, o PT surge aqui mais por influência de fora de que por as... necessidades políticas daqui de Alagoas. (Ricardo Coelho)

As condições materiais são diversas vezes retratadas pelos entrevistados.

Ricardo Coelho volta mais uma vez ao tema. Estas condições materiais estariam sanadas também com as eleições parlamentares, já que as verbas de gabinete possibilitariam uma estrutura sustentável para a agremiação. Ricardo Coelho também opina que o PT foi um partido pensado "de fora", ou seja, aquilo que constituía a realidade alagoana não se coadunava com o que ele chama de as "necessidades políticas" do Estado. Certo ou errado, é fato que o PT não se aproximou do campo como em outros locais, estando distante do mesmo.

Uma outra forma de visualizarmos a discrepância em tamanho do PT alagoano com outros Estados, além do caráter diminuto da organização, é através da visualização apresentada pelo seguinte gráfico:

TABELA 3 - Número de Filiações do PT Obtidas Regiões Nordeste e Sudeste de 1981 a 2016.

| Região Nordeste | | | | | |
|----------------------------|-------|--------|--------|------|--------|
| Alagoas | 737 | 3187 | 9020 | 3 | 12947 |
| Bahia | 10163 | 19949 | 78483 | 256 | 108851 |
| Ceara | 6277 | 20059 | 73262 | 178 | 99776 |
| Maranhão | 1233 | 5607 | 30679 | 97 | 37616 |
| Minas Gerais | 28472 | 61374 | 135337 | 721 | 225904 |
| Paraíba | 3469 | 7043 | 26473 | 957 | 37942 |
| Pernambuco | 6935 | 13933 | 49234 | 767 | 70869 |
| Piauí | 1718 | 6574 | 24954 | 54 | 33300 |
| Sergipe | 1161 | 4502 | 15032 | 0 | 20695 |
| Região Sudeste | | | | | |
| Espírito Santo | 5716 | 7396 | 17927 | 96 | 31135 |
| Rio de Janeiro | 14935 | 104116 | 21247 | 477 | 140775 |
| Rio Grande do Norte | 1695 | 4496 | 10517 | 43 | 16751 |
| São Paulo | 79921 | 90948 | 290311 | 1318 | 462498 |

Tabela sistematizada com base nos dados²²³ disponíveis no Portal Brasileiro de Dados Abertos <<http://dados.gov.br/>> Acesso em 15 de Setembro de 2016. Elaboração: Wibsson Ribeiro Lopes.

É claro que devemos fazer a ressalva de que Alagoas é um pequeno Estado, com um menor número de Eleitores que muitos outros. Mesmo assim, na comparação com Estados pequenos com Sergipe, vemos o raquitismo da organização. Apenas depois das décadas de 1990 e no século XXI o PT alagoano vai ter um número de filiados mais próximo ao de outros Estados do Nordeste, mas ainda assim manterá a lanterna na quantidade.

O próximo gráfico compara os números de filiados apenas na região nordeste:

Gráfico 4 – Número de Filiações do PT Obtidas na Região Nordeste por Estado de 1981 a 2016.

²²³ Os casos registrados como S/ Data são aqueles que as datas informadas no banco de dados encontram-se equivocadas, ilegíveis ou não informadas.

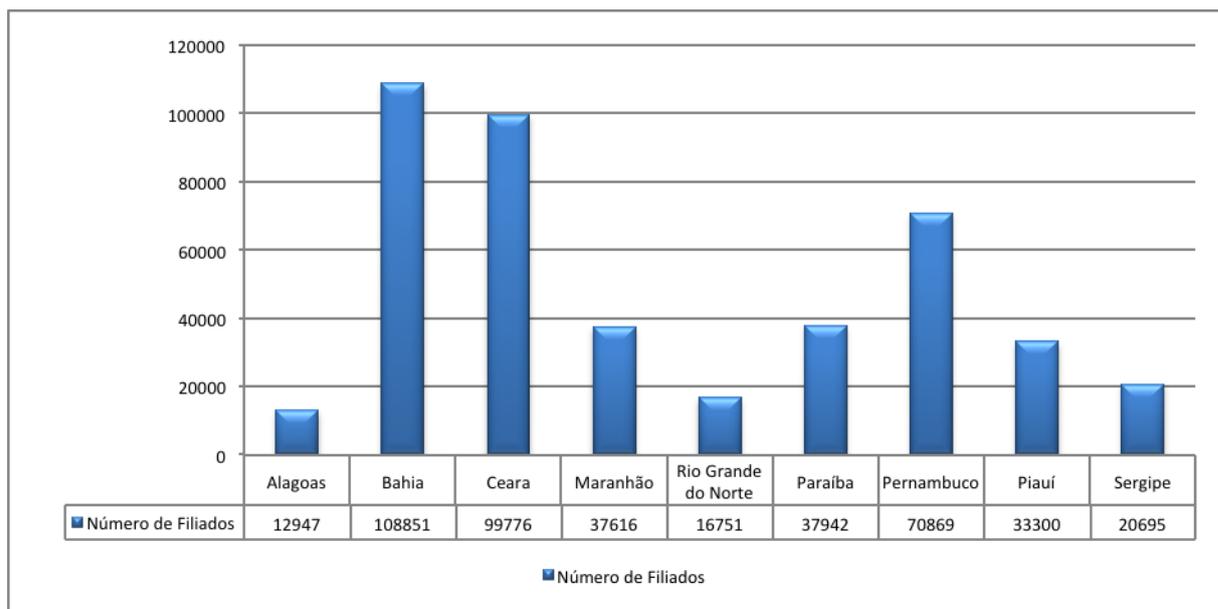


Gráfico sistematizada com base nos dados disponíveis no Portal Brasileiro de Dados Abertos <<http://dados.gov.br/>> Acesso em 15 de Setembro de 2016. Elaboração: Wibsson Ribeiro Lopes.

Vemos assim a baixa quantidade de filiados em Alagoas, com oito mil filiados a menos que Sergipe, em 2016.

Este outro gráfico comparativo, por sua vez mostra a organização quinquenal de número de filiados:

Gráfico 7 – Número de Filiações do PT Obtidas nas Região Nordeste e Sudeste por Estado de 1981 a 2016.

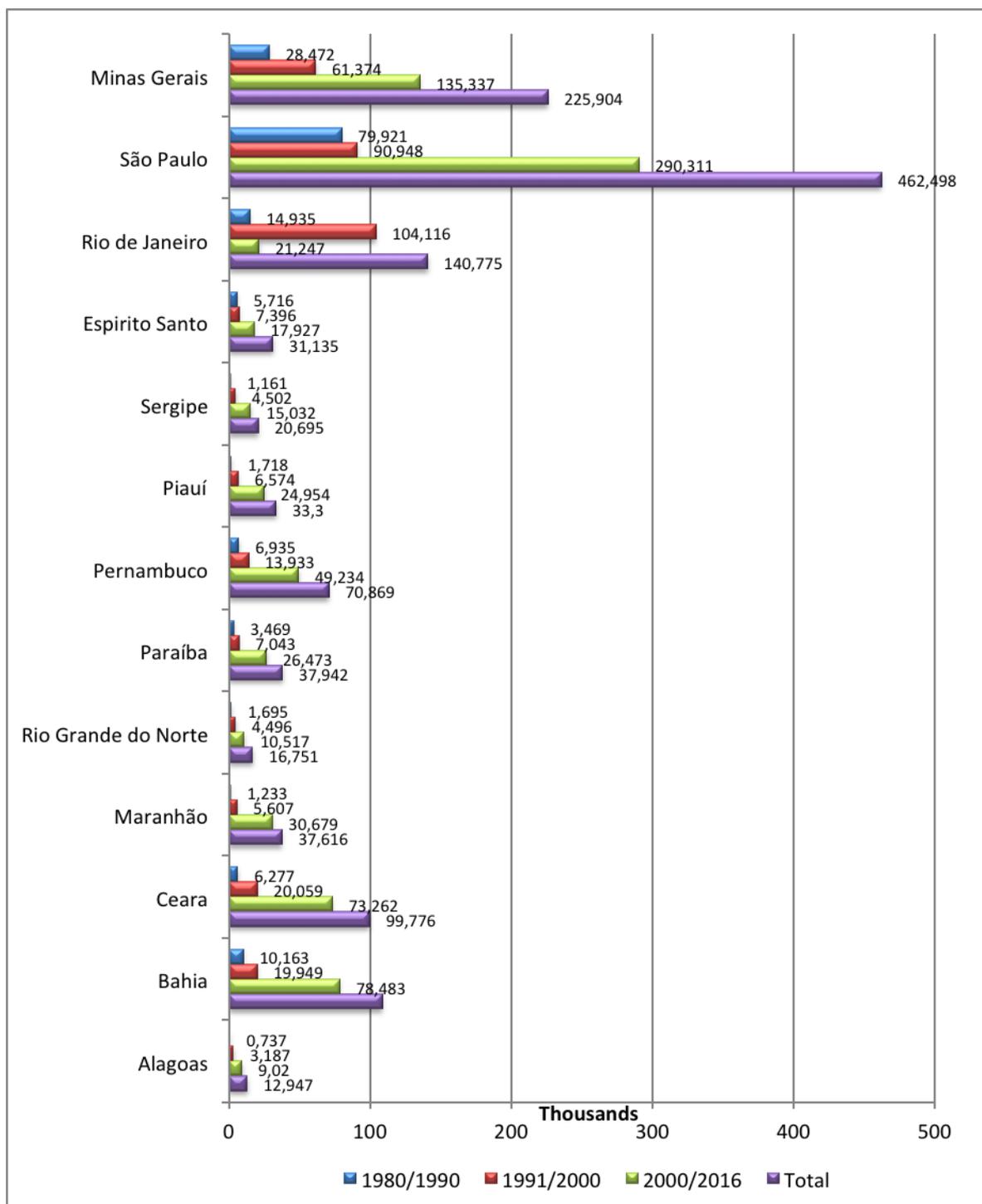
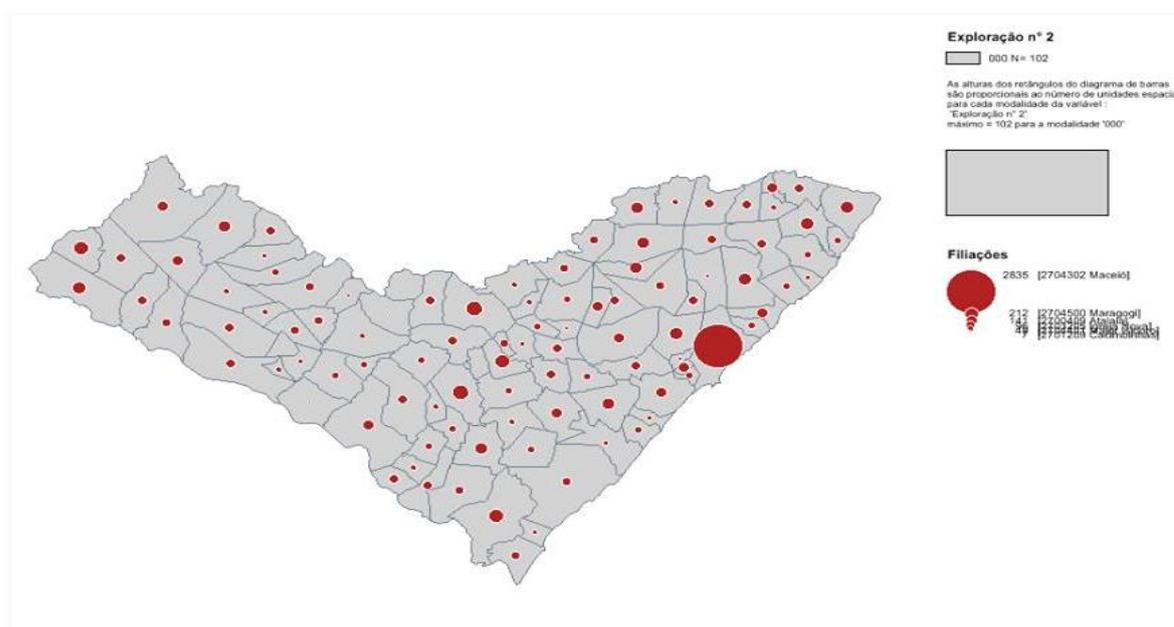


Gráfico sistematizada com base nos dados²²⁴ disponíveis no Portal Brasileiro de Dados Abertos <http://dados.gov.br/>> Acesso em 15 de Setembro de 2016. Elaboração: Wibsson Ribeiro Lopes.

²²⁴ Para a elaboração deste gráfico foram desconsideradas as filiações que não apresentavam dados relativos a data de filiação pois as mesmas não poderiam ser adicionadas as sereis temporais elencadas, tais filiações

Por fim, a imagem a seguir mostra a distribuição dos filiados no Estado de Alagoas. Note-se a grande concentração na Capital, Maceió, e a desigual e diminuta distribuição na zona rural:

Figura 1 - Distribuição dos filiados do Estado de Alagoas.



Fonte: Figura esquematizada com base nos dados²²⁵ disponíveis no Portal Brasileiro de Dados Abertos <http://dados.gov.br/>> Acesso em 15 de Setembro de 2016. Elaboração: Wibsson Ribeiro Lopes.

Vemos assim comprovada a visão de um partido fortemente concentrado na capital do Estado. Porém, se diminuto em outras cidades, ainda assim é incontestável sua disseminação pelo interior e por todo o território alagoano, ainda que, frisamos, diminuto

podem ser observadas na tabela 4. As três séries temporais escolhidas 1980-1990, 1990-2000 e 2000-2016, foram elencadas por apresentarem momentos distintos do Partido dos trabalhadores na política nacional.

²²⁵ Para a elaboração deste gráfico foram desconsideradas as filiações que não apresentavam dados relativos a data de filiação pois as mesmas não poderiam ser adicionadas as séries temporais elencadas, tais filiações podem ser observadas na tabela 4. As três séries temporais escolhidas 1980-1990, 1990-2000 e 2000-2016, foram elencadas por apresentarem momentos distintos do Partido dos trabalhadores na política nacional.

5 CONCLUSÃO

O evento das Diretas tem vultuosidade. A partir dele, há uma abertura na visão da memória petista. As massas ganham as ruas. O velho regime militar se enfraquece. O PT aparece como uma força política viável. Vimos que o PT alagoano foi organizado, em seus primeiros passos, por sindicalistas e estudantes, funcionários públicos e intelectuais. Depois, as portas se abririam para que o Partido assumisse sua forma atual. As Diretas ocupam, na memória de todas as nossas fontes, uma força impressionante. É a partir das Diretas que o PT assume espaço político, enfim.

Esse espaço político se amplifica com as Eleições de 1989. O PT é alçado pelos temas nacionais. Ganha relevância, peso político na cidade. Aumenta seu número de filiados, obtém parlamentares, ganha militância das bases do PCdoB. A partir daí, o Partido se estrutura como a direção das esquerdas em Alagoas.

Em contraste, os tempos de legalização do Partido são vistos como terríveis. Despolitização, escassez econômica. Mas também são os tempos do "PT das origens" evocado por Alice Anabuki, do classismo. São tempos que Tutmés Airan caracteriza como "puristas". Tempos em que não há alianças, há uma visão "muito fechada".

Vimos como, para Ricardo Coelho, a explicação para esse momento do PT, sem enraizamentos, estaria na ausência de uma classe trabalhadora organizada. Operação de enquadramento de memória. Vários outros intelectuais e dirigentes construirão esta explicação. Neste raciocínio, a razão da inexpressividade do PT em Alagoas, segundo vários de seus dirigentes, como Paulo Fernando dos Santos (Paulão), ex-dirigente sindical e deputado federal, estaria na própria constituição econômica do Estado de Alagoas. Sem uma classe operária forte, a grande base social do PT, o estado não veria o Partido ter o mesmo desempenho que em outros estados de maior industrialização. Da mesma forma, a ausência de distribuição de renda não poderia construir uma classe média forte, a outra parte da fundamental base social que constitui o PT na maior parte dos estados.

Sem essa classe operária, o que seria o PT? Sindicatos, principalmente de funcionários públicos, depois da fundação da CUT. Os mandatos parlamentares, a partir do crescimento eleitoral nos anos 1990, que se dá com o paulatino abandono do espírito de Sion e a aproximação do que será, em 2002, o espírito do Anhembi.

São os tempos de adaptação ao Pemedebismo. Tempos em que o PT passa a entrar na Cultura Política de blindagem do sistema político, conduzida pelo "centrão" e pelo PMDB. São tempos de adaptação à ordem.

Assim, a memória política do PT alagoano é contraditória, como toda identidade política. Há o resgate das Diretas Já! com brilho nos olhos, a lembrança das grandes caminhadas com admiração. Mas a história do Partido no estado parece significativa apenas quando das eleições e do crescimento eleitoral. Alice Anabuki se afasta do PT de Alagoas nesse período e, quando volta ao Estado, não mais se considera da agremiação. Os demais vivem todo esse processo. Narram a monotonia do PT antes das Diretas, mas a trajetória que vislumbram é a de um fortalecimento político que só será questionado no cenário atual, de Impeachment e ódio ao governo Dilma.

O PT em Alagoas será um PT de Movimento Estudantil, de sindicalismo de classe média e oposições sindicais. Mais à frente, um PT de sindicalismo de servidorismo público e parlamentares. Essas serão as bases em que o Partido estará assentado em Alagoas. Não há os batalhões pesados da classe operária. Não há fortes setores produtivos em caráter significativo, mas sim residual. Este é o PT de Alagoas.

À luz de todas as informações que temos, podemos retomar a citação do dirigente político Paulão, utilizada na introdução deste trabalho:

Você não consegue ter uma esquerda forte se não tem bases sociais forte, uma classe média e uma classe trabalhadora fortes, se não tem uma distribuição de renda razoável." Explica o deputado ao questionar: "Como foi criado Alagoas? Alagoas foi separado de Pernambuco, que vivenciava a luta contra a escravidão, os ventos da revolução francesa, a visão industrial da Inglaterra, da Holanda, da França. E quem cria Alagoas? A elite pernambucana atrasada, que pega as melhores terras de Pernambuco e cria o Estado. Nosso problema é de nascedouro, vem de formação.²²⁶

Essa interpretação que condena o PT a um apagamento político devido à formação do Estado de Alagoas encontra-se, após a exposição de todos os argumentos que levantamos até aqui, em uma posição inválida. Vimos que as lideranças políticas do Estado apostaram na construção de candidaturas e lideranças alicerçadas nos movimentos urbanos de classe média. Vimos também a auto-crítica de dirigentes sobre a não aproximação com os movimentos do

²²⁶ Jornal *Gazeta de Alagoas*. Maceió, 14 de fevereiro de 2010.

campo, tão fortes e tão constitutivos no Estado. Vimos também a crítica de Ricardo Coelho e Alice Anabuki sobre a carência na formação política, um problema apontado por Lincoln Secco como uma dificuldade nacional do Partido. Mais ainda, vimos desde o começo que o PT teve que disputar seu espaço com o PCB, o PCdoB e com a organização do MDB e posterior PMDB no Estado. O tempo todo houve disputa política para a construção da organização e vemos agora que sem essa disputa não se entende a identidade política das esquerdas no Estado. Não obstante todas estas questões, ainda há a crítica feita por Ricardo Coelho, corroborada em alguns outros momentos da dissertação por outros depoimentos, de que o PT foi pensado como um Partido para o Sudeste, pouco ligado às questões próprias do Nordeste e de Alagoas. Como vemos, são muitas as questões e problemáticas que podem se resumir às escolhas e decisões tomadas pelas lideranças do PT dentro de uma conjuntura dada pela existência de outras organizações e pela força política do setor do agro-negócio. Mais do que a interpretação determinista e conservadora dada pelo dirigente petista, pensamos que esta interpretação é mais adequada para se visualizar historicamente o PT, inclusive abrindo espaço para que trabalhos futuros explorem ainda mais detidamente os problemas, visto que este trabalho, dado o pioneirismo, apenas faz apontamentos iniciais e amplos.

É nesse cenário que concluímos nossa dissertação, como uma contribuição a uma história que não é só a das vozes que ecoaram nesse trabalho, nem é só a daqueles que construíram o PT. É parte da história de Alagoas e do nosso Brasil, parte da vida de uma organização política que surgiu carregando o sonho e as esperanças de milhares de pessoas. É a história de pulsões que ainda se fazem presentes na nossa sociedade

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Tales. **Dilma Rouseff e o ódio político**. São Paulo: Hedra, 2015.
- ALMEIDA, Leda Maria de. **Rupturas e Permanências em Alagoas: O 17 de Julho de 1997 em questão**. Maceió: Edições Catavento, 1999.
- ANGELO, Vitor Amorim de. **A trajetória da Democracia Socialista: da Fundação ao PT**. São Carlos: EDUFSCar, 2008.
- ANTUNES, Ricardo & SANTANA, Marco Aurélio. **Para onde foi o "novo sindicalismo"? Caminhos e descaminhos de uma prática sindical**. IN: Motta, Rodrigo Patto Sá, Reis, Daniel Aarão & Ridenti, Marcelo. (org.) *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- ARCARY, Valério. **O Martelo da História: Ensaio sobre a insurgência da revolução contemporânea**. São Paulo: Editora Sundermann, 2015
- AVELAR, Lúcia. **As eleições na era da televisão**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v32n4/a05v32n4.pdf>
- BERSTEIN, Serge. **A cultura política**. IN: RIOUX & SIRINELLI (org.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- BURKE, Peter. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade estadual Paulista, 1992.
- CARVALHO, Cícero Péricles de Oliveira. **Alagoas 1980-1992: a esquerda em crise**. Maceió: EDUFAL/LUMEN/ENGENHO, 1993.
- CHAGAS, Juary. **Nem classe trabalhadora, nem socialismo - O PT das origens aos dias atuais**. São Paulo: Sundermann, 2014.
- COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o capital: o transformismo dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)**. São Paulo: Xamã, 2012.
- CORDATO, Adriano. **Uma história política da transição brasileira: da ditadura à democracia**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n25/31113.pdf>

COSTA, Hélio da. **O novo sindicalismo e a CUT: entre continuidades e rupturas**. IN: Revolução e democracia (1964...) Ferreira, Jorge & Reis, Daniel Aarão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CHAUVEAU, Agnés. TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. In: Chauveau, Agnés e Tétart Philippe. (Org.). Questões para a história do presente. Bauru: EDUSC, 1999.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **Diretas-Já: vozes das cidades**. IN: Revolução e democracia (1964...) Ferreira, Jorge & Reis, Daniel Aarão. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2007.

FARIA, Marcos Moutta de. **A experiência do movimento Convergência Socialista**. Campinas: cadernos AEL, n° 12. Trotskismo. 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História oral: velhas questões, novos desafios**. pág. 170. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. Novos Domínios da História. Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.

FRANK, Robert. **Questões para as fontes do presente**. In: Chauveau, Agnés e Tétart Philippe. (Org.). Questões para a história do presente. Bauru: EDUSC, 1999.

HARTOG, Francois. **Tempo e patrimônio**. p. 10-11. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a02.pdf>>

SCHWARZ. Lília. & STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das letras. 2015.

IASI, Mauro Luis. **As Metamorfoses da consciência de classe (o PT entre a negação e o consentimento)**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

MACEDO, Michelle Reis de. **Recusa do passado, disputa no presente: esquerdas revolucionárias e a reconstrução do trabalhismo no contexto da redemocratização brasileira**. Maceió: Edufal, 2014.

MAJELLA, Geraldo de. **Cadernos da militância: histórias vividas nos bastidores da política**. Maceió: Edufal, 2006.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **O Partido dos Trabalhadores e a conquista do Estado: 1980-2005**. In: Reis, Daniel Aarão e Ridenti, Marcelo (org.). História do Marxismo no Brasil.V.6. Partidos e movimentos após os anos 1960. Campinas: Editora da Unicamp. 2007.

MARTINHO, Francisco. Carlos Palomanes. **A armadilha do novo: Luís Inácio Lula da Silva e uma esquerda que se imaginou diferente**. IN: Revolução e democracia (1964...) Ferreira, Jorge & Reis, Daniel Aarão. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2007.

MENEGUELLO, Rachel. PT: **A formação de um partido, 1979-1982**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. **O MDB e as esquerdas**. IN: Revolução e democracia (1964...) Ferreira, Jorge & Reis, Daniel Aarão. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2007.

NETTO, José Paulo. **Pequena História da ditadura brasileira**. São Paulo: Cortez, 2014.

NOBRE, Marcos. **Choques de Democracia**. São Paulo: Companhia das letras. 2013.

_____. **Imobilismo em Movimento**. São Paulo: Companhia das letras. 2013.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf>.

_____. **Memória, esquecimento e silêncio**. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RÉMOND, René.(Org.) **Por uma história política**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIDENTI, Marcelo. **As oposições à ditadura: resistência e integração**. IN: Motta, Rodrigo Patto Sá, Reis, Daniel Aarão & Ridenti, Marcelo. (org.) A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SALES, Jean Rodrigues. **Da luta armada ao governo Lula: a história do Partido Comunista do Brasil (PCdoB)**. IN: Revolução e democracia (1964...) Ferreira, Jorge & Reis, Daniel Aarão. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo-Passado: Cultura da memória e Guinada Subjetiva**. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG. 2007.

SECCO, Lincoln. **História do PT**. São Paulo: Atêlie Editora, 2011

SINGER, André. **Sentidos do Lulismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SIRINELLI, Jean François. **Ideologia, tempo e história**. In: Chauveau, Agnés e Tétart Philippe. (Org.). Questões para a história do presente. Bauru: EDUSC, 1999.

WERNECK, Humberto (org.) **Vultos da República: Os melhores perfis políticos da Revista Piauí**. São Paulo: Cia das letras, 2010.